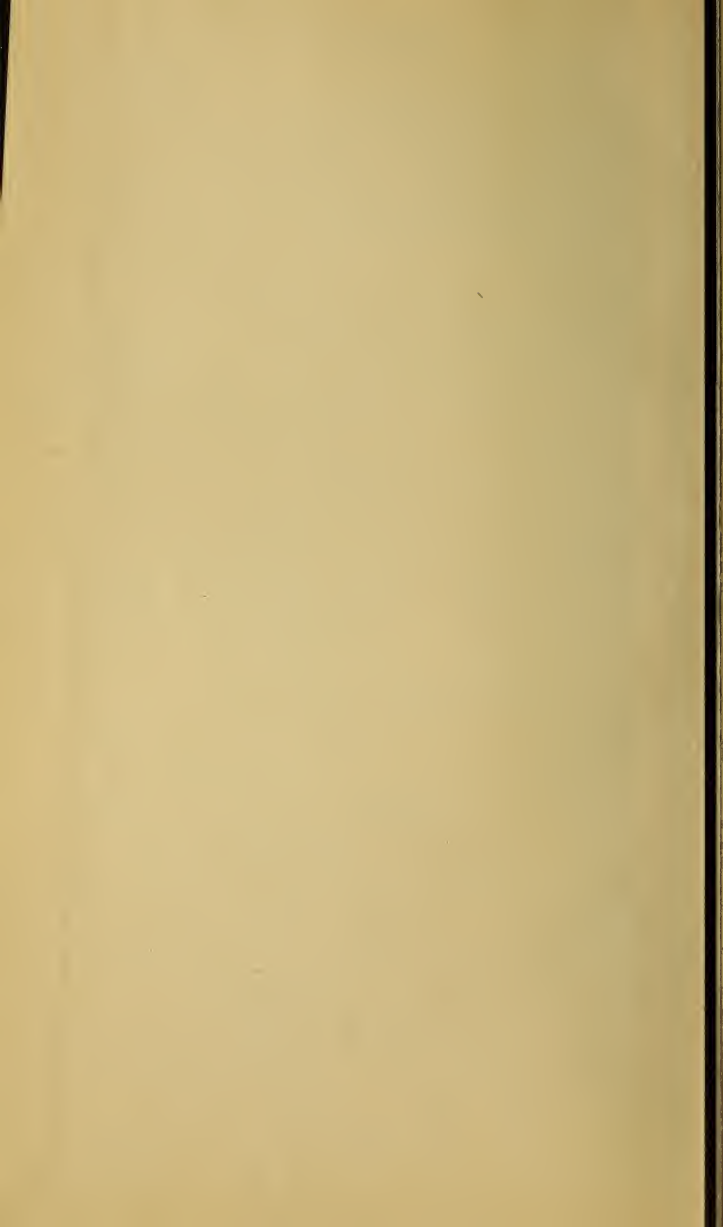




Class PQ 9261

Book .G634C3

1874



1/2 - B
F. GOMES D'AMORIM

1904
4121

CANTOS

MATUTINOS

TERCEIRA EDIÇÃO

LIVRARIA INTERNACIONAL

DE

ERNESTO CHARDRON
PORTO

EUGENIO CHARDRON
BRAGA

RIO DE JANEIRO:

B. L. GARNIER — A. A. LOPES COUTO

1875

CANTOS MATUTINOS

LIVRARIA DE E. CHARDRON

PORTO E BRAGA

EPHEMEROS

DE

Francisco Gomes de Amorim

1 vol. in-12.º 800 réis.

SONHO D'UMA NOITE DE S. JOÃO

(DRAMA EM 5 ACTOS E EM POESIA)

PELO SNR.

VISCONDE DE CASTILHO

1 vol. (*em typo elzeveriano*). 600 réis.

RAMO DE FLORES

POR

JOÃO DE DEUS

(ACOMPANHADO DE VARIAS CRITICAS DAS FLÔRES DO CAMPO)

1 vol. in-12.º 300 réis.

RELAMPAGOS

POR

CUNHA VIANNA

COM UM PROLOGO POR JOÃO PENHA

1 vol. 12.º 400 réis.

POESIAS

DE

A. GONÇALVES DIAS

5.ª edição augmentada com muitas poesias, inclusivè as Tymbiras, e cuidadosamente revista pelo snr. dr. J. M. e precedida da biographia do auctor, pelo rev. conego dr. J. C. Fernandes Pinheiro.

2 vol. in-12.º 2\$000 réis.

VERSOS

DE

FRANCISCO GOMES DE AMORIM

SOCIO DA ACADEMIA REAL
DAS SCIENCIAS

CANTOS MATUTINOS

~~~~~  
TERCEIRA EDIÇÃO  
~~~~~

LIVRARIA INTERNACIONAL

DE

ERNESTO CHARDRON

~~~~~  
PORTO

EUGENIO CHARDRON

~~~~~  
BRAGA

|
1874

PQ 9261
G634C3
1874

387270
'29

AMK
19 Apr 32

PREFACIO

DA

TERCEIRA EDIÇÃO

Ainda na segunda edição, de que se extrahiram, como da primeira, dois mil exemplares, o favor publico não desamparou os *Cantos Matutinos*. Profundamente reconhecido por tanta benevolencia, o auctor exforçou-se para que esta terceira faísse em tudo mais correcta do que as anteriores, expurgando-a não fô de alguns erros de linguagem, que n'aquellas tinham escapado, como tambem emendando os versos que lhe pareceram mais defeituosos e restituindo muitos d'elles á lição primitiva, por ser essa a mais natural e adequada ao titulo do livro.

Oxalá que a obra ficasse assim mais digna do acolhimento com que em Portugal e no Brazil tem sido honrada; ou, pelo menos, que os leitores se convençam de que o auctor, diligenciando

melhoral-a, não teve em vista fenão testemunhar-lhes a sua gratidão.

Dos muitos artigos de critica affectuosa, que faudaram o apparecimento da segunda edição, inferem-se n'esta terceira apenas dois, como homenagem de respeito á imprensa periodica. O primeiro é extrahido do *Diario do Rio*, e julga-se fer da penna do seu redactor o snr. Machado de Assis, poeta e profador dos mais illustres da nova geração d'além do Atlantico. O segundo, publicado no *Jornal do Commercio*, de Lisboa, attribue-se a um dos mais antigos e eruditos redactores d'aquella folha, o snr. Ribeiro Guimarães.

SEMANA LITTERARIA

Mencionamos hoje a segunda e recente edição de um livro de versos. O poeta nasceu portuguez, lá n'uma aldeia do Minho; a musa não, a musa veio elle enconral-a no feio das florestas americanas, á margem do Amazonas, coroada de flôres sylvestres, e tambem de algumas faudades roxas, que são as flôres de todos os paizes e de todas as almas. Suspirou com ella as penas do exilio, as aspirações da gloria, os enthusiasmos da

juventude. É um livro metade americano, metade europeu; mufa que despiu os ornatos de folhas verdes, para vestir o linho sagrado, sem perder n'esta civilização a formosura agreste e a ingenuidade nativa. São nossos em parte estes *Cantos Matutinos*; faudemol-os como taes.

O snr. Gomes de Amorim reuniu n'este livro de quasi 400 paginas todos os seus versos, desde os primeiros que suspirou na foz do Rio Negro até os ultimos que compôz no seu retiro de Portugal. A primeira edição trouxe um prefacio, que vem reproduzido n'esta segunda, como parte indispensavel da obra. O poeta conta ahi que azares da forte o trouxeram para esta parte do mundo, e por que feliz encontro veio a ser poeta. Nada mais sincero do que esse prefacio, que expõe fingelamente os factos, sem pretensão alguma, como se fosse uma conversa intima, com amigos. Livro sincero; recommendação de mais. Não resumiremos aqui a vida do auctor dos *Cantos Matutinos*; seria repetir aos leitores brazileiros aquillo que elles terão visto na primeira edição da obra. Chamaremos, porém, a attenção dos leitores para as aventuras que precederam á revelação poetica do snr. Gomes de Amorim, e essa como que influencia providencial que trouxe uma creatura atravez do Oceano, para baptisal-a com o fogo sagrado nó seio inviolado das florestas. Deixando

as terras em que nascera, apenas na idade de dez annos, fizeram-lhe timbre de voltar opulento e estabelecido. O snr. Gomes de Amorim transformou essas esperanças; voltou poeta. Era essa a vontade imperiosa do destino. Que outro nome lhe daremos, senão este, á circumstancia extraordinaria occorrida ao auctor dos *Cantos*, no meio de uma povoação das margens do Amazonas? O poeta foi achar em casa de uma familia indigena, e dentro de um cesto forrado com folhas de bananeira uns quatro ou cinco livros velhos. Entre esses viu o poema *Camões*, de Almeida Garrett. Foi uma revelação esse livro. Deixemos o proprio poeta narrar as impressões que recebeu, vendo pela primeira vez uma das obras mais formosas da nossa lingua:

«Aquelle poema transformou-me repentinamente, e sem eu saber como: principiei a ver de baixo de outro aspecto os rios, os lagos, as florestas e as montanhas. Pareceu-me que as flores derramavam maior perfume e se vestiam de mais vivas cores; que o céu e os astros brilhavam pela primeira vez aos meus olhos, e que toda a natureza tomava fórmulas novas e sublimes. Julguei entender o canto das aves, o murmurio das aguas, e o gemer da aragem entre as affluencias bravas e as mimosas pudicas. As harmonias do verso vibravam na minha alma; ouvia dentro em mim

outra voz, que balbuciava, traduzindo as minhas sensações por meio de palavras cortadas, vagas, incoherentes e inintelligíveis para o mundo, e que eu não fei como nem onde as aprendia. Cui-dei-as inspiradas por Deus, e fei que me foram reveladas por essa elegia sublime do grande poeta que já não vive.»

Tal é a fingela narração do poeta. Quem, fennão o destino, poria aquelle livro immortal dentro d'aquella casa do deserto? Desculpem se arrifcamos estas interrogações, que nos põem mal com os philosophos. A verdade é que o joven europeu, errante no feio da matta americana, aspirando os haustos puros do deserto, atirando ao arco, perseguindo a onça, fazendo-se homem primitivo, ouve repentinamente um ecco eloquente e faudoso da patria, e esse ecco tomava a fórma de um livro, escripto em uma lingua que devia fer desde então a lingua d'elle. Devia produzir-lhe profunda impressão aquelle fragmento da faudade, *gosto amargo de infelizes*, a elle, que por tão grande espaço de aguas estava separado dos seus. Fez-se poeta; foi essa a revelação. Conversão poetica, semelhante á conversão religiosa do apostolo, na intervenção do inesperado e do maravilhoso. Tudo concorria para tornar completa a revolução que se operou no espirito do auctor dos *Cantos*. Aprendia a poesia no proprio tem-

plo de Cybele: balbuciava-lhe a mufa no fanctuario da natureza. Esta é a originalidade da sua vida e a originalidade dos seus versos.

Mas quereis ver o que é a fymetria providencial? O mesmo poeta que o convertera, em tão estranhas circumstancias, foi o mesmo que annos depois exhalou em seus braços o ultimo suspiro. Entre um e outro havia um vinculo ideal, uma especie de paternidade litteraria, que foi a melhor influencia exercida no espirito de Gomes de Amorim. A aventura da villa de Alemquer determinou para sempre essa amizade intima e profunda, que ligou o auctor dos *Cantos Matutinos* áquelle que foi visconde na sociedade e principe nas letras. Conforcio tocante, que faz das duas existencias uma só biographia, e dá ao talento de ambos, com as differenças de proporção, um certo cunho de familia, honroso para o auctor dos *Cantos*.

A mufa do snr. Gomes de Amorim é de uma natural fingeleza, que faz lembrar, mesmo quando revolve as paginas da historia ou pisa os tapetes da fala, a patria agreste e rude em que modulou os seus primeiros cantos. Esta fingeleza é a sinceridade do livro. Não folhearemos pagina por pagina a nova edição, cumprindo apenas notar que o auctor corrigiu, refundiu, ou supprimiu algumas das peças que faziam parte da primeira.

Incomodos de faude, declara o auctor, não lhe deixaram fazer completo effe trabalho.

Dizer que o talento do snr. Gomes de Amorim é de bom quilate, e que o feu nome occupa um logar distincto nas letras portuguezas, é repetir uma convicção unanime. Basta ler os *Cantos Matutinos*, para receber a confirmação d'este juizo; e, se alguma vez um descuido de fórma apparece, compensa-se o descuido por muita cousa bonita e fingela, pura e original, em que abundam as paginas do livro. O poeta canta os espectaculos da natureza com um sentimento de admiração e de faudade, que é ao mesmo tempo o cunho e o destino da sua individualidade. Como elle proprio diz, na poesia em que se despede da America, a terra do exilio foi-lhe uma nova patria. De qualquer dos lados do Atlantico, em que elle estiveffe, ficava-lhe sempre ausente uma parte da alma. *A onda mensageira*, que é uma das mais bellas paginas do livro, dá-nos mesmo a entender que a faudade do exilio deve ter-se entendido um pouco além das payfagens e dos bosques. *O Adeus ao Pará*, não n'o occultaremos, causa-nos uma dôce impressão; e isso não só porque a poesia é das mais formosas do livro, senão tambem porque a lemos com alma de brasileiro. Que maior orgulho ha ahi, do que ver que o estrangeiro, apartando-se das nossas plagas, deixa n'el-

las uma parte do coração? Este, além d'isso, fez-se poeta debaixo do nosso céu, ao ruído dos nossos rios, no meio da vida rústica do nosso interior. Não sabemos, se aos compatriotas do poeta as paginas d'este genero produzem a mesma impressão que em nós. Ha nas nossas terras aquella virtude antiga que suppunha ferem os hospedes enviados por Jupiter. O auctor dos *Cantos Matutinos* encontrou alguns inconvenientes nos seus primeiros dias de residencia no Brazil, mas taes e tão poucos, que não podem ter destruido a ideia da nossa hospitalidade tradicional.

Poderíamos escolher, entre tantas, as poesias que mais nos impressionam e sensibilizam; muitas ha que merecem uma demorada apreciação. Já citámos o *Adeus ao Pará* e a *Onda mensageira*. Citaremos ainda o *Amazonas*, o *Deserto*, occultando muitas outras, que nos levariam a occupar maior espaço do que aquelle de que podemos hoje dispôr. O *Amazonas* é das mais completas do volume. O poeta contempla e enuméra todas as bellezas do grande rio, o leito e as margens, as aguas e as florestas. Prediz o futuro, suppõe ver em annos proximos o imperio da civilização entrar pela selva dentro e fazer do fantuario do deserto cidades populosas; descreve em algumas estrophes cheias, essa victoria da civilização. Mas o poeta vem logo depois do pro-

pheta. Como o nosso Bernardo Guimarães, na poesia *O Ermo*, o auctor dos *Cantos Matutinos*, conjura esse triumpho certo do genio dos povos, em favor do genio da solidão. Um dos mais bellos pedaços d'esta poesia são as estrophes que o auctor simula serem proferidas pelo grande rio. Para dar uma ideia do dizer singelo, melodia natural dos versos do snr. Gomes de Amorim, transcrevemos aqui os seguintes:

Minhas languidas selvagens,
 Astros do céu do Equador,
 A quem as brandas aragens
 Levam dos bosques a flôr,
 Não teem na face mimosa
 A côr vermelha da rosa
 Nem a alvura do jasmim,
 Mas teem a cutis morena
 Macia como assucena,
 Mais lisa do que o fetim.

Ha nos *Cantos Matutinos* algumas poesias maritimas, e são das mais apreciaveis, pelo movimento, colorido e originalidade. Em algumas d'ellas precisaria que o poeta déssê menos attenção ao elemento technico, e maior desenvolvimento ao espectáculo do mar; mas este reparo em nada attenua o valor d'essas composições, aliás correctas. Poesias descriptivas, poesias de amor, poesias de faudade, e mesmo algumas politicas,

enchem o volume dos *Cantos* e convidam á leitura dos conhecedores da arte.

O livro vem acompanhado de uma carta do snr. Antonio Feliciano de Castilho, o eminente poeta, que tem dotado a nossa lingua com tão peregrinas paginas. O collaborador de Ovidio nos *Amores* e nas *Metamorphoses*, fez ao auctor dos *Cantos Matutinos* uma observação exacta: é que este livro, em qualquer parte que se abra, attrahe desde logo a attenção do leitor; rara virtude essa, e que não affenta nem na pompa da linguagem, nem no arrojio da inspiração, mas unicamente no dizer singelo com que o auctor expressa sentimentos sinceros e puros. Este caracter especial dos *Cantos* parece derivar d'essa convivencia, ao principio intellectual, e depois tambem pessoal, com o auctor das *Folhas Cahidas*. A influencia exercida por Garrett no espirito do snr. Gomes de Amorim devia produzir este benefico resultado.

Estas linhas devem ser consideradas mais como noticia que como apreciação. A regra que nos impozemos n'estas revistas foi tratar sómente das obras brazileiras; os *Cantos Matutinos* entram n'essa cathegoria de obras, por sua origem e por seu caracter. O poeta começou a vida no meio dos nossos costumes, fez-se poeta no meio das nossas mattas; mesmo independente d'esse

espirito de universalidade que faz dos poetas cidadãos de todas as linguas e de todos os paizes, ha n'este condições especiaes que o recommendam especialmente á critica brazileira. O proprio auctor diz algures que tem duas patrias; e n'essa phrase resume a historia de sua vida. De nossa parte convimos n'isto: é que se elle teve duas patrias para cantar, tem duas para felicital-o.

(*Diario do Rio de Janeiro*, n.º 127.)

CANTOS MATUTINOS

Recebemos ha dias a segunda edição dos *Cantos Matutinos*, do fnr. Francisco Gomes de Amorim.

Esta nova edição está correcta e augmentada, e o auctor omittiu agora differentes poesias, e accrescentou outras sob o mesmo titulo, para melhor distribuição chronologica e de assumptos.

Acompanham esta edição uma carta do fnr. A. F. de Castilho e outra do distincto litterato italiano o fnr. Vegezzi Ruscala, dirigidas ambas ao fnr. Amorim.

O fnr. Amorim nasceu poeta, quando sentia as faudades da patria nas florestas do Brazil:

embalaram-lhe os primeiros cantos as auras puras dos bosques da America, e as vagas do Oceano; foltou as primeiras estrophes dos seus hymnos, quando a desventura punha á prova a robustez do seu espirito, no verdor dos annos; fentiu-se poeta, lendo e decorando Camões e o seu cantor, Almeida Garrett.

O fnr. Castilho compendiou em breves e substanciosas palavras o que é e o que vale o livro do nosso amigo.

Diz o fnr. Castilho:

«..... não posso todavia privar-me de lhe dizer que os seus *Cantos Matutinos*, se me concedem algum voto em coisas d'estas, poderiam merecer o titulo de *Cantos para todas as horas do dia e de todos os dias*, e em todas as edades da vida, porque todas as especies de amores se encontram n'elles: os do menino, os do mancebo namorado, os do patriota, os do liberal, os do religioso. Depois, por cima de todos estes amores, com que é impossivel se não sympathise, e cujo complexo fobreria para desfarmar a inveja, se ella foubesse depôr as armas antes de haver morto e enterrado, — por cima de todos estes amorés, e de envolta com todos elles, anda uma não fei que fragrancia da terra natal, um foído, tão sincero e tão bom, do legitimo fallar da nossa gente, e uns taes reflexos e cambiantes de passa-

das glorias, que não quero que haja leitor portuguez, douto ou inculto, classico, romantico, eclectico ou sceptico, (a não ser algum satyrico d'estes escaldados e sem entranhas) que, acertando de abrir este livro em qualquer pagina, deixe de proseguir até ao fim, e, concluida a leitura, de o recommear.»

Eis o que são os *Cantos Matutinos*, cantos que saíram da alma no fervor das crenças, que inspiram a juventude, e por isso o snr. Castilho diz que são os cantos de todos os amores, porque brotaram na idade em que o mancebo e o homem ama, em que amar é o seu destino.

O snr. Amorim, o triste desterrado da patria, a buscar fortuna longe de tudo quanto tinha no coração, trouxe do exilio os seus primeiros canticos. Não recolheu ao ninho paterno milionario, trouxe apenas uma riqueza, que só Deus pôde dar, uma alma afinada para cantar o que é nobre, generoso e grande na terra.

Viveu vida bem attribulada nos seus primeiros annos o nosso amigo; conta elle as suas desventuras no prologo — narração bem singela, mas sentida, e ás vezes espiituosa, dos lances e peripicias que acompanharam a sua ida para o Brazil, e a sua estada n'aquelle imperio.

O snr. Amorim é um poeta sincero — canta inspirado pelo coração, por um coração bom e

honesto, e não lhe faltou o baptismo do infortunio para lhe retemperar as cordas da lyra.

Quem estima os bons versos, quem se deleita com estrophes ora brandas e meigas, ora fonorse e altifonantes; quem lhe apraz a pintura do mar e da sua vida aventureosa; quem finalmente julga a poesia a linguagem dos deuses, nos *Cantos Matutinos* encontra o que estima, o que lhe apraz, o que aprecia.

(*Jornal do Commercio* de Lisboa, n.º 3772.)

PREFACIO

DA

SEGUNDA EDIÇÃO

Em pouco mais de um anno se confumiram os dois mil exemplares da primeira edição d'este livro, publicado em 1858. Seria ridicula presumpção attribuir ao merito dos versos esse desmedido favor; mas não é menos lifongeiro para mim tomal-o como testemunho voluntario da benevolencia e fympathia com que tão immerecidamente me tem sempre distinguido os meus contemporaneos.

A minha arruinadissima faude impede-me, ha feis annos, de tratar da reimpressão d'este volume das minhas primeiras composições poeticas, e d'outros, que deviam seguir-se-lhe, dos quaes se publica tambem agora o segundo, com o titulo de—EPHEMEROS—. Era necessario estremar da collecção dos CANTOS MATUTINOS peças, que ali

publiquei indevidamente, e juntar-lhe outras, que a ella pertencem por indole e por datas; convinha corrigir e emendar algumas d'essas composições, para as tornar, quanto possível fosse, dignas do favor com que foram recebidas; havia novas notas que inferir, e alguns reparos que fazer fobre as benevolas e cortezes observações da critica litteraria, com que me honraram distinctíffimos escriptores; mas a tudo isso se tem opposto até hoje a minha gravíffima enfermidade, e agora mesmo pouco poderia fazer sem o auxilio de um amigo dedicado.

Tiraram-se, pois, d'este primeiro tomo dos meus versos muitas peças, que vão no segundo, e substituíram-se por outras, inteiramente novas ou refundidas; acrescentaram-se algumas notas, que não serão de todo inúteis para illustração do texto; e inferiram-se duas cartas, escolhidas d'entre varias, que recebi fobre o mesmo objecto, por não serem estas de louvor exclusivo.

A primeira é do snr. Antonio Feliciano de Castilho. Não a solicitei directa ou indirectamente, o que lhe dá para mim maior valor; foi-me dirigida, em resposta a outra em que eu pedia uns versos para o *album* d'uma menina brasileira. Pela data se vê que a recebi ha mais de sete annos; não a publiquei nunca, nem talvez o fizesse agora, a não ser a injustíffima desconfidência

de que ha pouco tempo foi victima o homem illustre que a escreveu. Não sou, nem fui nunca, dos seus intimos; nunca frequentei a sua casa, e nunca tive—com magoa o digo—nunca tive occasião de lhe prestar o minimo serviço. Pareceu-me por isso, que, na presente conjunctura, a publicação d'esta carta, se não fosse uma fortuna para o meu livro, seria uma homenagem ao que eu confidéro como o maior dos nossos poetas vivos.

Calei pois a minha modestia, afim de provar que respeito a auctoridade do mestre, e de testemunhar publicamente a minha veneração por um homem, que tem, pelo menos, tres titulos sagrados para merecel-a: a sua idade, o infortunio de viver privado da luz, e o seu glorioso talento.

A outra carta é d'um estrangeiro distincto, a quem a litteratura portugueza deve não poucos serviços. Tive o prazer de encetar correspondencia com elle por intervenção do meu amigo o snr. A. A. Teixeira de Vasconcellos, que teve a bondade de lhe enviar de Paris para Turim a primeira edição d'este livro, dando assim origem ás minhas relações com o snr. Vegezzi Ruscalla.

Nas novas notas me refiro ainda a outras cartas, e público tambem, com os bellos versos que me dirigiu o meu excellente amigo João de

Lemos, as delicadas e affectuosas palavras com que elle fechou a *Advertencia* do segundo volume do seu *Cancioneiro*.

Se não entro em explicações justificativas dos motivos porque fiz ou porque não fiz taes e taes composições, é porque nem m'ò permite a pouca faude, nem desejo enfastiar o leitor com um d'esses prologos abstrusos e nebulosos, que fazem andar a cabeça á roda a quem os lê... e a quem os escreve.

Alto do Salitre,
12 de janeiro de 1866.

CARTA

DO

SNR. ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO

MEU CARO POETA:

Esta sua prefada cartinha veio augmentar a confusão em que eu já estava por lhe não haver ainda agradecido o presente do seu livro; e não

digo fô o presente: o contentamento muito real que me deu a sua leitura, porque, apesar de tudo, fôo ainda d'aquelles, se porventura os ha, que se alegram com a gloria alheia bem merecida, e com a da patria em todo o caso.

Já que chegou a hora de lhe eu poder dizer isto, ainda que ao presente o afôgo de trabalhos muito grandes, muito férios, e de immensa responsabilidade, me prohibe a delicia de andar apontando as formofuras e excellencias d'esta colleção, o que seria copial-a quasi toda, não posso todavia privar-me de lhe dizer que os seus *Cantos Matutinos*, se me concedem algum voto em coizas d'estas, poderiam merecer o titulo de *Cantos para todas as horas do dia e de todos os dias*, e em todas as idades da vida, porque todas as especies de amores se encontram n'elles: os do menino, os do mancebo namorado, os do patriota, os do liberal, os do religioso. Depois, por cima de todos estes amores, com que é impossivel se não sympathise, e cujo complexo sobraria para defarmar a inveja, se ella foubesse depôr as armas antes de haver morto e enterrado, — por cima de todos estes amores, e de envolta com todos elles, anda uma não fei que fragrancia da terra natal, um foído, tão sincero e tão bom, do legitimo fallar da nossa gente, e uns taes reflexos

e cambiantes de passadas glorias, que não quero que haja leitor portuguez, douto ou inculto, classico, romantico, eclectico ou sceptico, (a não ser algum satyrico d'estes escalados e sem entranhas) que, acertando de abrir este livro em qualquer pagina, deixe de proseguir até ao fim, e, concluida a leitura, de o recommear.

A poesia maritima é que sobretudo me pareceu aqui maravilhosa: é um bello genero que o meu caro poeta nos criou, e que lhe saíu logo da cabeça adulto e armado como a Pallas.

Quasi que estou tentado a querer bem aos trabalhos da sua vida, por ver as opulencias com que o prendou o Oceano, esse glorioso parente nosso por tantos titulos.

Mas, assim como o felicito pelas suas scenas nauticas, scenas que orçam tantas vezes pelo sublime, e o attingem, quizera eu que houvesse não menos aproveitado as inspirações magnificas, uniccas, *sui generis*, que sem duvida recebeu do clima, do sol, das estrellas, das florestas, da immensidade, e da divina poesia do novo mundo. Era esse, para o seu talento, segundo theatro; e, se não mais grandioso, de certo não menos bello e fecundo do que o mar; que o diga Chateaubriand; que o diga Cooper; que o diga Ferdinand Denis.

Os *Cantos Matutinos* hão de ter segunda e muitas edições, e hão de ser seguidos de novas colleções poeticas da mesma penna. Recommendo-lhe pois que aproveite para si e para nós, emquanto o correr do tempo, as mutações dos annos, e o esfriamento da idade, lh'as não apagam da memoria e do coração, aquellas scenas da natureza intertropical, verdadeiro paraizo terreal das fantasias.

Saíu do Oceano coroadado de perolas: torne-fe (em espirito só) torne-fe á America, e volte-nos carregado das palmas que desdenhou colher.

Quizera escrever muito mais, e muito melhor sobre isto; mas estão-me chamando para outra parte as obrigações. As musas são lindas, mas as crianças das escolas, e o futuro liberal da patria illustrada, valem ainda muito mais. O deixar de dizer tudo quanto sinto de bem a respeito do meu livro não é um dos menores sacrificios que eu faço a esta santa causa.

Outro é não poder eu cumprir melhor os desejos, e prefumo que o empenho, do meu poeta, enviando-lhe para o *album* da sua brazileira alguma coisa nova. Com palavra de honra lhe afirmo que não tenho tempo. Ahi mando pois copiar uma odefinha de Anacreonte. Assim, man-

damos a effa menina um velho, que em amores
vale mais que mil rapazes.

Lisboa, 10 de novembro
de 1858.

De V.

A. F. de Castilho.

DO SNR. VEGEZZI RUSCALLA

MONSIEUR :

Je vous dois bien de remerciements du précieux cadeau que vous m'avez adressé du volume de vos belles et touchantes poésies. L'idiome de Camoens se prête merveilleusement à mettre aux idées la robe poétique.

Si j'avais à vous exprimer un désir, ce serait celui de voir plus nombreuses les poésies ayant un but patriotique. Aujourd'hui le monde est agité par les sentiments de nationalité. Chantez donc la liberté, la patrie, et la fédération des

peuples latins. Songez que l'union, c'est-à-dire l'alliance de la France, l'Italie, l'Espagne, le Portugal et la Roumanie, donnerait à notre race la suprématie mondiale: nous serions supérieurs en nombre à la race slave et à la teutonique. L'alliance n'implique pas la perte de l'indépendance nationale.

Mais pour que les faits politiques soient possibles il faut que l'opinion publique leur fraye le chemin. Voilà la mission du poète, de l'historien, du romancier, et vous avez les talents nécessaires pour la remplir dignement et avec succès.

Je clos ma lettre en vous répétant mes plus vifs remerciements, heureux de voir que mon affection pour le Portugal m'ait procuré le bonheur d'entrer en correspondance avec vous.

Je suis avec affectueuse considération

Turin, 4 mars 1861.

Votre dévoué serviteur,

Vegezzi Ruscalla.

PREFACIO

DA

PRIMEIRA EDIÇÃO

Tinha eu pouco mais de nove annos quando algumas leis repressivas do trafico dos pretos encaminharam a especulação dos negreiros para o commercio dos escravos brancos. A Inglaterra usava da sua influencia sobre Portugal, e os traficantes não se tinham ainda lembrado de inspirar ás auctoridades da Africa portugueza o patriotico pensamento de se associarem com elles, para se vingarem da pressão exercida pelos inglezes sobre o seu *innocente* negocio.

Os negreiros correram pois para o continente do reino e ilhas dos Açores; e, dentro em pouco, os mercados do Brazil abundaram novamente em carne humana, com grande vantagem para os consumidores, que podiam comprar escravos brancos mais baratos do que os pretos.

Os alliciadores inundavam, como agora, as provincias do norte do reino, agarrando gente por todos os meios possiveis, e não fei mesmo fe por alguns impossiveis, porque eram elles homens para grandes difficuldades. Investiam com as proprias auctoridades! e, fe não posso avançar que feduziffem alguma, indo-a vender aos mercados brazileiros (1), como fizeram a um pobre rei africano, que foi meu remador, affirmo que os filhos dos regedores de aldeia, e ainda os dos administradores dos concelhos, eram os que de preferencia cubiçava a caprichosa exploração dos agentes. A razão d'esta distincção era, talvez, com o intuito de escarnecer d'um poder, que não queria ou não podia coarctar tão criminoso trafico.

O certo é que ninguem escapava á sua influencia, e que por fim tambem eu fui victima d'elles, ainda que indirectamente, e por minha vontade.

A minha terra é uma linda aldeia, que se chama Avelomar, situada n'uma praia do Minho. Pela sua posição e abundancia de população, não podia ella deixar de fer um dos theatros de operações dos *engajadores*. E, por se ligarem a esta circumstancia todos os acontecimentos da minha vida, permitta o leitor que eu ponha já em scena a minha humilde pessoa.

(1) Veja nota no fim.

Nasci sem nenhum acontecimento notável que possa dar relevo a uma biographia; e declaro que me criei como toda a gente vulgar, sem ter tido nos meus primeiros annos a fortuna de adquirir direitos para ver o meu nome figurar algum dia no livro das *infancias celebres*. Eu não tinha agudezas, não era engraçado, e não aprendia coisa alguma. Os meus talentos limitavam-se a escolher cada dia um meio differente que me livrasse de ir á escola, porque n'ella me esperavam sempre certas familiaridades d'um instrumento, cujo nome latino me havia inspirado profundo horror á erudição do meu mestre. O instrumento era a *ferula*; e o professor trazia-me sempre de olho, porque, devo dizel-o, ainda que me custe, eu descreditava o seu methodo de ensino. Entrei aos cinco annos para a sua aula, e faí, quasi aos dez, sem saber assignar o meu nome ou soletrar duas palavras! Verdade é que tinha adquirido sobre os meus camaradas uma superioridade incontestavel nos exercicios archeologicos de atirar á funda, apanhar passaros a laço, e, visto que é preciso confessar tudo, em achar pretextos plausiveis para não dar lição, cada vez que isso me competia.

A minha boa mãe era a unica pessoa que ainda não tinha perdido as esperanças de me ver emendado: todos os mais, parentes, conhecidos ou

mestres, me prophetizavam um futuro defastroso, declarando-me inutil para tudo. Um visinho muito rabugento, ao qual eu tinha derrubado uma parede, para apanhar um ninho de pinta-filgo, fez-me o tremendo prognostico de que eu ainda havia de acabar em malfeitor de 'estrada! Deus lhe perdôe! porque tinha excellentes uvas, e eu vingava-me n'ellas da maledicencia do proprietario.

As minhas occupações mais queridas eram grandes correrias pelas praias do Minho, onde ía empoleirar-me nos rochedos mais elevados, a olhar para as ondas horas esquecidas, cada vez que via passar as azas brancas de um navio a duzentas braças da costa.

Fóra d'isto, vagabundeava pelos campos dias inteiros, contemplando as cristas azuladas das ferras de Barrofo e de S. Felix, sem me lembrar de almoço ou de jantar, e ainda menos dos cuidados dos meus parentes.

Estas distracções, em tal idade, não podiam deixar de dar nas vistas a toda a gente.

Aconselharam minha mãe para que me *arrumasse*, fosse como fosse, porque eu tinha ares de lunatico, além de ser um vadio que não queria aprender coisa alguma. Chegaram a affustal-a, apesar dos meus poucos annos; e um lavrador, nosso parente, offereceu-se para me corrigir, se quizessem entregar-me aos seus cuidados. A vista

da minha rudeza, tiraram-me da escola, com grande satisfação do mestre, e a minha familia resolveu que eu feria agricultor. Apenas, porém, me haviam installado em casa d'aquelle que pretendia *fazer-me gente*, levantei contra o pobre homem cinco tias, que bebiam os ventos por mim, em consequencia d'um puchão d'orelhas. Elle queixou-se a minha mãe, e eu fui chamado á barra; mas pedi uma fessão secreta, e n'ella a convenci de que feria affinado, infallivelmente, se me deixassem lá ficar. Não ha logica para as mães como as lagrimas dos filhos!...

Fiquei em casa, mas foi por pouco tempo. Um cordoeiro da Povia de Varzim obrigou-se a mandar-me ensinar a ler e escrever correctamente, com a condição de que eu viveria em sua casa para lhe vigiar o estabelecimento; porém, quando lá me apanhou, mandou-me virar á roda, como se eu fosse um dos seus aprendizes. Estava arranjado comigo! Formei-lhe perante a minha fanta mãe um capitulo muito mais odioso do que o do lavrador, e o affecto materno, commovido com a descripção dos horrores e maus tratos, que eu pintava com certa viveza de colorido, arrancou-me a este novo tyranno, reconduzindo-me triumphante ao lar domestico!

Foi então que os alliciadores, espalhando noticias exaggeradas ou falsas, ácerca das enormes

riquezas do Brazil, e da facilidade com que ellas se obtinham, confeguiram desvairar um grande numero de rapazes da minha aldeia. Meu irmão Manoel era uma das victimas, se não *engajada*, enganada por elles.

Para o acompanharmos ao *bota-fóra*, fizemos a jornada do Porto, com tenção de nos demorarmos ali até á saída do navio que devia conduzir-o; e, como eu ía a bordo todos os dias, os agentes diligenciavam seduzir-me para que fosse tambem para o Brazil, promettendo levar-me *quasi de graça*. Incitaram-me tanto, e tão faudofo eu me sentia do irmão, que era o meu braço direito nas brigas escolares, que por fim pedi a minha mãe que me deixasse seguir o meu destino. Tinha havido já uma revolução domestica para se consentir na partida de meu irmão, tão novo ainda! Em vista do meu pedido, todos pozeram as mãos na cabeça, e tornaram minha mãe responsável, perante o céu e a terra, pelas desgraças que de futuro me succedeffem, se ella consentisse tamanha loucura. Comtudo, eu chorei tanto e tão bem, que não houve remedio senão fechar os olhos a todos os sacrificios, lançar mão dos recursos extremos, e deixar-me saír pela barra fóra com dez annos apenas!

Para fazer inteira justiça aos meus queridos e bondosos compatriotas, declaro que todos fo-

ram fenfíveis á minha partida, perdoando-me ou efquecendo generosamente as numerosas memorias que eu lhes deixára, nas arvores derreadas, nas paredes caídas e nas fearas pifadas, durante as minhas excurfões de vagabundo. Quanto a minha mãe, nunca mais teve alegria, nem perdoou a fi o haver-nos deixado partir, a meu irmão e a mim, para um paiz desconhecido.

Eu tambem chorei muito, com faudades d'ella, nos primeiros oito dias; porém, a viagem foi-fe tornando trabalhofa, e os perigos presentes defvaneceram pouco a pouco as magoas da aufencia. O amor de mãe não tem rival na terra; e por iffo a minha ficou inconfolavel, emquanto eu me fui costumando defde tão cedo a paffar fem ella!

Depois de uma viagem, em que não faltaram a fome, a fêde, as calmas e as tormentas, chegamos a effa formofa terra de Santa Maria de Bellem do Pará, que tinha de fer testemunha dos meus altos feitos, e de me deixar um dia eternas faudades.

Apenas defembarcámos, formaram-nos em turmas no caes da alfandega, para que os negociantes da cidade vieffem escolher d'entre nós os que mais lhes agradaffem.

Eu estava ali, fem saber para quê, no meio de grande multidão de gente de todas as côres, que parecia efcarnecer de mim e dos meus com-

patriotas; ao mesmo tempo, varios homens brancos, e vestidos quasi todos tambem de branco, giravam em torno de nós, examinando-nos. Os meus companheiros iam desapparecendo fucceffivamente; porém, a mim ninguem me queria. Um d'aquelles brancos andou muito tempo a mirar-me por todos os lados, levantou-me a cabeça, mandou-me fallar, e murmurou: «Isto não presta!» Outros olhavam-me com commiferação, e diziam: «É uma consciencia trazer crianças como aquella!» Um preto dirigiu-me a palavra, n'uma lingua quasi barbara, perguntando-me como eu me chamava e «se o queria servir!» Outro, roto e descalço, carregou-me sobre os olhos o bonnet que eu tinha na cabeça, com grandes rifadas e applausos dos seus patricios e amigos presentes. Um negociante, depois de nos inspeccionar a todos, disse duas palavras ao capitão do navio, que tambem estava ali dirigindo o seu negocio, e intimou a meu irmão que o seguisse, sem lhe declarar para onde, nem em virtude de que direito o levava! O pafmo não nos permittia que nos despedifsemos uns dos outros; separavamo-nos de modo que apesar de ficarmos vivendo na mesma terra, n'uma cidade pequenissima, fô depois de seis mezes é que eu tive noticias de meu irmão, e nunca mais tornei a ver a maior parte dos meus patricios e companheiros de viagem!...

Achava-me quasi só, e sem perceber ainda que estava n'um mercado de escravos brancos, e que era considerado *refugo* pelos entendedores! Por fim, de entre os compradores que me rodeavam, faíu um, vestido de pardo, e acariciou-me, pondo-me a mão no rosto, e convidando-me a segui-o. Então, rebentaram-me as lagrimas com violencia; até ali suportára resignadamente a desgraça, que mal apreciava; tanto, porém, que me chegou a vez de partir, como os outros, sem saber para onde, chorei! Felizmente o meu patrão era um excellente e honrado homem! Chamava-se José Maria Fernandes, e inscrevo aqui o seu nome para sua satisfação. O digno commerciante vive ainda, apesar do rheumatismo que o maltrata. Se estas linhas lhe chegarem á mão, peço-lhe que me perdôe a muita marmelada que lhe devorei, porque eu tambem lhe perdôo a prodigalidade com que elle me servia de palmatoadas, cada vez que o meu pundonor nacional me fazia quebrar as cabeças dos pretos ou pretas, que insultavam o meu paiz ou a minha pessoa.

Comecei de tal modo a minha aprendizagem de caixeiro, que no fim de um anno podia, com razão, lisongear-me de ser o terror da maior parte da gente que frequentava o estabelecimento.

Não provinha da minha força physica, nem da minha estatura a audacia dos grandes commettimentos; porém o certo era que, ainda que o insultador fosse um gigante, não ia sem correção. Serviam-me d'armas os pesos da balança, os copos, as garrafas, e, nos grandes apuros, cortava as difficuldades, faindo para a rua e correndo o aggressor á pedrada. De dois resultados que isto podia ter, um era sempre infallivel, no caso de haver cabeça quebrada: ou eu comprava á força de aguardente o silencio da victima ou a palmatoria se encarregava de me cortar os vôos de tão despropositada heroicidade!

Finalmente, chegou um dia em que o meu patrão declarou que já não podia nem queria aturar-me! Eu tinha atirado á cara de um homem elegantissimo, que me dirigira um insulto grosseiro, com quatro arrateis de manteiga de vacca! O desgraçado era criado ou escravo do presidente da provincia; andava sempre recendente de perfumes e vestido de roupa alvissima, traço de que tinha grande presumpção e vaidade. Porque o não servi com a rapidez que exigia, e julgando-se offendido na sua qualidade de servo do chefe da provincia, permittiu-se a liberdade de me dizer palavras, que eu entendi não dever deixar passar, e respondi, batendo-lhe ás mãos ambas com uma enorme colher de manteiga no nariz.

Confesso que por muito tempo me ensoberbeci, e tive esta acção por uma das mais brilhantes do primeiro periodo da minha vida. Os cabellos, admiravelmente frifados, do meu provocador, ficaram n'um estado lastimoso; e cobri-lhe de tal modo a cara, que poderia tirar-se-lhe a mascara de manteiga e fazer-se-lhe o busto... de queijo. A victima deu um grito, e levou ambas as mãos aos olhos, começando a defentupil-os; e eu, temendo a vindiçta, enterrei outra vez a colhér no barril, decidido a repetir a dóse. Porém o pobre diabo, mal pôde ver, partiu como um raio pela porta fóra, e foi mostrar-se ao meu patrão, que morava do outro lado da rua.

Em satisfação ao presidente e ao feu lacaiio, apanhei feis duzias de palmatoadas; porém, como ellas não evitaram que perdeffemos o freguez, quiz o meu patrão defistir dos meus serviços, calumniando-os de prejudiciaes. Tentou impingir-me a alguns dos feus vizinhos, porém, a minha reputação tinha chegado muito longe! Responderam-lhe todos aterrados, que não queriam nem ver-me! e foi-lhe necessario procurar-me um estabelecimento no extremo da cidade, onde eu era ainda desconhecido, mas em cujo sitio me tornei dentro em pouco d'uma tal popularidade, que dezoito annos são já passados sem que ella tenha desapparecido inteiramente!

Ao completar os meus doze annos, envergonhei-me por não saber ler, e appliquei-me ao estudo com tanta dedicação, que confeguei aprender em poucos mezes. O primeiro livro que me foi ás mãos, e que ha de ter um dia, em outra parte, um capitulo especial, era a *Historia de Carlos Magno*.

Eu não o lia só para mim; queria auditorio, e era pouco escrupuloso na escolha d'elle! A quantos pretos, tapuyos e mulatos apanhava, nas occasiões em que meu patrão saía de casa, comprazia-me em ler a morte de Roldão, e elles desatavam n'um berreiro de choro, tão feio e temeroso, que vexaria o proprio Adamastor!

O segundo livro que possui, intitula-se *Lusiadas*, de Luiz de Camões.

Não escrevo estes apontamentos para a posteridade me fazer a biographia: faço-os para os leitores dos CANTOS MATUTINOS. Do rapaz endiabrado e picarefco, que eu confesso ter sido, póde-se esperar tudo, menos um bom poeta. Aos que, depois de saberem os pontos capitaes de tão arrevezado começo de vida, não acharem toleraveis os meus versos, responderei: que os façam melhores. Lastimando, todavia, que o censor não passasse pelas mesmas provas porque eu passei.

No Pará era raro, n'aquelle tempo, o patrão que permittia aos seus caixeiros o occuparem na

leitura as horas vagas; mas o fructo prohibido aguça o appetite; a tyrannia inspira naturalmente o desejo da resistencia; e por isso era tambem raro o caixeiro que não se entregava com avidez a leituras clandestinas. E a isso talvez deve aquella cidade o grande numero de mancebos illustrados que hoje dirigem o seu commercio. Entre elles é vulgar o conhecimento dos nossos melhores classicos, e tanto se tem desenvolvido nos ultimos doze annos o gosto do estudo, que o mais humilde caixeiro de taverna não desconhece nenhuma das modernas publicações portuguezas.

Brigando com a má vontade e opposição que encontraram por vezes as minhas tentativas estudiosas, decorei em poucos mezes todas as estancias dos *Lusiadas*, e foram ellas as primeiras lições que recebi de poesia e de historia. Em breve, porém, a brutalidade de alguns patrões, e o meu indocil caracter, que repellia a fervidão, fizeram-me tomar invencivel repugnancia á vida de caixeiro.

Meu irmão, e um primo de quem eu era hospede, fizeram todos os esforços possiveis para me domar. Depois de se convencerem de que eu me não sujeitava ao commercio, perguntaram-me se queria seguir outra qualquer carreira: se me sentia com vocação para artista, militar, padre, medico, ou advogado. Déram-me a escolher todas as

profissões, desejosos de mandarem educar-me convenientemente; porém eu não me decidia nunca por nenhuma; e de uma vez em que me apoquentaram mais do que de ordinario, ácerca do meu destino, respondi ao acaso — que me fizessem calafate!

Meu irmão, que apesar de toda a sua gravidade e bom senso tinha apenas mais anno e meio do que eu, achou-me muita graça; porém meu primo, que era homem fêrio, e que estava cansado das minhas extravagancias (segundo elle dizia), avançou a mão para me agarrar uma orelha, que eu tive a prudencia de pôr fóra do seu alcance, fugindo de casa.

As grandes florestas estavam perto. Havia muito tempo que eu aspirava com delicias o perfume que me trazia dos sertões a viração nocturna. A causa do meu odio a todas as occupações era filha do desejo e da curiosidade, que me mordiam noite e dia, incitando-me a correr para essas eternas solidões, que me chamavam de longe. Sentia-me como atacado de nostalgia das selvas, que eram a patria do meu pensamento.

Um dia de madrugada, tendo-me despedido fômente do meu sempre bom irmão, embarquei n'uma canôa, que se destinava ao fabrico de gomma elastica, e parti para o rio Xingú. Logo que me vi no meio das florestas primitivas, conheci

que tinha achado o meu reino, o paiz da minha fantasia. Familiarizei-me depressa com a presença da onça, do tigre, e do tamanduá; com as mil variedades de serpentes e jacarés; com os gentios de varias tribus, e com a sua existencia, costumes, e festins barbaros. Parecia-me que a vida errante fôra de proposito criada para a minha organisação: dentro em pouco a côr da minha pelle era igual á dos tapuyos; deixei a espingarda pela frecha; a lingua portugueza pela dos tupis; preferi, emfim, os costumes selvagens aos do homem civilisado, e comecei a correr pelos bosques, como o tinha feito nos campos do Minho.

Não sei se tive razão; mas o certo é que seguia mau caminho para colher algum fructo da primeira tentativa que fizera no estudo.

Tornei a perder os livros de vista, com menos saudade ainda do que no momento de embarcar para o Brazil, e talvez que tambem com menos vontade de me volver a elles. É verdade que depois de os saber ler, alguns me tinham ficado profundamente impressos na memoria. Decorára os *Lusiadas*, e não os deixava esquecer, repetindo mentalmente uma ou outra estancia quando esperava, com a corda do arco retezada, e a tacoára em punho, a passagem da anta ou do veado.

Depois de vaguear um anno pelos matos e

cachoeiras do Xingú, fubi o Amazonas e fui completar o meu decimo terceiro anniversario na villa de Alemquer, situada em um braço do mesmo rio, entre os dois grandes lagos Curumú e Surubiú.

Nessa povoaçãozinha, de que não posso lembrar-me sem uma dôce melancolia, encontrei um dia, em casa d'uma familia indigena, e dentro de um cesto forrado com folhas de bananeira brava, quatro ou cinco livros velhos. Um d'estes era o poema *Camões*, de Almeida Garrett.

Li-o; e a essa leitura, repetida muitas vezes depois, se devem não só os CANTOS MATUTINOS, porém todos os meus modestos opusculos.

Aquelle poema transformou-me repentinamente, e sem eu saber como: principiei a ver de baixo d'outro aspecto os rios, os lagos, as florestas, e as montanhas. Pareceu-me que as flôres derramavam maior perfume, e se vestiam de mais vivas côres; que o céu e os astros brilhavam pela primeira vez aos meus olhos, e que toda a natureza tomava fórmas novas e sublimes. Julguei entender o canto das aves, o murmurio das aguas, e o gemer da viração, entre as açucenas bravas e as baunilhas odoríferas enroscadas nos arvo-redos que banha o Surubiú. As harmonias do verso vibravam na minha alma; ouvia dentro em mim outra voz que balbuciava, traduzindo as

minhas fenfações por meio de palavras cortadas, vagas, incoherentes, e inintelligiveis para o mundo, e que eu não fei como nem onde as aprendia! Cuidei-as inspiradas por Deus, e fei que me foram reveladas por effa elegia sublime do grande poeta que já não vive!

Ousei dirigir uma carta a Almeida Garrett, em que lhe contava, com a mesma simplicidade e fingeza com que o faço agora, tudo que deixo escripto; e concluia perguntando-lhe se o que eu sentia então feriam indicios que revelassem em mim a ave que pretende voar antes de lhe nascerem as azas. Só depois de expedida a carta me espantei da minha audacia e pensei que feria loucura esperar pela resposta. Comtudo, a providencia e a grande alma do homem a quem eu escrevera, permittiram que eu a recebesse, decorrido muito tempo. Era uma consolação, um incentivo, uma esperança!

Encontrei-a no correio do Pará, em 1845, tendo eu já dezoito annos. Divulguei a noticia, e toda a gente quiz ver a carta d'um poeta, que ali é, e foi sempre adorado. Duvidou-se de que fosse d'elle; mas, entre os curiosos, appareceu um que reconheceu a lettra. Era negociante honrado, e os incredulos não tiveram remedio senão curvar-se diante da sua palavra. Já ninguem se ria das minhas passadas criancices; olhavam-me quasi

com respeito! E os caixeiros que haviam sido meus contemporaneos, estalavam com desejos de me proclamar poeta, visto que eu me correspondia com o que era para elles, e para mim, quasi um femi-Deus.

Resolvi então voltar a Portugal, com a firme vontade de vir para Lisboa estudar, e decidido a morrer na luta, se tanto fosse preciso. No momento da minha partida, fui bastante temerario para consentir que se publicasse um soneto de despedida aos meus amigos, do qual aproveitei doze linhas em zuzir os invejosos. Era a primeira vez que o meu nome ousava ir defacommodar os typos; e Deus sabe se não teria sido melhor o deixal-os dormir, sem me tornar jámais seu conhecido!

.....

Ninguem que tenha o habito de ler jornaes póde ignorar as minhas relações com o fallecido visconde de Almeida Garrett. Desde o momento em que nos encontrámos pela primeira vez, até áquelle em que o vi expirar-me nos braços, proferindo o meu nome e dizendo-me estas derradeiras palavras: «Já o não vejo!» devi-lhe sempre a maior affeição e os melhores conselhos que um filho póde receber de seu pae. Foi elle o meu mestre; porém, apesar de todos se dizerem seus discipulos depois da sua morte, não ha ninguem

que realmente o represente hoje na litteratura do seu paiz. Segundo a expressão de Theophilo Gauthier «cada poeta celebre leva comfigo o seu fegredo quando desce á sepultura.»

Não se espere, pois, que os CANTOS MATUTINOS façam lembrar os cantos inimitaveis da lyra que emmudeceu ao despedir de si as *Folhas Caídas*.

Mas se os meus humildes versos não podem provar claramente que os seus me fizeram poeta, mostrarão ao menos que o discipulo se não esqueceu do mestre.

Lastimo que Deus me não dotasse de muito talento para que, sendo este livro mais duradouro, ficasse um verdadeiro monumento á memoria do cantor illustre.

E ainda assim, modesto como é, pôde ser que alguém estranhe o havel-o eu dedicado a um morto, n'um paiz em que os vivos recebem com tanto prazer, e pagam ás vezes por altos preços, todo o incenso que lisongeie a sua vaidade. Porém nos cemiterios entra-se sem favor e sem licença; as portas abrem-se para todos, grandes ou pequenos, sem se lhes perguntar quem são ou d'onde veem, e sem se pôr em duvida o seu direito de entrada! Os que repoufiam lá dentro não teem inveja uns dos outros; os humildes não cubiçam os tumulos grandiosos, as cryptas soberbas, onde

habitam os seus vizinhos da direita; os orgulhosos não escapecem da pedra rã e sem inscripção ou da cruz tosca de pau, que indica apenas a morada dos vizinhos do lado esquerdo! Ali vale tanto a corôa de modestas flôres, como a corôa de ouro.

D'aqui proveiu a minha escolha; a minha mão obedecia ao impulso do coração faudofo quando deixou cair o livro fobre uma sepultura.

Lisboa, 13 de agosto
de 1858.

A

J. BAPTISTA DE ALMEIDA GARRETT

VISCONDE DE ALMEIDA GARRETT

Nascido em 4 de fevereiro de 1799

Fallecido em 9 de dezembro de 1854

CANTOS MATUTINOS

LIVRO PRIMEIRO

I

O DESTERRADO

(Na foz do Rio Negro, em 1842)

Como fãõ brancas as flôres
D'este verde jafminal!
Recorda a sua fragrancia
Perfumes de um laranjal...
Mas teem mais suave aroma
As rofãs de Portugal!

O coração d'estes bosques
O brilhante e o oiro encerra;
São immensos estes rios,
Immensos o valle e a ferra...
Mas não teem a formofura
Dos campos da minha terra!

Estes astros são mais bellos?
É mais bello o seu fulgor?
Mas luzem no céu do exilio;
Não lhes tenho igual amor.
Ai! astros da minha terra
Quem me dá o vosso alvor!

Que me importam esplendores,
Prodígios que vejo aqui?
Aves de vivas plumagens,
Os cantos do juruti?
Se lhes faltam as bellezas,
Da terra aonde eu nasci!

Lá, era a lua mais linda;
Mais para os olhos as flôres;
Mais castos os beijos dados
Em mais sinceros amores.
Tinham seus bosques modestos
Mais inspirados cantores.

Tudo aqui veste mais gallas,
De mais viçoso matiz?
Ai! qu'importa?! se a faudade
Ao proscripto sempre diz,
Que não ha terra formosa
Sem o sol do seu paiz!

II

QUINZE ANNOS!

Já quinze annos! Quando a vida
Vai florída
Defabrochar,
Eu, que não vivia ainda,
Sinto-a finda
A vacillar!

Eu, que tive aos nove annos
Defenganos
Como ninguem,
Que peno aqui desterrado,
Separado
De minha mãe,

Eu já não tenho esperança!
Tão criança,
Já vivo só!
Já, na dôr fem ter fegundo,
N'este mundo
Não acho dó!

Já mil vezes n'estas plagas,
E nas vagas,
A morte vi!
Lutei com o mar e os ventos;
Os tormentos
Todos venci!

Meu destino e minha esp'rança,
De criança,
Achei rivaes;
Como flôr da haste pendida,
Combatida
Por vendavaes.

Confiei meu fado escuro
Ao céo puro
Da solidão;
Mas o ar da terra estranha,
Na montanha
É um vulcão!

Não tem o aroma dos prados
Matizados
Do meu paiz!
Corre fogo d'estas fontes!
N'estes montes
Não fou feliz!

Como hei de eu ter alegria
N'este dia,
Longe dos meus?!
Affim o quer minha estrella,
E por ella
O manda Deus.

Caminhar é meu destino:
Peregrino
Sempre ferei;
Sempre em triste soledade
Com faudade
Suspirarei.

Poeta, sempre na lyra
Me suspira
Um sonho vão;
Um fantasma que eu só vejo,
Um desejo,
Uma illusão!

Pelos ares vôa e corre;
Nunca morre...
Ou vai ou vem
Pelo cimo dos palmares;
E nos mares
Vaga tambem.

Fóge, ó fol da fantasia,
Da poesia,
E feu condão!
Effa chamma abraza e mata,
Se dilata
O feu clarão.

Já quinze annos! Cesse o canto!
Dôce pranto
Aos olhos vem,
Ao lembrar-me o patrio ninho,
E o carinho
De minha mãe;

Ao lembrar-me do passado
Defvendado,
E do porvir,
Incerta, vaga esperança,
Que não cança
De me mentir!

III

GLORIA A CHRISTO

Salvè, Estrella do Oriente,
Que as trevas tornaste em luz!
Gloria a teu fangue innocente,
Derramado sobre a cruz!
Gloria a ti quando nasceste!
Gloria a ti quando morreste!
Gloria ao Pae que te mandou!
Gloria em nome dos remidos!
Gloria em nome dos descridos,
Que o teu amor perdoou!

Gloria dos anjos no canto!
Gloria nos céos ao Senhor,
Que por nós padeceu tanto,
Morrendo por nosso amor!

Curva-te, ó mundo, prostrado
Aos pés do Crucificado,
E orando pede perdão!
Alça-te ao Homem divino:
Das palavras fórma um hymno,
Dos hymnos uma oração!

Gloria a ti fobre o Calvario,
Do qual fizeste um altar,
Onde, envolto em teu fudario,
Morreste fem murmurar!
Gloria na terra e nos mares,
Nas florestas e palmares!
Eterna gloria a Jesus!
Gloria ao maior dos Prophetas!
Gloria na voz dos poetas
A Christo morto na cruz!

Gloria a ti, porque vieste
Para os homens libertar
Com a doutrina celeste,
Cuja base é perdoar!
Gloria ao Deus crucificado,
Ao Cordeiro immaculado,
Ao sublime Redemptor!
Gloria ao Mestre da verdade,
Ao Astro da humanidade,
Ao Deus de perdão e amor!

Gloria a ti, Homem ingente,
Por escarneo feito Rei!
Gloria sempre, e eternamente,
Por tua fanta e dôce lei!
Gloria a Christo nas florinhas,
Nos cantos das avefinhas,
Nas tempestades do mar,
Na voz solemne das felvas,
Na formosura das relvas,
Da aragem no ciciar!

Gloria nas lavas ardentes
Que trasbordam dos vulcões,
E na quêda das torrentes
Que voam em turbilhões!
Gloria nos valles e montes,
Na casta lymphá das fontes,
Nos prados, e nos vergeis!
Gloria a ti por toda a terra;
Que tu não queres a guerra
De fieis contra infieis!

Gloria a quem os vituperios
Recebeu, dando o perdão!
Gloria! dizem os mysterios
Das obras da criação:
As aves em seus amores,
Os campos nas varias flôres,

Os rios no murmurar,
Estrellas nos céos profundos,
A luz em todos os mundos...
É o universo a orar!

Tudo e todos dizem gloria!
Tudo e todos a uma voz,
Ante a tremenda memoria
D'esse crime horrendo, atroz!
Mas o fangue do Cordeiro,
Caindo sobre o madeiro,
Ao algoz dava o perdão;
E a cruz, em vez de maldita,
Ficou á alma precita
Por fanal da redempção.

Cumpriu seus altos destinos,
Enfinando a padecer;
Deu-nos preceitos divinos;
Fez-se homem para morrer.
Que affombro! O fangue do Morto
Será resgate e conforto
Dos que devêra punir;
Perdão, em vez de castigo,
Esperança, luz, e abrigo,
Consolação do porvir!

Oh! mortaes, aos pés do Immenso
Eterna prece mandae.
Recebe-a, Senhor! É incenso
O amor dos filhos ao Pae.
Tudo, dos céos aos abyfmos,
Da ordem aos cataclifmos,
Diz tudo gloria, Senhor!
Porque em paga de um delicto
Défte ás almas o infinito,
Ao crime, perdão e amor!

IV

A FLORESTA VIRGEM

Ave, imagem do terreo paraizo,
Fonte de inspirações e melodias!
Tu és a patria da verdura eterna,
O reino das infindas harmonias!

Immenso templo, magestoso, augusto,
Erguido pelas mãos do proprio Deus!
Tendo milhões de cedros por columnas,
E por tecto as abobadas dos ceus!

Mas encobrem o azul do firmamento
Fantasticos ornatos de mil côres;
Se falta a luz, fobejam os perfumes;
Quem estrellas procura, encontra flôres.

Por toda a parte vívidas se abraçam
Numerosas famílias de cipós:
Ipecacuanhas, guapohís, baunilhas,
Salfas, carajurús, ou corimbós;

Sobem do chão aos cimos elevados,
E, do arvoredo os ramos enleando,
Descem do lado opposto para a terra,
Onde novas raizes vão lançando.

Como o apparelho d'um navio enorme,
Fingem estes enxarcias e brandaes;
Outros, prendendo em arvores diversas,
Semelham-se aos cabrestos e aos estaes;

Entre os braços, escotas, e amantilhos,
Cruzam brioses, estingues, e bolinas;
Cabos de laborar, e cabos fixos,
Para velas redondas ou latinas;

Cergideiras, adriças, endrevellos,
Amarras que não cabem em baileos;
Estalheiras mais fortes do que o linho,
Capazes de arrancar os arganeos.

Ha tudo aqui! Dos cipoaes immensos
Pendem flôres e frutos differentes;
Caprichofos na fórma, e multicores,
Agigantados, bellos, recendentes.

No denfo, emmaranhado labyrintho
Não póde a minha vista penetrar;
E ao aspecto felvagem da floresta
O proprio caçador teme avançar.

É tudo grande, magestoso, ingente:
Frutos, flôres, e arvores possantes!
Um mundo de verdura os ceus ameaça;
E o folo esfrega fob os pés gigantes!

Com que intuitos, oh! Deus, défte a existencia
Ao homem que estas felvas ha de abrir?!
Porque em mãos do pygmeu puzeste a força
Que póde as tuas obras destruir?!...

Serão effas florestas derrubadas
Por uma tão pequena creatura!?
Oh! perdôa, Senhor! o genio do homem
Não se deve medir pela estatura.

Tu criando-o pequeno lhe disseste
Que o fazias o rei da criação;
E ousa elle tocar nas maravilhas
Que alevantára tua augusta mão!...

Onde tu cultivavas os palmares,
Atreve-se o impio a edificar cidades;
E fobe, audaz! á região dos ventos,
Sem receio das tuas tempestades!

Muda teus rios, os teus mares corta,
E encarando teus astros sem temor
Arranca á natureza os teus segredos,
E oppõe aos teus prodigios o vapor!

O louco! mas perdôa o feu orgulho,
Quando o impellem as azas da sciencia;
Elle sabe que o fogo do feu genio
Traz o impulso da tua omnipotencia.

.....
.....

Nos paizes d'Europa não se criam
D'estes matos e felvas coloffaes;
As arvores fãõ lá menos altivas,
Mais humildes os verdes pinheiraes.

Medram aqui agigantados cedros;
Sobem até ás nuvens as palmeiras;
E lá fãõ enfezados os carvalhos,
De pequena estatura as oliveiras.

Aqui tudo é formoso, grande, eterno;
Os cheiros acres, vívido o matiz.
Mas além, onde tudo é mais modesto,
Viceja a flôr da esp'rança, o meu paiz.

O ceu é lá mais puro, o fol mais brando,
Sorri mais docemente a natureza.
Aqui tudo é maior, porém minh'alma
Não se affusta ao aspecto da pobreza.

Rugidos, gritos, ecos mysteriosos,
Povoam esta enorme solidão,
Interrompendo o fremito das felvas,
E o pavor conduzindo ao coração.

E lá é tudo paz e alegre ruido
Que se interrompe ao acabar o dia,
Recomeçando na manhã seguinte
Pela fanta oração da Ave Maria!

Aqui, do meio de soberbas flores
A cabeça do tigre vejo erguer;
Molha os frutos a baba das serpentes,
E o perigo mistura-se ao prazer.

E lá tudo é pacífico e tranquillo:
As nossas flores não encobrem feras;
E cada anno os saborosos frutos
Renascem como as novas primaveras.

Nos nossos campos vivem mansos gados,
Que á mão que os amansou tomam amor;
Aqui, se encadeiassem estes monstros,
Nunca conheceriam seu senhor.

Mas fosse a minha patria mais humilde,
Jámais d'ella no exilio me esquecêra!
Mal haja o coração que não suspira
Pela terra do berço onde nascêra!

V

Veiu a flor dos meus amores
Do ceu;
E quem a viu entre as flores,
Fui eu.

Como a violeta fingela,
Nasceu;
E no meu peito, mais bella
Viveu.

Todos os olhos que a viam
Predeu;
Mas a quantos a feguiam
Perdeu.

Quando o amor que ella me tinha
Tremeu,
A fé, que do ceu me vinha,
Morreu.

Minha fronte amortecida
Pendeu;
A uma illusão perdida
Cedeu.

Então meu coração triste
Gemeu;
Mas logo a ti, que o feriste,
Volveu.

Em mim o extremo amoroso
Cresceu,
E teu coração ciofo
Venceu.

Trata sempre com brandura
O meu,
Que só deseja e procura
O teu.

VI

NO EXILIO

Para o que a patria perde,
É o universo mudo:
Nada lhe ri na vida;
Mora o fastio em tudo.

A. Herculano.

De olhos fitos na vaga fombria
Que se perde correndo no mar,
O poeta, na terra do exilio,
Triste vive co'a patria a sonhar.

Oh faudade! oh acerba doçura!
Meiga filha da ausencia e do amor!
Vem nas chagas d'est'alma faudosa
Derramar teu divino licôr;

Dôce encanto d'amarga tristeza,
Amargura e prazer do infeliz
Que, chorando nas praias do exilio,
O teu nome, ó saudade, bem diz!

O que importa o fulgor d'estes astros
A quem viu n'outros ceus outra luz?
Nenhum d'elles, por mais que fulgure,
Do meu berço ao caminho conduz!

Que me importa esta selva florente,
Onde tudo enlouquece d'amor?
N'essas plantas de mil variedades,
Dos meus campos não vejo uma flôr!

Que me importa este rio gigante
A correr por florestas sem fim?
São mais bellas as fontes do Minho
A regar um perpetuo jardim!

Que me importam as côres brilhantes
D'estas aves, que offuscam o sol,
Se nenhuma, ai! nenhuma, em seu canto
Se aproxima ao gentil rouxinol!

Que me importa o rugido das feras,
Das serpentes o horrendo filvar?
A quem perde as doçuras da patria,
Já não póde outra perda affustar.

Mas fe ainda em minh'alma enlutada
Póde a luz da esperança viver,
O que eu fonho—o fonhar do proscripto—
É na terra da patria morrer;

Ir depôr esta carga da vida
No paiz onde a tive de Deus;
Repoufar n'esses campos floridos
No logar onde dormem os meus.

VII

A MADRUGADA

(No Rio Amazonas, em 1842)

Sê benvinda, madrugada,
Que eu sympathizo contigo;
Parece que me conforta
O ver-te chorar comigo. .

São iguaes nossos destinos;
Igual forte nos domina:
Tu chegas sempre chorando;
Chorar sempre é minha fina.

Mas é doce o teu orvalho,
Que o teu pranto vem do ceu;
E eu choro fel amargofo,
Porque n'alma nasce o meu.

Da minha amada familia
Quem me déra ao lar volver,
E gofar no ceu da patria
O teu dôce alvorecer!

Mas a estrellá que me guia,
Pelo espaço vaga errante;
Já nem resta uma esperança
Ao perdido viandante!

N'este mundo de defterro
O meu viver é penar:
De dia, sem ter focego!
De noite, sem repoufar!

E nem quando nasce o dia
Se alegre meu coração;
Que as trevas aonde eu vivo
Nunca mais a luz verão.

Mas tu choras, madrugada,
E eu sympathiso comtigo;
Porque o meu pranto é mais dôce
Quando alguém chora comigo.

VIII

O CAÇADOR E A TAPUYA

- «Tapuya, linda tapuya,
Que fazes no cacaua? —
— «Por aqui é meu caminho
Para ir ao cafézal.» —
- «Nem por aqui faz caminho,
Nem ha café que apanhar;
Tapuya, linda tapuya,
Que vinhas aqui buscar?» —
- «Eu ia apanhar goiabas
Para dar a meu irmão.» —
— «Ficam á beira do rio,
Não é n'esta direcção.» —

— «Ando em busca de baunilha,
Que minha mãe me pediu.» —

— «Menina, nos cacaueros
Nunca a baunilha fubiu!» —

— «Pois então... eu vou ao lago,
D'onde meu pae ha de vir...» —

— «Ao lago por estes fitios!
Para que estás a mentir?» —

— «Se o branco tanto pergunta,
Que já não fei responder!...» —

— «Se tu dizer-me não queres
O que vens aqui fazer!

Todos os dias te vejo
No meu cacaual andar;
Sempre seguindo meus passos,
Sempre comigo a encarar.

Pergunto-te o que me queres,
E tu olhas para mim;
Ou para longe te affastas,
Sorrindo-te sempre assim!

Vens affustar-me as cotías,
Pois nenhuma inda avistei;
Mas, se tornas a seguir-me,
A teu pae me queixarei.» —

— «Adeus, branco; vou-me embora,
Para não tornar a vir;
Se o senhor não achou caça,
Não fui eu que a fiz fugir.

Não affusta a minha idade;
Que fou bella o branco diz;
Mas o que os meus olhos dizem,
O branco faber não quiz.

Eu, fófinha atraz do branco,
Pelo cacaua andei:
E o meu branco vem queixar-se
De que a caça lhe affustei!

Era a caça quem caçava
Ao cego do caçador!...
Quem tão pouco vê, não sabe
Qual caça tem mais valor...» —

— «Anda cá, linda tapuya,
Não vás assim a fugir;
Tuas palavras tão dôces
Volve, volve a repetir.» —

— «Para traz não volve a caça;
Meu branco, aprenda a caçar:
Quem defeja caça fina,
Deve-a faber farejar!» —

Diffe a tapuya; e na felva
Para sempre se occultou;
E o tal caçador das duzias
Parvo da caça ficou!

IX

O DESERTO

(No Alto Amazonas, em 1843)

Arrancado fubitamente a todas as riquezas da vida organica, o viajante penetra com affombro n'esses espaços sem arvores, onde encontra apenas alguns traços de vegetação.

Humboldt.

Eis o deserto!... um deserto
Das regiões americanas!
Os Pampas são ali perto;
Ficam além as Guayanas...
Vinte leguas, cem, duzentas,
Mais talvez de quatrocentas...
Quem sabe quantas serão?!
Sente-se o homem pequeno
Perante o immenso terreno
D'essa eterna solidão!

O cacto agigantado,
Como guarda do horifonte,
De enormes flôres toucado,
Ante vós levanta a fronte;
Solitaria fentinella
Que attenta vigia e vela,
Porque não passeis além.
Ai do que se precipita
N'essa amplidão infinita,
D'onde não volve ninguem!

Mas fentis não fei que abalo,
Não fei que desejo incerto
De impellir voffo cavallo
Atravez d'esse deserto...
É o abismo que fascina!
Tudo que a mente imagina,
Querem os olhos gozar;
O vago e o desconhecido,
Ir onde ninguem tem ido,
Iffo vos ha de tentar.

Oufado fois? cavalleiro?
Sabeis affrontar a morte?
O cavallo é bem ligeiro?
Votae-vos a Deus e á forte:
Mettei balas na clavina;
A faca de ponta fina

Que vos não cáia ao correr;
Largae redea; dae d'ésporas;
Um dia fãõ doze horas,
Mas tendes muito que ver!

Andae caminho de leste;
Vêde como o fol discorre!
Se vos perdeis para oeste,
É mais um que por lá morre.
A galope! Como o vento,
Quasi como o pensamento,
Vosso cavallo arrancou!
Os lagos, o monte, a felva,
Os prados de verde relva,
Já tudo ao longe ficou!

Livre fois em novo mundo,
Um mundo de immensidade!
N'este silencio profundo,
Reina eterna a liberdade.
Mas o horifonte não morre!
Mais vosso cavallo corre,
Mais elle foge de vós!
E na distancia uniforme
Dorme o céo, e a terra dorme,
Devastada, muda, atroz!

Vendo canfar o cavallo,
Cedeis tambem fatigado:
Não fentis o mefmo abalo
Que vos tinha enthufiafmado;
Quereis voltar... Para onde!...
Todo o veftigio fe efconde!
Nada vos póde guiar!...
Nem o fol! do dia em meio,
Como vai, ou d'onde veiu,
Já não podeis afirmar.

Silenciofo, frio, e morto,
O deferto vos fufpende;
Voffa vifta fem conforto
Debalde ao longe fe eftende.
Nem uma nascente pura!
Nem um ramo de verdura
Que vos livre do calor!
O ar parece uma chamma,
Que voffos pulmões inflamma
Sob um ceu abrazador!

O cavallo, triste, inquieto,
Sem animo afrouxa os passos;
Do paiz ao mudo afpécto,
Como vós mede os efpacos.
Interroga o folo ardente;
E fente o calor latente,

Queimando a vegetação;
Vê só terras calcinadas,
E nas plantas abrazadas
Refrigerio busca em vão.

Busca em vão nos horifontes
Os bosques dos cacaueiros
O lago, a crista dos montes,
Os cimos dos cajueiros...
De repente, erguendo a crina,
Co'a vista mede a campina,
E parte, e corre veloz!
Largae a redea ao cavallo!
Não cureis de governal-o,
Que sabe mais do que vós!

Escutae!... um grito rouco
Distante nos ares fôa;
O cavallo, quasi louco,
Ouvindo-o, não corre, vôa!
Lá fogem vinte veados,
Do seu galope affustados!
Novo rugido estrugiu,
Mais temeroso, e mais perto!
Fugir! que o rei do deserto
A carne humana sentiu.

Já pouca esperança resta...
Do tigre a furia redobra...
Eis que se avista a floresta,
E o cavallo animo cobra!
Mais ardente corre e vôa,
Mais nos seus ouvidos fôa
Da féra ardente o correr!
Nenhum a victoria cede!
Cada qual o espaço mede
Aonde conta vencer!

Aqui se acaba o deserto!
Chega o cavallo primeiro;
Porém, com o peito aberto,
Cai sobre o seu cavalleiro.
O tigre, rugindo, avança!
Já como um raio se lança...
Tendes a faca na mão?
Espreite-lhe o movimento...
A vida cessa um momento,
Não vos pulsa o coração!...

Suspende o tigre a corrida...
Na floresta os olhos fita;
E uma onça enfurecida
Sobre elle se precipita!
Trava-se luta horrorosa,
Tremenda, mortal, ruidosa,

Que affusta, que faz pavor!...
Tomae a vossa clavina,
Se o terror vos não fascina;
Fugi, se tendes valor!

Deixae o vosso cavallo;
Do vencedor ferá preza;
Vós não podeis levantá-lo,
Era loucura a defeza.
As duas féras que lutam,
O feu cadaver disputam;
Por elle vivo ficais.
Dizei adeus ao deserto;
Dizei-lhe adeus; estou certo
Que faudades não levais!

X

SOBRE O ROCHEDO

Aqui, onde a terra acaba,
Sobre um rochedo escalvado,
Pelas ondas carcomido,
E dos ventos açoitado,
Aqui, fugindo do mundo,
Eu venho chorar meu fado.

Sobe a onda pela rocha
Do nordeste ao fibilar;
Um navio em panos largos
Vejo ao longe a velejar;
Oïço a voz dos marinheiros,
Alegres fallando ao mar.

Se eu participasse agora
D'esse viver vacillante
Do marinheiro, que a vaga
E o vento levam distante;
D'essa vida aventureosa,
Que arrebatã o navegante!...

Oh! se eu tivesse a ventura
De poder hoje partir
Em busca de novos mares,
E novos ceus descobrir!...
Se eu podesse d'estas praias
Os meus olhos despedir!...

Oh! feliz, se n'este instante,
Cessando o meu desvario,
Visse fugir esta rocha
Da pôpa do meu navio!
Nunca mais molhára a quilha
Nas turvas aguas do rio!

Com perigos me esquecêra
Das faudades do passado;
Meu coração tornaria
Do balanço apaixonado;
E, a bordo do meu navio,
Seria o mundo olvidado.

Que me importavam os cantos,
Os meigos fonhos do amor?
Na terra tudo é mentira;
Tudo é vão e enganador;
Onde reina a hypocrisia
Só se dá bem o impostor.

Ai! se no mar eu me vísse!...
Achára lá mais poesia;
No clamor das tempestades
Ha magestosa harmonia;
E tambem hymnos parecem
Os ruidos da calmaria.

Levae-me, ó ondas, levae-me
Aonde ninguém chegou;
Aonde fô mar e vento
Deus até hoje mandou;
Aos fitios desconhecidos
Que a minha mente fonhou!

Levae-me longe da terra,
Aonde fica perdida
A flôr da minha existencia
Por estranhas mãos colhida;
Aonde vive a esperança,
Para mim desconhecida.

Ai! furdas ao meu pedido,
As vagas passando vão!
Some-fe ao longe o navio,
Levado da viração;
Em fuas velas me foge
Mais uma dôce illusão.

Todos podem ir correndo,
Em procura d'outro ceu;
A todos o mundo é livre;
Todos vão; fico só eu,
N'esta rocha encadeiado,
Como um novo Prometheu!

Vôa em vão meu pensamento
Dos horifontes além;
Meus passos ficam suspenfos,
Onde o mar pára tambem;
Por isso a todas as horas
Minh'alma aqui chorar vem.

Adeus, rochedo escalvado,
Batido do mar e vento;
Ámanhã virei de novo
Dizer-te o meu soffrimento,
Até que Deus me permitta
Seguir o meu pensamento.

XI

O AMAZONAS

(A Agostinho José de Almeida)

I

Leguas mil a correr, furioso, alaga
O folo d'este fertil continente;
Na corrida feroz o cedro esmaga,
E montes leva na voraz corrente!

Veia enorme, que a fábria natureza
No corpo introduziu do novo mundo,
Mostrando que tem forças e grandeza
Para um rio igualar ao mar profundo!

Bem largo Oceano sua foz parece,
Aonde o mar em vão tenta sustel-o;
Porém, vendo que a força lhe fallece,
Resigna-se no leito a recebel-o.

E o gigante dos rios, magestofo,
Rafgando o feio do foberbo Oceano,
E fuspendendo o curso impetufofo,
Affim falla em idioma lufitano:

II

— «Ondas do mar, não cuideis
Que me affustais;
Vinte leguas me vereis,
Ou inda mais.

Eu dos rios fou o rei,
Como fabeis;
E por iffo, bem o fei,
Me não quereis.

Como entrada vos não dou
No leito meu,
Louco o mar tambem tentou
Negar-me o feu;

Mas eu faço-o murmurar
Junto a meus pés,
Emquanto o vou adoçar
Por leguas dez.

Ao encontro de quem vem
Para me ver
De longe, correr tambem
É meu dever.

Mas a gente d'além-mar,
Quem m'a mostrou?
Seu viver e feu fallar,
Quem m'o ensinou?

Quem os trouxe d'outros ceus
Ao meu fertão,
Para dar aos filhos meus
Religião?

Quem meu nome foi levar
Do mundo além?
Foram as aguas do mar,
E mais ninguem.

Meus productos vão vender
Aos europeus;
E ao meu feio vem trazer
Todos os feus.

Como tu, ó mar, sou rei;
És meu irmão:
Tu, nas costas dás a lei;
Eu, no fertão.» —

III

Com féro aspecto as vagas
Attentas o escutaram;
E para novas plagas
Soberbas se voltaram.

Movidas com violencia
Do tumido gigante,
A sua omnipotencia
Pregoam já distante.

Descrevem-lhe a riqueza
Da terra que percorre,
A fertil natureza
Aonde nasce e morre.

O mundo, de pasmado,
Não crê taes maravilhas,
D'um sonho desvairado
Cuidando que são filhas.

Mas eu, que o rio immenso
Audaz navego agora,
E attonito e suspenso
Contemplo a sua Flora;

Que a grande voz lhe escuto
Soberba murmurando,
E o vejo refoluto
O feu poder provando;

Eu, pobre desterrado,
Que em cima d'estas aguas,
Luctando com meu fado,
Alegro as minhas maguas;

Do meu paiz distante,
Calando ora a faudade,
Que inspira ao viandante
A ausencia e soledade;

Interprete do rio,
Na voz da minha lyra,
Traduzo o murmurío
Que feu poder lhe inspira.

Indomita a corrente,
Que os montes rue e abala,
Descendo féra, ingente,
Assim altiva falla:

IV

— «Sou dos rios o primeiro,
No mundo não tenho igual,
Nem fob o ceu do cruzeiro,
Nem fob o ceu boreal!
Corto quasi um hemispherio;
Orgulho fou d'um imperio,
Onde corre o leito meu.
Do Nilo a fama se cale,
E o Mississipi não falle,
Que o Amazonas fou eu!

Nas minhas aguas barrentas
Ha ondas como as do mar,
Erguidas pelas tormentas
Que vem meu collo agitar.
Nas minhas vagas ferventes
Tambem mergulham ardentes
As azas do furacão!
Eu gero monstros informes,
Colossaes, brutos, enormes,
Prodigios da criação.

Tenho peixes de mil côres,
E tartarugas tambem;
Ilhas cobertas de flôres
Sobre mim boiando vem.
Mil rios, de nomes varios,
Mil rios, meus tributarios,
Me conhecem por fenhor;
Aguas verdes e aniladas,
Pretas, vermelhas, doiradas,
Em meu feio vem depôr.

Eu tenho matas formosas
De açucenas, e jasmim;
Tenho pudicas mimosas,
Branco e vermelho angelim;
Tenho felvas de itaúba,
De cedro, e maçarandu ba,
De pau d'arco, e condurú,
Onde a canella, a baunilha,
O cravo, a salsa parrilha,
Se abraçam ao cumarú.

Guerreiras tribus sustento
No fundo dos meus fertões;
E nas margens dou assento
Aos restos de cem nações.

Pelas minhas ribanceiras,
Ao lado das bananeiras,
Se cria o regio ananaz;
Enlaçam-fe aos cajueiros,
Goiabas, araçáfeiros,
E dôces maracujás.

Tenho abacates, e mangas,
Abíos, e bacorís;
Tenho as acidas pitangas;
E os famosos saputís;
Do affucar produzo a canna;
E cresce a nicociana
Ao pé dos algodoaes.
Selvas fãõ meus cacaeiros,
Bosques os meus cafézeiros,
Immenfos meus arrozaes.

Entre as tintas preciosas
Tenho anil, e tatajuba;
Nas plantas mais venenosas
Urarí, e a caxinduba;
Tenho os oleos, as refinas,
Os leites, as gommas finas,
Que vendo a muitas nações;
Das Indias crio a pimenta;
E a mandioca rebenta
Por todos os meus fertões.

No feio dos meus palmares
As aves de fina côr,
Em terníffimos cantares,
Se juram eterno amor;
A brifa de amor fufpira;
Amor a felva refpira
Nos mil perfumes que tem;
E fob efte céo ardente
A onça, o tigre, a ferpente,
Amor fe dizem tambem.

Nos meus vastíffimos lagos,
Entre a flôr do mururé,
De amor os ternos affagos
Tambem gofa o jacaré.
Em torno a mim todos amam,
Todos os peitos fe inflammam
Com o fol do meu paiz;
Tudo é paixão, e ternura;
É tudo amor, e doçura;
Tudo em torno amor só diz.

Minhas languidas felvagens,
Astros do ceu do Equador,
A quem as brandas aragens
Levam dos bofques a flôr,

Não teem na face mimofa
A côr vermelha da rofa,
Nem a alvura do jasmim;
Mas teem a cutis morena
Macia como a açucena,
Mais lifa do que o fetim.

São tapuyas; mas tão bellas
Como as brancas d'além-mar;
Seu coração, como o d'ellas,
A paixão faz palpar.
Seu amor tem mais ternura,
Tem feu fallar mais doçura,
Seu olhar mais languidez.
Ninguem as vence em caricias;
Ao amor dão mais delicias,
E mais dôce embriaguez.

Nadando como as fereias
As vejo no leito meu,
Querendo apagar nas veias
O fogo que Deus lhes deu;
Porém minhas brancas aguas
Domar não podem as fraguas,
Que a paixão faz accender;
Tudo aqui a amar convida;
São tudo flôres, e vida;
É tudo amor, e prazer!

Eu tenho riqueza immensa
Em brilhantes e metaes;
Eterno perfume incensa
Minhas aguas colossaes.
Tenho monstros, e tormentas,
E florestas opulentas
Em vastissimos fertões;
Tenho agigantadas flôres,
Aves de todas as côres,
E povos de cem nações.

Os meus astros são formosos;
Não os ha de igual fulgor!
Meus animaes temerosos
Causam aos homens pavor.
Tanto poder e grandeza
Que Deus deu á natureza,
E a natureza me deu,
Ninguem mais o tem no mundo,
Pois eu não tenho segundo,
Que o Amazonas sou eu.» —

V

Affim fallam as aguas magestofas
No murmurar da rapida corrente;
E a feu lado recofta-fe indolente,
Soberbo, um povo pelas ver e ouvir.
Mas que ferá de ti, rio famofo,
Quando os braços do tempo e da sciencia
Do teu curso domarem a violencia,
Transformando-te aos olhos do porvir?

Quando o machado derruir teus bosques;
Quando o ferreo carril abrir teus montes;
Quando invadirem tuas grandes fontes
A hydraulica, as artes, e o vapor;
Quando, cortadas as florestas virgens,
Que hoje te dão foberba mageftade,
Erguer em cada legua uma cidade
O genio do porvir triumphador;

Quando as felvas de cedros fuccumbirem,
Roubando a tuas margens teus verdores,
Teus perfumes, teus hymnos, teus amores,

A harmonia das tuas solidões, —
Em tuas ribas furgirão palacios;
E teu folo poetico e florido,
Por machinas enormes revolvido,
A face mudará dos teus fertões!

Mil navios verás, e varios povos;
Dia e noite ouvirás linguas estranhas,
Sem que repita o eco das montanhas
A lingua que o teu povo conheceu!
Porém, com a sciencia da luz nova,
Que te venha arrancar á barbaria,
Conhecerás tambem como a poesia
Com a tua rudeza feneceu!

O bafo pestilente das cidades,
A corrupção que o feio lhes devora,
Nos mesmos sitios que percorro agora
Hão de algum dia celebrar festins!
E tu verás na tez acobreada
Das que são hoje virgens innocentes,
Succederem-se os beijos impudentes
Ás candidas capellas de jasmins!

Oh! não, meu rio! não te civilises,
Pois vive em tua virgem natureza
Uma imagem de Deus, uma grandeza,

Que leva para os ceus a aspiração;
E das cidades, onde o vicio reina,
Onde o dinheiro como Deus se adora,
Foge a religião consoladora,
Porque Deus vive só na solidão.

XII

A NUVEM E A TORMENTA

Typo da vida do homem,
É do universo a vida:
Depois do afan, repouso;
Depois da paz, a lida.

A. Herculano.

Immovel dorme na região dos ares
Formosa nuvem que reflecte o sol;
Talvez gerada no vapor dos mares,
Ou nas nevoas cinzentas do arrebol.

Pouco a pouco se tornam suas côres
Diafnas e alvas como um veu;
E vão-se dilatando os seus vapores
Até a nuvem se esvaír no ceu.

Mas em breve apparece novamente,
Já mais inchada condensando o ar;
E descendo depois ao mar fervente
Vai no feio das ondas mergulhar.

Tomando as fórmãs de gigante immenso
Devora as aguas onde foi descer;
Colosso enorme sobre o ar suspenso
O horifonte começa a escurecer.

Estende as garras pelo firmamento,
E co'as fauces attrai o furacão;
Derramando na esphera o seu alento,
Fuzila o raio, e ouve-se o trovão.

A nuvem precursora da tormenta
As aguas lança que no mar bebeu;
E a tempestade, em destruir sedenta,
Nos mastros do meu brigue se abateu.

Vergas estalam, vôa o pano em tiras,
Vem ao convez um mastareu cair,
Redobra o furacão as suas iras,
Pelas bordas o mar sóbe a rugir.

Dos elementos a feroz discordia
O ceu cobre de negra cerração;
Mas os olhos da pródida concordia
Enxergam atravez da escuridão.

Já meu navio com o tempo corre;
E inda a vaga espumando no convez,
De ouvir magoada o temporal que morre
Cubiçofa ao fugir me lambe os pés.

Deus é grande! a devota marinhagem,
Implorando-o, á manobra se lançou;
E não foi só o zelo e a coragem
Quem do certo naufragio nos livrou.

Extinguiu-se a tormenta! ó marinheiros,
O serviço um instante abandonae;
E ao fom cadenciado dos banzeiros
De joelhos commigo a Deus orae;

Para que nos defenda eternamente
Das tormentas do mar, e das paixões;
Que umas levam a vida de repente;
As outras, lentamente os corações!

Ha pouco vistes effa nuvem bella,
Alva, purpurea, de variada côr,
Dos feios vomitando uma procella,
Que a natureza revestiu de horror?

Pois, como a nuvem, as paixões violentas
Nascem brandas no humano coração;
E depois crescem mais do que as tormentas,
E causam maior mal que o furacão.

XIII

FANTASIA

(Na bôca do Amazonas, em 1845)

I

Sobre as aguas azues do mar profundo,
Ao declinar da tarde,
Banha o fol os feus raios derradeiros;
E a onda adormecida
Em torno dos rochedos,
Espreguiçando o collo movediço,
Vae e vem vagarofa;
Beija de vez em quando a roxa arêa,
Onde deixa vestigios
De fuaves caricias.

Aqui, sob os copados arvoredos,
Do bosque as divindades
Aguardam a luz dôce do crepúsculo
Para vir á clareira,
Dos perfumados zephyros
O premio receber de altos amores.
A viração que passa
Vai colhendo os aromas recedentes
Da flôr que defabrocha;
E n'outra flôr vizinha,
Depositando o germen amoroso,
Novos fêres fecunda!
Nem uma nuvem pelos ceus se avista!
A natureza inteira
Parece adormecida!
Porém no seio fértil continúa
O lavor mysterioso
Que de harmonia e vida enche o universo.

II

Solitario, nas praias do desterro,
Com a patria sonhando,
Eu venho aqui acalantar saudades
Diante do espectáculo
D'estas felvas immensas, que assoberbam
As margens do Oceano.

E passo longas horas, suspirando
 Com os olhos na vaga,
 Quando ella corre, atravessando os mares
 Como o meu pensamento...
 E aqui meu coração faudofo geme.
 O involucro pezado
 Que me envolve nos feios das cidades,
 Eu sinto aqui romper-se;
 Á viva luz d'uma existencia nova
 Meus olhos se descerram;
 O cheiro agreste que da selva emana,
 O cantico das aves,
 O fremito das ondas e dos bosques,
 O odor da marefia,
 Esta harmonia estranha e mysteriosa
 Que as solidões derramam,
 Parece que embriagam meus sentidos
 Levando-me em espirito
 Á patria, ao ceu, a regiões fantasticas.

III

Oh! como fica longe
 O meu paiz querido!
 Mas eu sou marinheiro! largo! aos mares!
 Eu não tremo das vagas alterofas,
 Que meu pae ensinou-me a desprezal-as;

Meu pae, oufado nauta,
 De quem o mar tremia!
 Que, por maior que fosse a tempestade,
 O pano do navio não rizava!
 O leme subjugando, a bórda inteira
 Nas ondas mergulhada,
 O lais cortando a vaga,
 A quilha fóra d'agua, as velas todas
 Tufadas pelo vento da tormenta,
 Os mastros inclinando, e as enxarcias
 Estalando, ou gemendo...
 Mas elle não cedia!
 Cem vezes naufragou! cem vezes salvo,
 Aos restos dos navios abraçado,
 Lutando com o genio das procellas,
 A navegar tornava,
 Para naufragios novos!
 Por fim, no abismo, como desejava,
 Achou sepulchro e funerarios hymnos!
 Já morto, e uma bala aos pés atada,
 Como do mar no fundo
 Não via o seu navio,
 Por tres vezes volveu ao cimo d'agua!
 Mas seus olhos cerrados já não viram
 Que outra mão empunhava ao leme a roda.
 Pois eu, que sou seu filho,
 Temerei as tormentas?

Oh! não receio! mas o meu destino
 É agora vagar n'estes desertos;
 Errar por estes bosques e montanhas...
 E não é só da patria
 Que hoje tenho faudades!...

IV

Tambem já, infeliz! amo e suspiro!
 Eu, que ria e zombava dos poetas
 Quando os via d'amor gemer escravos,
 Captivo sou agora!
 Tornei meus inimigos muitos olhos,
 Que o fulgor das estrellas offuscavam.
 O amor levantou á minha vista
 O veu mysterioso,
 Que os mil segredos da belleza encobre!
 Thefouros que não sonha a fantasia,
 Encantos que o desejo não concebe,
 Meus olhos enxergaram!
 E nem sequer um rapido lampejo
 D'essa luz que a existencia vivifica
 Foi do meu coração raiar nas trevas!
 Amor desesperou-se
 Por não ver succumbir tanta bruteza
 Ás duras leis de feu eterno imperio,
 E jurou que de mim se vingaria.

Gastou mil artificios;
 Esperdiçou encantos;
 Tentou da formosura a flôr mais bella
 Empregar contra mim; eu, ignorante,
 Das suas seducções escarnecia!

Desafiei as iras
 Da barbara criança,
 Exaltando o prazer da liberdade;
 Alardeei a minha independencia,
 E disse que a paixão era mentira,
 E o amor desvario,
 Porque amar não sabia!

O meu erro fatal pagando agora,
 Do vingativo deus soffro o castigo,
 E minha escravidão bemdigo ainda!

v

Ardente fogo me devora o peito!
 E já meu fangue, em turbilhões fervendo,
 Salta de veia em veia!

E rapidos me opprimem
 Desejos que a desejos se succedem!
 Desamparado estou; amor, venceste!
 Mas não foste leal nos teus combates!

Tu fó, não me vencias;
 Foste aos astros roubar o dôce brilho,

E n'uns olhos de fada
 Forjaste o raio que feriu minh'alma!
 Mas quem é ella, a virgem innocente,
 Que ferve de instrumento á paixão cega
 Do meu odiofo, barbaro inimigo?
 É filha d'estes bosques;
 As amarellas flôres do pau d'arco
 Lhe ferviram de leite;
 As açucenas bravas,
 Tecidas no cipó da falfarana,
 Lhe corôam a fronte.
 O curimbó, o cravo, e a japecanga,
 Enfeitam as clareiras,
 Aonde ella adormece
 Em camas de jasmins e de verbenas.
 O fabiá suspira,
 E geme o jurutí quando ella dorme;
 E tudo em torno d'ella
 Descanta alegre quando nasce o dia,
 Vendo-a encher os cabellos
 De rofas mogorins, e de baunilhas.

VI

Mas eu em vão a chamo!
 Invoco-a inutilmente!
 Meus suspiros, meus ais não a commovem!

No cimo das florestas,
Sobre as aguas do lago,
Do Amazonas na rapida corrente,
Pelas ondas do mar adormecido,
Das tardes no crepusculo,
Nas nevoas matutinas,
Eu vejo-a em toda a parte, e a toda a hora!...
Porém, vejo-a fugindo
De mim, do meu amor, de meus desejos!
Oh! vingativo nume!
Se já satisfizeste o teu capricho,
Meu coração domando,
Que mais queres de mim? porque me negas
Aquella que me fez teu tributario?
Ai! horrivel verdade!
Meu peito anceia com amor violento
Pela filha d'um fonho mentiroso!
Vingou-se amor de mim! porém ao menos
Tal como eu a fonhei nem tu, tyranno,
Se te abrazáras em teu proprio fogo,
Acharias imagem tão formosa
Como a que vive em minha fantasia!

XIV

MEU PAE

(No mar, em 1846)

I

— «Adeus, Marianna, adeus; ao marinheiro
As batalhas da terra pouco importam.
Ver o irmão ao irmão affaffinando
Quadros são que minh'alma desconfortam.

Adeus... não chores; a derrota é longa,
E a terra do exilio bem distante;
Mas o navio é bom, e Deus é grande;
E meu amor por ti ferá constante.

Adeus... vai abraçar os nossos filhos;
Se os eu visse outra vez, não partiria...
Adeus!... adeus!...» — E já no largo Oceano
— «Adeus, familia e patria!» — repetia.

— «Erguei as tenras mãosfinhas!
Erguei, erguei para os ceus!
Que, por ferdes innocentes,
Sereis ouvidos por Deus!
Oh! como o mar está bravo!
Rezae, rezae, filhos meus!

Todos tres dizei commigo,
Filhos, dizei com fervor:
«Para quem anda nas ondas,
«Misericordia, Senhor!
«Salvae-os da tempestade!
«Salvae-os, por voffo amor!

«Senhor Deus, misericordia
«Para quem anda a penar,
«No meio da noite escura,
«Por fobre as aguas do mar!
«Senhor Deus, misericordia!
«Não os deixeis naufragar!

«E tu, Rainha dos anjos,
«Ó Senhora da Bonança,
«Estrella na tempestade,
«Casto lume d'esperança,
«O nosso pae, que anda longe,
«Restitue-nos sem tardança!» —

III

Os hymnos da virtude e da innocencia
Em vão subiram pelo espaço immenso,
E aos pés do throno celestial e puro
Se converteram em divino incenso.

A alma do pae, e as orações dos filhos,
Juntas voaram para os ceus profundos;
Mas nos abyssos do Oceano o corpo
Sepultado ficou entre dois mundos!

Oh! como é triste o acabar nas ondas!
Depois de morto, ainda navegando!...
Errar ao som das aguas e dos ventos...
Para onde? em que sitio? e até quando?

Não dormir em tranquilla sepultura,
Onde possam os filhos visital-o!
Onde o pranto dos seus lhe banhe as cinzas!
Onde o amor e a dôr venham guardal-o!...

Perdôa-me, Senhor, se eu te blasphemio!
Perdôa ao triste orfão sem ventura...
Orfão a quem do pae nem resta ao menos
A triste prova de uma sepultura!

Perdôa-me, Senhor, que a cada hora
Do meu martyrio reverdece a palma.
E se eu morrer tambem n'este Oceano,
Perca-se o corpo, não se perca est'alma.

Recostado na amura do navio,
Quando a lua discorre nos espaços,
Em cada vaga que a meu lado geme
Vejo um cadaver estender-me os braços!

Oh! se eu fosse tambem amortalhado
N'essa onda que vejo encapellar-se!...
Talvez meu corpo, no profundo abyssmo,
Ao corpo de meu pae fosse abraçar-se!

— «Eis terra! a nossa terra!» — bradam todos,
Fita a fofrega vista no horifonte;
Eu fó ás vagas com faudade a volvo,
E á justiça de Deus inclino a fronte.

XV

FILHO E MÃE

I

— «Adeus, mãe, adeus!...» —

— «Menino,

Filho do meu coração,

Onde vais tão pequenino?» —

— «Correr mundo é meu destino;

Deus me dará protecção.

Adeus, mãe!...» —

— «Oh! filho meu,

Porque não vives contente

Co'a forte que Deus te deu?

Tua mãe é tão doente!...» —

— «Mãe, se me não deixas ir...» —

— «Que fazes?» —

— «Oh! mãe, consente!...» —

— «Se não deixo?...» —

— «Hei de fugir!» —

— «Filho!» —

— «Perdão... é destino.» —

— «Mas tu és tão pequenino...» —

— «Adeus, mãe; eu vou partir!» —

— «Só tens dez annos, criança!

Com essa idade, onde vais?» —

— «Mãe, tenho em Deus confiança,
Não preciso nada mais.» —

— «Vae, meu filho; dizes bem;

Quem põe no ceu a esperança,

É que no mundo a não tem.

Vae, menino; vae, querido;

Eu fico sempre a chorar

Pelo meu filho perdido...» —

— «Não chores, que hei de voltar...

Hei de trazer um thefoiro

Das terras d'além do mar...» —

— «Oh!...» —

— «De grossas contas de oiro

Te hei de fazer um collar.

Não chores, ó mãe querida;

Não chores, que hei de tornar!» —

— «Ai! filho da minha vida!

Nunca mais te torno a ver!

Filho, não vás, não me deixes,

Que não te quero perder.» —

— «Mãe...» —

— «Não quero!» —

— «É meu destino...» —

— «Não quero, que vais morrer!...» —

— «Vou em busca da riqueza;

Oh! mãe, confia no céu...» —

— «Não, não, eu quero a pobreza

Ao lado do filho meu.

Não fejas ambicioso,

Filho do meu coração.» —

— «Mãe, no instante doloroso

Da nossa separação,

Roga por mim ao Senhor...» —

— «Se rogo! bem fei de certo,

Ó filho do meu amor,

Que n'este mundo deserto

Só me fica immensa dôr!

Ai! eu jámais te verei...

Se tu sem mim não morreres,

Eu sem ti não viverei.» —

— «Oh! mãe!...» —

— «Parte, e se voltares

Bem rico e muito feliz,

E a tua mãe não achares...

Não digas que Deus o quiz...» —

— «Mãe!...» —

— «Adeus; eu fico orando,
Porque fou mãe...» —

— «Voltarei.» —

— «Lembra-te de vez em quando...» —

— «Oh! sempre me lembrarei!» —

II

Partiu o filho; e dez annos,
Buscando a fortuna em vão,
Só amargos defenganos
Encontrou sua ambição.

Penfando na mãe que amava,
Cuidando tornal-a a ver,
Noite e dia se cansava
Co'a desdita a combater.

Por fim, vencido e quebrado,
Mais pobre do que partiu,
Ao seu ninho abandonado
A saudade o conduziu.

Mas a mãe já não vivia
Quando o triste ali chegou;
E deserta, muda, e fria,
Sua morada encontrou.

Então no chão, de joelhos,
Cai humilde a soluçar,
Ao lembrar-se dos conselhos
Que não foubes aproveitar.

Se a mãe tivera attendido,
Não fôra tão infeliz;
Nem chorára um bem perdido,
Que em outro tempo não quiz.

Ai dos que não obedecem
Á doce voz maternal;
Que n'ella não reconhecem
Affecto mais que mortal!

Ai d'elles! a desventura
Que não prevenir a mãe,
Ninguem, nenhuma ternura,
A póde prever tambem.

XVI

SÓ

E ver após um dia inda cem dias,
Nús d'esperança, ferteis de amargura;
Socorrer-me ao porvir, e achal-o um ermo,
E só, bem lá no extremo, a sepultura!...

A. Herculano.

Sobre o ramo do pinheiro,
Que a tempestade lascou,
Chora a rôla o companheiro
Que a morte lhe arrebatou;
Chorou de dia e de noite,
Mas o amante não voltou.

A folitaria avefinha,
Não podendo á dôr fugir,
Outro sustento não tinha
Senão gemer e carpir;
Até que, sentindo a morte,
No chão se deixou cair.

Como a rôla, abandonado,
Tambem eu vivo a gemer;
Tambem, de chorar canfado,
Quizera poder morrer;
Mas é peor meu destino,
Que é de chorar e viver.

A minh'alma toda é luto;
É luto o meu coração;
Da faudade o amargo fruto,
Nos meus olhos nasce em vão;
Que o chorar não torna á vida,
E é triste confolação.

Viver fó! n'um mundo immenso
Onde não tenho ninguem;
Andando como suspenso,
Ancioso, buscando alguem;
E vendo a todos efranhos,
Efranho eu' d'elles tambem!

Estender com ancia o braço,
Procurando a mão dos meus,
E não ver fenão o espaço,
Toda a solidão dos ceus!
Sempre sófinho na terra,
Como um castigo de Deus!

Longas noites de vigilia,
Dias de negro pezar,
Eis ahi toda a familia
Que me rodeia o meu lar!
Foi a dôr meu patrimonio;
A minha vida é chorar!

Pae, e mãe, irmãos queridos,
Meus thesouros de affeição,
Uns, distantes e perdidos,
Outros, debaixo do chão...
A minh'alma está deferta,
Deferto o meu coração!

Sófinho, n'este abandono,
Que me resta, senão Deus?
Como as folhas que no outomno
Disperfa o vento dos ceus,
Pelas sentenças do Eterno
Vi disperfados os meus!

Faça-fe a vossa vontade,
Senhor, que tudo podeis!
Que eu chore eterna saudade,
Pois vós affim o quereis!
E, cumprindo o meu destino,
Obedeço ás vossas leis.

XVII

GARIBALDI

(1848)

Ahi fventura! fventura! fventura!
Già la terra é coperta d'uccifi;
Tutta é fangue la vasta pianura!

Manzoni.

I

Ai, defgraça! defgraça! defgraça!
Tudo em Roma são ruinas, estragos!
Jorra o fangue dos muros da praça,
Convertendo as campinas em lagos.

O francez e o romano abraçados
Brandem juntos o ferro homicida;
Juntos cáem; dos peitos rasgados
Sentem juntos fugir-lhes a vida.

No combate furioso e tremendo,
Já de Roma os soldados fallecem;
Querem livres cair combatendo,
Porque ao menos co'a patria adormecem.

Se o valor e o esforço bastára
Em defeza da patria invadida,
Nem a França os romanos domára,
Nem a Italia vivêra opprimida.

Mas, ai, Roma! o poder inimigo
Era immenso, infinito! . . . cedeste!
Os teus bravos caíram contigo;
Um só vive; só um não perdeste!

Esse, martyr de heroica esperanza,
Abraçado da Italia á bandeira,
Não o percas jámais da lembrança;
Vive n'elle a tua luz derradeira.

Bem o vês: no fragor da batalha,
Já coberto de fangue e de gloria,
Como corre affrontando a metralha,
Disputando ao francez a victória!

Implacavel, furiofo, fedento,
 Se arremeffa nas hostes da Gallia;
 N'ellas vinga com ferro cruento
 Os aggravos de Roma e da Italia!

— «Quero a morte! matae-me! — clamava —
 Contra mim o arcabuz, ou a lança!
 Por fer livre, esta mão pelejava;
 Turba infame d'escravos, avança!

Elles fogem? Covardes!... á morte!
 Minha Italia, tu morres vingada!
 Vencedor! este braço inda é forte!
 Esta mão fustém inda uma espada!» —

Affim falla; e um largo terreiro
 Nas oppostas fileiras abria;
 Pafmam todos do oufado guerreiro;
 A feus golpes a morte rugia!

Cáe emfim! como o roble gigante
 Esmagando na quéda os arbuftos,
 Tal o viram, um terço affaltante
 Esmagar sob os membros robuftos!

Chora a Italia a perdida esperança;
Roma chora, accitando o tyranno;
Do caudilho fe grava a lembrança
Na memoria do povo romano!

E elle vive! cercado de mortos,
Guarda a vida por Deus confervada;
E feu pranto dos olhos abortos
Se despenha no troço da espada.

Pouco a pouco do folo opprimido
Ergue a vista á captiva cidade;
E, no peito abafando um gemido,
Sua voz murmurou: — «Liberdade!» —

Como espectro terrivel furgindo,
D'entre os mortos d'um pulo fe alçava;
Novo esforço no peito sentindo,
Este adeus aos tyrannos vibrava:

II

— «Ficae, herdeiros de Nero,
Com voffo dominio atroz!
Sem liberdade não quero
A terra dos meus avós.

É vossa agora, tyrannos!
Se vivem n'ella romanos
Vergados á escravidão,
É raça vil de traidores,
Turba que acceita senhores,
Porque não tem coração.

Os valentes succumbiram;
Por isso Roma cedeu.
As nações palmadas viram
Como a França nos vendeu;
E nas paginas da historia
Se registrou a memoria
Da affronta que ella nos fez;
Mas a injuria foi vingada,
Porque Roma cai banhada
N'um mar de fangue francez.

E tu, Vigario de Christo,
Tua mão longe que faz?
A lei de Deus é um misto
De misericordia e paz.
Dos apóstolos a herança
Devia ser de esperança
Para a triste e oppressa grei;
Porque Deus, sobre o Calvario,
Ordenou ao seu Vigario
Que pastor fosse, e não rei.

Christo na cruz expirára
Para os homens libertar;
Hoje exanime a tiára
Deixa os livres esmagar!
Na historia tinhas o exemplo:
Do Cordeiro o sacro templo
Não póde o fangue aspergir;
E o desditoso soldado
É martyr, não é culpado,
Que o deixaste succumbir!

Para tanta crueldade
Que faltas fizemos nós?
Porque em pró da liberdade
Oufamos erguer a voz,
Pedes tu jugo estrangeiro!
Acceitas o captivoiro
Do teu paiz, e dos teus!
Oh! mal haja quem deseja,
Ante a humildade da egreja,
Preferir um reino a Deus!

Mas escravos não ficámos,
Porque o ultimo caiu!
Dez contra mil pelejámos,
E nenhum de nós fugiu!

Nenhum a fronte suprema
Curvou tambem ao diadema
Do apóstolo feito rei;
Cáem todos combatendo,
Porque te vais esquecendo
Da lei de Deus, e da grei.

Roma, coberta de luto,
Recebe-te com desdem;
É pranto e fangue o tributo
Da nova Jerufalem!
Chora, cidade captiva,
Como outr'ora a mais altiva
Das cidades d'Israel!
Mas se a outra foi remida,
Tu não pódes fer punida,
Porque a Deus eras fiel.

E não durmas, desgraçada,
Que o fomno da escravidão
Te deixará transformada,
Sem brios, nem coração!
No teu duro captiveiro
F'arás o povo guerreiro
Se lhe fallares de mim.
Guarda a fé e a esperança,
Que, se no bem ha mudança,
Tambem o soffrer tem fim.

Eu, que não era teu filho,
E que por mãe te adoptei,
Volto ao mar, ao tombadilho
Que por teus muros deixei.
Meus irmãos déram-te as vidas;
Eu levo trinta feridas,
Todas no peito, bem vês!
De mim a morte fugia,
Porque as costas não volvia
Garibaldi, o genovez!

Vivo fiquei? Foi destino;
Já sem arcabuz e espada
Me atirei, cego e sem tino,
Para as filas da avançada.
Peitos, craneos despedaço;
Meus pulsos tornam-se d'aço;
Torna-se ferro esta mão!
Sobre mim chovem as balas;
Mas eu vou, rompendo as alas,
De mortos cobrindo o chão!

Rebramem correndo as vagas
Do exercito aggressor;
Contra mim lanças e adagas
Se arremeçam com furor;

Em vão me férem! a vida,
Por cem golpes offendida,
Perfiste no corpo meu!
Ante mim tudo caía;
Tudo meu pulso abatia;
De pé... ficava fó eu!

A carne cai-me aos pedaços;
Dos olhos foge-me a luz;
Porém, erguidos os braços
Como os braços de uma cruz,
Férem, derribam, esmagam;
As minhas faces se alagam
Co' o fangue dos que profreí!
Tudo pasma, fôge, e corre;
Todo o que fica ali morre;
Eu mesmo de mim pasmei!

E não morri! mutilado,
Porém vivo, em mim ficou
O derradeiro soldado
Que Deus a Roma deixou.
Com que fim? Da Providencia
A mysteriosa sciencia
Não é dado aos homens ler.
Porém, ó Roma, não durmas,
Que um dia, com novas turmas,
A teu lado me has de ver.

Só vejo escravos na terra;
Só homens livres no mar;
Dos elementos a guerra
De novo irei affrontar.
Adeus, ó restos fagrados
Dos meus valentes foldados!
Martyres da patria, adeus!
Venceram nossos destinos;
Deixemos os assassinos
Folgar co'as iras de Deus!...» —

III

Affim disse; porém foluçava
Proferindo esse derradeiro,
Vendo o fangue que a terra inundava
Derramado por ferro estrangeiro.

Era noite. Seu grito de guerra
Solta ao ar, para Roma o envia!
Fére os ecos do valle e da ferra;
Mas, captiva, a cidade dormia!

— « Adeus pois! » — exclamou, quando occulto
Pelas fombras da noite se lança.
Vendo ao longe fumir o seu vulto,
Chora Roma a perdida esperança.

Porém quando refervem os mares
Parecendo ameaçar tempestade,
Uma voz, que retumba nos ares,
Vem ás praias bradar: — « Liberdade! » —

XVIII

AMOR E DEVER

Para ti o amor me chama;
De ti me affasta o dever;
Dize-me, por tua vida,
A qual hei de obedecer!

Se te amo? Não m'o perguntas;
É inutil responder:
Eu daria a vida, e a alma,
Para contigo viver.

Mas, se não podes fer minha,
Se me não oufas querer,
Deixa-me ao menos, querida,
Escravo a teus pés morrer.

Perdão!... Porém se me ordenas
Que não falte ao meu dever,
Aparta de mim teus olhos,
Porque me podem perder.

XIX

A ORAÇÃO

..... Tu fola
Sorgi al mio labbro, flebile preghiera,
Sorgi dal cor, cui dolce idea consola
Di calma vera.

Mancini Oliva.

Nasce o dia. A natureza,
Do veu da noite despida,
Apparece em toda a terra
De novas galas vestida.

A manhã surge formosa,
Cercada de rubras côres;
E nos prados defabrocham
As lindas mimofas flôres.

Nos falgueiraes e vimeiros
Ouve-se o cantor plumoso,
Ternas queixas entoando,
Dos seus amores faudofo.

Dormiu fó dentro do ninho,
Junto á penna derradeira
Caída das azas mortas
Da perdida companheira.

O seu canto não cessava
Quando a amante inda vivia:
Cantava a todas as horas,
Quer da noite, quer do dia.

Agora... o canto nocturno
Inspira maior tristeza!
O rouxinol junta um hymno
Aos hymnos da natureza!

Brilha ainda fobre as plantas
O orvalho da madrugada;
Cobre ainda os altos montes
Denfa nevoa prateada.

Começa o ruído da terra
Nos campos e povoados,
Repetindo hymnos eternos,
Para Deus alevantados.

Abrem-fe as portas da ermida,
E o christão n'ella fe lança;
Co'a prece n'alma e nos labios,
Busca a fonte da esperança.

O velho cura das almas,
Saindo do presbyterio,
Á capella fe encaminha
Atravez do cemiterio.

Ao passar, a um lado e outro
Vai orações espalhando
Sobre os que dormem nas campas,
E sobre os que vão passando.

Ante a sua frente augusta,
Pelas virtudes fagrada,
A mãe, que chora a filhinha,
Vai curvar-fe resignada.

Confolam-fe os desgraçados,
Que uma vez o teem ouvido;
Para Deus, com feus confelhos,
Muitas almas tem colhido.

E Deus, tomando-as em conta
Ao patriarcha da aldeia,
Mostra que atrás de feus passos
A fé mais viva fe ateia.

Penetra na ermida, e o povo
No mefmo instante ajoelha;
Ao longe o vasto horifonte
Se tinge de côr vermelha.

Surge o fol, e o facerdote
De Christo o fangue levanta;
E o novo dia começa
Ante a Hoftia facrofanta.

Ora toda a natureza;
Toda a terra, mar, e ceus,
Dizem *Sanctus, Sanctus, Sanctus!*
Ante a imagem do feu Deus!

De dia, como de noite,
É eterna a oração
Que rezam luzes dos astros,
E vozes da criação.

XX

A HUNGRIA

(1848)

Infelizes! Da turba guerreira
Fica um resto, que, prompto a morrer,
Cobre a face co'a rota bandeira,
Para ao menos a affronta não ver!

Mendes Leal.

I

Da revolta o clarim nos montes fôa;
Aos valles desce; pelos campos vôa,
Fallando em liberdade ao coração;
E a nação, dos tyrannos já cansada,
Ergue ás mãos ambas sua rija espada,
Com furor sacudindo a escravidão!

— «Liberdade!» — eis o grito do guerreiro,
Despedaçando o jugo do estrangeiro,
Que sua nobre terra avassalou!

— «Liberdade!» — era o hymno da esperança,
E ao mesmo tempo o grito da vingança
Que o poder dos tyrannos provocou!

— «Liberdade!» — eis o nome que levanta
Esse povo, correndo á guerra santa,
Aonde a independencia lhe reluz!
Náo se estremam os fexos e as idades;
Combatem pelas patrias liberdades
Com a espada, o punhal, e o arcabuz!

Vôam dez esquadrões á redea solta,
Conduzindo o estandarte da revolta
Que deve toda a Hungria resgatar!
Contra as hordas do féro despotismo
Se arrebatam de heroico patriotismo
Os que querem sua terra libertar.

Agora ninguem póde dominal-os!
A terra escavam seus leaes cavallos;
Mordem freios com ancias de correr!
E, livres como os bravos cavalleiros,
Galgam vallados, pantanos, e outeiros,
Ajudando seus donos a vencer!

O espaço, ardentes, na carreira embebem;
Mas fe nas lutas do fenhor percebem
O braço e duros golpes afrouxar,
Voltam, fogem com elle ao inimigo,
E, desmaiado ou morto, o feu amigo
Reconduzem fieis ao patrio lar!

Oh! raça illustre de corceis briofos!
Valerão teus instinctos generofos
A teus nobres fenhores, e paiz?
Ou este alegre, enthufiasmado povo,
Depois da guerra curvará de novo
Ao jugo dos efranhos a cerviz?

II

Em vão, defgraçada terra,
Os teus valentes armaste!
Em vão na efcóla da guerra
Alguns heroes alcançaste!
Para oppôr tua justiça
Dos efranhos á cubiça,
Devias ter mais canhões;
Não póde haver liberdade
Onde as leis fão a vontade
Dos mais fórtes efradrões.

De novo o ceu te condemna
Aos ferros do captiveiro;
Do Danubio até ao Sena
Tremúla o pendão guerreiro;
Corre ás armas toda a gente,
Do norte até o occidente,
Para te vir algemar!
A Ruffia, a Allemanha, a França,
Um quarto do mundo avança
Para teus campos talar!

Não ouves confufa grita
Na fronteira da Esclavonia?
É da horda moscovita
Dos tyrannos da Polonia.
Das bandas da Lithuania,
Do Don, do Caucafo, e Ukrania
Surge immensa multidão;
O feroz kalmuko avança;
E o coffaco empunha a lança,
Exigindo o feu quinhão.

Fartar! fartar, falteadores!
Fartar, felvagens escravos!
Devastae, vis oppreffores,
A terra fanta dos bravos!
Vinde, ó filhos de Vienna,
Filhos dos heroes de Jena,

Vinde, francezes leaes!
Que importa o odio passado?
Já Moscow foi apagado,
E os coffacos abraçais!...

Do povo as lutas supremas
Encerram altos mysterios!
Para a este dar algemas,
Congregam-se tres imperios!
Jaz captiva a triste Hungria...
Folga, pois, ó tyrannia!
Opprime-a com teu poder,
Que a liberdade não morre;
Se ninguem hoje a foccorre,
Deus a virá proteger.

Volvem os ultimos bravos
Da patria aos lares fagrados,
Onde vão curvar, escravos,
Os seus membros mutilados!
Para outrem, finda a guerra,
Vão lavrar a mesma terra
Que o martyrio lhes fagrou!
Para o despotismo bruto,
Com fuor molhar o fruto
Que o seu fangue fecundou!

Exultae, reis deshumanos,
Algozes da liberdade!
A historia chama aos tyrannos
Flagellos da humanidade.
Folga, ó despota do Sena!
Mas olha que em Santa Helena
Outro maior succumbiu!
E a esse perdôa a historia,
Não por sua immensa gloria,
Mas pela dôr que o punziu!

Esse, ao menos, a memoria
De Alexandre recordava,
E dos loiros da victoria
Seu despotismo adornava;
Esse, ao menos, não fingia;
Como Cesar combatia
Pelas mesmas condições;
E, como Cesar vencendo,
Ia o seu poder fazendo
Igual aos seus batalhões.

Mas esse, como Tiberio,
Revelava os seus intentos,
Do consulado ao imperio
Gastando apenas momentos...

Esse, erguendo a forte espada,
A velha Europa aterrada
A seus pés ia cair;
E elle, genio tão profundo,
Era grande, porque o mundo
N'um imperio quiz fundir!

Porém tu, republicano,
Teu braço perjuro armaste;
E ao livre povo romano
Os pulsos de novo ataste;
Do Beresina esquecido,
Com a Ruffia agora unido,
Vais a Hungria escravizar!
Eis teus feitos! É teu vulto
Á liberdade um insulto
Que os povos hão de vingar.

O que vale o nome herdado
Do prestigio inda brilhante,
Sem a espada do foldado,
Sem as forças do gigante?
Se te exalta um povo louco,
Ouviste-o pedindo ha pouco
A morte do proprio rei!...
Treme pois que, vinda a hora
Da justiça vingadora,
Te condemne a mesma lei.

III

E elles cairam, os heroes da Hungria!
Cairam nos abertos parapeitos,
Glorificados por feus altos feitos,
Cobertos de feus rotos pavilhões!
Ide ali aprender, povos da terra,
Como se morre com eterna gloria,
E como o vencedor paga a victoria
Quando tem de vencer taes campeões!

Por cada bravo que cerrára os olhos,
A morte preferindo ao captiveiro,
Dez foldados do exercito estrangeiro
Com rugidos de dôr mordem o chão;
Dão aos infernos as damnadas almas,
Cuspindo injurias contra o ceu e a terra:
E sobre aquelle que os mandou á guerra
Lançando a derradeira maldição!

E os filhos da Hungria, succumbindo,
Morrem certos que o fangue derramado
Deixa o folo co'a idéa fecundado,
Reservando feus frutos ao porvir;

E que ao fagrado amor da liberdade
A prova do martyrio retempera;
E que o fangue vertido regenera
Os que para vingal-o hão de furgir.

Oh! mas não lastimeis os que ficaram
Sem achar no fragor de dez batalhas
As gloriofas celebres mortalthas
Que a maior parte da nação achou!
Miffão tambem illustre cabe a estes,
Que é fazer de feus netos bons foldados
Para um dia cumprirem os legados
Que a morta independencia lhes deixou.

Encaminhae-os, pois, briosos velhos,
Porque os não degenere o captiveiro;
E todo o que receba do estrangeiro
Um ferviço, um emprego, um fó favor,
Á face do paiz feja infamado!
Renegue-o a familia, e feus amigos;
Semelhante ao mais vil dos inimigos,
Morra pelo punhal como um traidor!

E depois, quando o dia fôr chegado
De invocar novamente a liberdade,
Não mancheis com inutil crueldade

A victoria que certo alcançareis;
Mas se não a ganhades, como os Décios,
Não vos deis dos infernos á potencia;
Morrei antes co'a vossa independencia,
A novo captiveiro não torneis.

XXI

A UMA MULHER MUITO FEIA

Correrei mundos e mundos;
E, lá dos mundos no fim,
Saltarei fóra dos mundos
Se te vir atrás de mim.

.....

Se, chegando ao fim dos mundos,
Tu olhares para lá,
Direi ao autor dos mundos:
— «Mais mundos! que ella cá está!» —

Santos Cruz.

És tão feia creatura,
Que até o Deus que te fez
Voltou o rosto affustado
Ao ver-te a primeira vez!

Quando nasceste era noite;
Mas, logo que amanheceu,
Tua mãe viu-te, e gelada
De puro medo morreu!

Teu pae, teu avô, teus tios,
Foram-fe todos tambem!
Acabaram aterrados,
Como a tua pobre mãe.

As crianças a quem fallas
Não tornam a comer pão;
Mulher pejada que topes,
Pare logo um aleijão.

A morte bispou-te um dia,
E começou a rugir,
Por faber que com tal cara
Não podia competir.

Mas foi-fe chegando a medo,
E disse, dando-te um coice:
— «Se eu apanho aquella cara
Nunca mais ufo da foice.

Ninguem mais torna a escapar-me,
Quer seja doente, ou fãõ;
Morrem todos em me vendo
Com tal caraça na mão.» --

Porém a morte era tonta
Com este feu discurrer:
Quando te viu bem de perto,
Ella é que esteve a morrer.

Deu-te ao diabo, e, fugindo,
Não olhou mais para trás;
Mas disse ao autor dos mundos:
— «Ó Senhor! veja o que faz!» —

O diabo, ao chamamento
Da morte, grato acudiu;
Mas ao ver-te, gritou logo:
— «Coisa assim nunca se viu!» —

Cobriu os olhos co'o rabo,
E fugiu a barregar
Que enquanto tu fôres viva
Não torna ao mundo a voltar!

— «Eu cuidei — urrava a besta —
Que era alguma alma capaz...
Mas aquella não me ferve!
Palavra de Satanaz!

Póde gabar-fe a caraça
Que é a primeira mulher
Que espanta o diabo e a morte,
E nem um nem outra a quer!» —

XXII

A MINHA SORTE

El poeta em su mission
Sobre la tierra que habita,
És una planta maldita
Con frutos de bendicion.

Zorrilla.

Bem joven inda, ao começar da vida,
É já meu coração de magoas fonte!
Na idade em que o prazer forrí aos outros,
C'roa d'espinhos me ulcerou a fronte!

Vi um instante a esperança;
No porvir cuidei ventura;
Mas o meu fonho doirado
Converteu-fe em noite escura!

Minhas vizões tão bellas e queridas,
As dôces illufões que eu afagava,
Foram-se todas, como fonhos que eram,
Quando a dôr tão real me despertava.

As rofas da minha vida
Esfolhou-as a traição;
Por affectos verdadeiros
Só achei ingratião.

O fel amargo roxeou meus labios;
Té ás fézes o calix efgotei;
Gota a gota por mão do defengano
N'est'alma angustiada o derramei.

E o mundo, que é miseravel,
Sorriu-se da minha dôr!
Zombou do mal que fizera,
O barbaro enganador!

Mas que me importa, se o desprézo e odeio?
Eu não posso nem quero resignar-me;
Só defejo que a morte condoída
Venha d'esta poeira libertar-me.

É funesto o dom da lyra:
Quem nasce para cantar,
Querendo fallar verdade,
No feu canto ha de chorar!

E eu que não merecia o dom terrivel!
Mas deu-m'o a forte, ou Deus! Ai! quem o inveja
Não sabe que por lagrimas suspira,
Nem quanto amarga o fruto que deseja!

Porque o poeta na terra,
Cumprindo feus duros fados,
É uma planta maldita
Com frutos abençoados.

XXIII

O JAU

Já curvada a fronte augusta,
E coberta a face adusta
De funerea pallidez,
Camões á mingua expirára...
E a fó voz que o confortára,
Nem fôra a d'um portuguez!

Era a do escravo, que a forte
Levou ao leito da morte
Do mais fublime cantor,
Para lhe dar como herança,
Não a luz d'uma esperança,
Mas faudade, fome, e dôr!...

Que lhe importa agora a vida?
Planta de longe trazida,
Que ao transplantar-se murchou!
Sem a luz, que tudo anima,
Sem o ar do patrio clima
Que na infancia respirou!

O feu amigo está morto;
E o captivo sem conforto
É livre, e não quer viver...
E chora o feu captiveiro,
Seu fenhor, feu companheiro,
Que já não torna a volver!

Só do fenhor tem faudade;
Que lhe importa a liberdade?
Pobre, escravo, era feliz!...
Mas agora, sem abrigo,
Onde ha de achar outro amigo,
Tão longe do feu paiz?...

Á margem do Tejo andando,
Vai um fitio procurando
Prezado de feu fenhor;
Logar fatal, mas querido,
Onde Camões tinha ouvido
Promessas de eterno amor!

Às turvas aguas do rio
Lançando um olhar sombrio,
O pobre Jau murmurou:
— «Ali jaz sua ventura!
Seu amor, sua tristura,
Onde nasceu expirou...» —

Depois a voz se lhe inflamma:
— «Terra d'ingratos! — exclama —
Que não sabe o que perdeu!
Eu só, captivo, exilado,
Entre os seus tenho chorado
Pelo genio que morreu!

Oh! meu senhor! n'estas aguas,
Que augmentaram tuas magoas,
As minhas irão tambem;
Vou guardar o teu segredo...
Soube-o eu, este arvoredo,
Ella, Deus, e mais ninguem!

O Tejo que ali suspira
Por tua faudosa lyra,
Do teu Jau dobra o chorar.
Oh! meu senhor... meu amigo...
Já que não vivo contigo,
Tambem não quero ficar!» —

Calára-fe a voz plangente;
E arrebatada corrente
Ao mar o corpo levou.
A fua alma aos ceus voando,
Da terra, que ia deixando,
O corpo não confiou.

Não; que o pobre Jau fabia
Como a terra onde morria
Gera ingratos corações!
E temeu a defventura
De ficar fem sepultura...
Como ficára Camões!

XXIV

A ONDA MENSAGEIRA

Tão longe é teu paiz! é tão distante,
Que de tornal-o a ver perco a esperança!
O Oceano entre nós! e sobre as ondas
O giro das tormentas não descanfa.

Mas quem póde impedir, alma querida,
Que, apesar dos perigos e do espaço,
Os nossos pensamentos, que se buscam,
Possam unir-se com eterno laço?

Eu procuro-te á noite quando a lua
Com terno beijo empallidece as rosas;
E nas praias do mar que nos separa
Vão nossas almas suspirar saudosas.

Eu vejo-te forrindo melancolica
Para a onda azulada que se agita,
Que vai e vem, como o desejo occulto
Que no teu virgem coração palpita.

Digo-te que o ruido d'essa vaga
Te pede para mim uma lembrança;
E a onda volve murmurando um nome,
Um segredo de amor, uma esperança!

Diz-me que á fombra da floresta amada,
Onde crescem as indicas mangueiras,
Ouviu com ancia repetir meu nome
Sob as folhas das verdes bananeiras;

Que te viu affomar pallida e triste
D'entre a espúffura caminhando á plaga;
E uma candida flôr de cajueiro
Tirar da frente, e arremessar á vaga.

— «Vae — lhe disseste — derradeiro alento
De um coração, que amor embriagára;
Deixou-te em minhas mãos na fatal hora
Em que só n'estas praias me deixára.

Vae dizer-lhe que sempre te hei guardado
Como penhor de rapida ventura;
E, milagre de amor! que não murchaste
Senão no instante em que lhe fui perjura.

Ai, perjurei! um coração ardente
Não deve castigar-se por tal erro;
A ausencia é a morte; e sem amor, a vida
Não fôra mais que misero desterro.

Accuse o ceu, o sol que me alumia,
A amorosa fragancia d'estas flores,
O feu destino, que não quiz deixal-o
N'um paraizo de eternaes amores.

Vae, querida memoria do passado;
Dize-lhe que, se aqui volver um dia,
O amor da mulher é sempre virgem,
E do cajueiro a flôr reviveria.» —

Cala-te, ó vaga! a ingratição bastava.
Foste a onda da infamia e da vergonha,
Que veiu derramar n'um peito virgem
De uma vibora a lubrica peçonha.

Corre, vò a dizer a quem te envia:
Que não profane o amor em vil patibulo;
Que Deus deu effe gozo ás almas puras,
Mas recusou-o ás filhas do prostibulo.

XXV

PRIMAVERA

Vens em vão, ó primavera,
Sorrir-me com teus verdes!
Dias de abril e de maio,
Levae os vossos fulgores,
As vossas manhãs formosas,
As vossas mimosas flores.

Dos vossos doces aromas
Que me importa a variedade?
Eu já não tenho alegria,
Não tenho já mocidade:
Do porvir fô tenho medo;
Do passado, fô faudade!

Que me importa d'outras flores
A fragancia recendente,
Se as rofas da minha vida
Murcharam rapidamente?
Do primeiro fol do estio
Queimou-as o beijo ardente!

Vae-te, pois, ó primavera,
Que apenas por mim passaste;
Eu amava o ceu e a terra
Quando de mim te apartaste;
Meu primeiro amor tu foste;
Primeiro me abandonaste.

Agora, pouco me importa
Ver fugir os teus verdores;
Se tenho menos tristeza
Diante dos teus fulgores,
Tambem mais da mocidade
Lastimo as perdidas flores.

XXVI

NO LIVRO D'UM PINTOR

I

Se esgotaste uma vez as fontes d'alma,
Se n'um pego de lagrimas amargas
Da esperança afogaste o dôce brilho,
Quando te viste fatigado, exausto
De lutar contra a dôr que te opprimia,
Quem foi erguer-te a descaída fronte?
Se as procellas da vida em mór braveza
O teu límpido ceu anuviaram,
Se os olhos, pelo pranto amortecidos,
A luz buscaram no turbado oriente,
Que viste? O mundo todo ermo de affectos
Para encherem o vacuo de tua alma!

II

Se á luz tremenda de funéreas tochas
Viste descer os teus á sepultura,
Orvalhando com prantos a faudade,
Não ouviste as rifadas estridentes
Das faturnaes infames? e não viste
Em negras espiraes alevantar-se
Do meio dos festins um misto horrendo
De fumo e vinho? A compaixão do mundo,
Do mundo que julgaste um paraizo,
Não respondia assim a teus lamentos?
Pela fé, pelo amor, e puras crenças
Do coração aberto para todos,
Ao despontar da vida, que te déram?
Mentira, hypocrisia, os mais covardes;
Os outros, o cynifmo dos insultos!

III

Todos te incitam a seguir a gloria;
E tantos defenganos não bastaram
Para arredar-te do caminho incerto!

Do teu genio de fogo as azas sóltas,
E imprimindo a inspiração na tela,
Novo Pygmalião, á natureza
Roubas um dos mais bellos attributos!
Oh! quem da tua frente hoje pudéra
Desviar do destino o dedo occulto!
A gloria! mas a gloria é um vão fantasma,
Triste origem de dôres e miserias!
Um bello fonho, lifongeiro agora,
Depois, ao despertar, cruel verdade!
É tua estrella. Segue-a pois, amigo...
Amigo, disse? Tão usado e gasto
Nome, que acoita a perfida mentira!
Não mancharei com elle a casta folha
Do teu formoso livro. Irmão... é menos,
Fôra menos, se amigos existissem;
Irmão, segue teu rumo; e, se a desgraça
Toldar de novo o brilho de teus dias,
Esconde o pranto que te venha aos olhos,
E chora só contigo. O mundo é o mesmo
Em toda a parte. Para as dôres d'alma
Põe os olhos no ceu; lá só fulgura
Luz, que póde chamar-se a da esperança.

XXVII

ÁMANHÃ

Oh! demain, c'est la grande chose!
De quoi demain fera-t-il fait?
L'homme aujourd'hui seme la cause;
Demain Dieu fait mûrir l'effet.

V. Hugo.

Se eu verei ámanhã o novo dia
Raiando no horifonte!...
E o fol apparecer fobre os pinheiros
Que povoam o monte!...

Se eu verei ámanhã estas estrellas
Brilhar no firmamento!...
Se ouvirei o murmurio d'estas folhas
Batidas pelo vento!...

Se eu verei amanhã nascer a lua
De nuvens coroadas!...
E fe ouvirei o fufurrar das aguas
Que descem da quebrada!...

Se ouvirei amanhã as avefinhas
Que hoje cantam amores!...
Se aspirarei o ar embalsamado
D'estas vívidas flores!...

Se eu virei amanhã ás mesmas horas
Gemer aqui sófinho,
Como a rôla que fobre o ramo fecco
Chora a perda do ninho!...

Ai! amanhã terão caído as folhas;
E, por entre os pinheiros,
Eu não verei o fol do novo dia
Passar fobre os outeiros!...

Ámanhã não verei a luz dos astros,
Nem o correr das aguas!...
Não ouvirei a dôce voz das aves
Cantando suas magoas!...

Ai! amanhã não ouvirei a aragem
Murmurar-me aos ouvidos!...
Nem a fragrancia d'estas vivas flôres
Gozarão meus fentidos!...

Ámanhã não verei no firmamento
A luz que me aquecia!...
Nem pedirei á solidão da noite
Amorosa poesia!...

Ámanhã... é o dia do descanso,
Da paz, e do conforto!
Ámanhã... cai no termo da viagem
O peregrino morto!

XXVIII

A VISÃO

Si tu n'est point l'enfant d'un vain délire,
Descends vers moi de ton brillant séjour!
Mon cœur t'attend, il t'appelle, il soupire,
Descends des cieux, descends, esprit d'amour!

P. Flaugergues.

Nas horas em que do ceu
O brilho do sol fugia;
Quando a terra se cobria
De pezado e escuro veu;
Quando em silencio profundo
Tudo em torno adormecia, —
Em sonhos eu me perdia
Em procura de outro mundo,
E era só então que a via.

Ai, como o tempo voava,
Quando a formosa visão,
Saindo da cerração,
A meus olhos se mostrava!
Como rapidos instantes
As noites me pareciam,
Porque todas me fugiam
Como as horas dos amantes!
Oh! quem as vira voltar,
E nunca mais as perdêra!...
Ou quem as não conhecêra,
Se tinham de se acabar!

O seu pallido semblante,
No ether puro dos ceus
Com faudade os olhos meus
Procuram a cada instante.
Em cada noite sem lua,
Cheio de contentamento,
Cuido eu ver a imagem sua
Pairando no firmamento.
Illusão! Oh! dôce amada!
Se tens poder de voltar,
Vem de novo enfeitiçar
A minh'alma enamorada!

Não vens? Não ouves o grito
Que te diz a muita dôr
De quem expia o amor
Com faudades de proscrito?
Serias um fonho vão?
Porém eu vi-te de certo,
N'um ceu d'estrellas coberto,
Das noites na solidão...
De nuvens toda vestida,
Os meus olhos fascinavas;
Cuidei que ao ceu me levavas,
De lá te julguei descida.

Não vês que minh'alma chora
Com faudades de te ver?
Para mim volve a nascer;
De noite fê minha aurora.
Se fui eu que o fer te dei,
Se dos meus fonhos és filha,
Bella, como eu te fonhei,
De novo a meus olhos brilha.

Nem fonho, nem realidade!
Surda a terra, mudo o ceu,
Não respondem á faudade
Que devora o peito meu.

XXIX

Á MORTE DO CONDE DAS ANTAS

Dos olhos dos valentes do Mindello
Corre o pranto calado!
Guerreiros, não córeis: o pranto é bello
Nas faces do foldado.

Mendes Leal.

Silencio!... já no cimo das muralhas
Adormece o canhão;
Dorme com elle o genio das batalhas,
O grande capitão.

Sobre mil faces, pelo fol crestadas,
Saudofo pranto cai.
Á fombra das bandeiras inclinadas,
Caçadores, choraе.

Chorae o general na despedida,
Porque vai lá ficar.
D'esta vez a batalha está perdida;
Não o vereis voltar.

Chorae-o pela morte subjugado,
Que em vida livre foi;
Tinha no rude peito do soldado
Um coração de heroe.

Caçadores, fentido! Joelho em terra!
Armas em funeral!
Orae a Deus por elle. É finda a guerra.
Passae, meu general!

Vós que fostes com elle tantas vezes
De inimigos terror,
Chorae agora, bravos portuguezes,
O bravo caçador.

Jaz partida no chão a fórte espada
Junto do maufoleu;
E a liberdade, aos restos abraçada,
Pranteia o filho feu.

O nome do guerreiro é já da historia,
Se o homem acabou;
E fob a campa não lhe cabe a gloria
Que na vida ganhou.

Cai por terra o estandarte das victorias,
Envolto em negro dó;
Testemunha que foi de tantas glorias,
Agora varre o pó!...

Mas, silencio!... no cimo das muralhas
Adormece o canhão;
Dorme com elle o genio das batalhas,
O grande capitão.

XXX

A ESTRELLA DO DIA

Quem ha de dizer-te adeus?
Estrella desconhecida,
Brilhas de dia nos ceus,
De noite vagas perdida!
Só eu te via e te amava,
Quando tua luz celeste
Para ti me encaminhava;
Ninguem mais te conhecia,
Que ninguem busca as estrellas
Depois que apparece o dia.
Todos no ceu querem vel-as,
E nunca desconfiavam
Que a minha estrella nascia
Quando as outras fe occultavam.

Oh! como eu quiz á ventura,
Quando vi que me guiavas,
E na tua luz tão pura
Minh'alma regeneravas!
Cuidei que minha ferias;
Que, sendo estrella do ceu,
A este mundo virias
Por um triste como eu.

Vê como fou desgraçado,
Pois tenho de te perder!
Para sonhar acordado,
Melhor fôra não te ver!...
Porém agora, querida,
Como viver separado
Da luz que me deu a vida?
Que nunca meus olhos canfa,
E quando a tenho buscado
Sempre me disse — esperança?...
Mas se eu tinha de perder-te,
Melhor fôra nunca ver-te!
Adeus, para sempre adeus,
Ó minha estrella querida!
Feliz de mim, se nos ceus
Ficares desconhecida!...

XXXI

A LIBERDADE

(A Luiz Augusto Palmeirim)

Liberdade! foste a deusa
Dos captivos de Sião!

.....
.....

È por ti que nós poetas
Hoje lutâmos em vão;
Por ti, formosa deidade,
Deusa do meu coração!

L. A. Palmeirim.

I

Poeta, como tu canto a deidade
Por quem tua alma a tua musa incita.
Como o teu, por amor da liberdade,
Tambem meu livre coração palpita.

Por ella, e fó por ella, é que eu anceo
Ter da lyra immortal o dom divino,
Chamar-te irmão, e unindo-te a meu feio,
Cantar comtigo, e ter o teu destino!

A lyra, e a crença d'um poeta obscuro,
Que oufa chamar-te irmão — o temerario! —
Vão comtigo á conquista do futuro,
Cantando a luz descida do calvario.

Acolhe-me, ó poeta! a tua gloria
Dá bem para nós dois; parte-a commigo;
E se um dia de mim houver memoria,
Será porque me foste irmão e amigo.

II

Não morre a liberdade; a desventura
Fal-a ás vezes ceder á tyrannia;
Mas por maior que seja a noite escura,
Sempre a ella succede o claro dia!

Por mais que dure o rigoroso inverno,
Sempre vem após elle a primavera.
Após chuvas, trovões, sombras do inferno,
Vem a luz que o universo regenera.

Affim, tenta de balde o despotismo
Votar a liberdade ao exterminio;
Ella refurge sem terror do abismo
Exilando a familia de Tarquinio.

Eterna como o sol, como a verdade,
Como Deus que a criou, morrer não póde;
Se mais querem rouba-la á humanidade,
Mais breve o jugo do terror facode.

III

Oh! casta deusa de meus verdes annos,
Apesar de eu ser inda adolescente,
Levanto-me por ti contra os tyrannos,
Pulsando a lyra com amor fervente.

Eu tinha um lustro quando tu furgiste
Na terra portugueza triumphante;
Amo-te desde então, porque forriste
Como um anjo do ceu ao tenro infante.

Comtigo me criei; vivi comtigo,
Até nas longes praias do desterro,
Vendo-te sempre do maior perigo
Saír mais pura castigando o erro.

Porque soffres agora em noſſa terra?
Que venham offuſcar teus dôces brilhos
Eſſes baſtardos que te fazem guerra
Jurando, mas em vão! que fãõ teus filhos.

Teus filhos, elles! Legião de eſcravos
Que tu roubaste ao deſpotiſmo aduſto,
E que te pagam algemando os bravos
Que o fangue dêram por teu nome auguſto!

Teus filhos! e preparam-te a mortalha!
Mas quem é que não ſabe a ſua hiſtoria?
Ninguem os viu nos campos de batalha,
E querem fós o fruto da victoria!

Oh! vem dar n'elles um fevero exemplo,
Puníndo-os de ſeus pérfidos enganos;
Como Deus fez aos vendilhões do templo,
Expulſa de entre nós eſſes tyrannos.

Os que duvidem de teu ſer divino
Aprendam para ſempre a reſpeitar-te.
Saibam que triumphar é teu deſtino,
Como eu fei que nafci para adorar-te.

XXXII

PERDOAS-ME ?

Deixa-me ver no teu rosto
Os signaes do meu perdão;
Occulta-me o teu desgosto,
Que é minha condemnação.
Por cada sombra que vejo
Cobrir-te as rosas do pejo,
Dos remorfos finto a dôr;
Oh! perdôa meus ciumes!
Não me ouvirias queixumes
Se te eu não tivesse amor.

É talvez grande maldade
Atrever-me a murmurar
Do poder da divindade
Que me póde castigar;

Mas que queres? temo tanto
Ver quebrar o dôce encanto
Que teus olhos prende aos meus!...
E, se me não perdoasses,
Se inda de mim duvidasses,
Tambem eu não cria em Deus.

Confesso-te o meu peccado;
Dóe-te do meu coração;
Dize que estou perdoado,
Por ter feito a confissão.
Foi caso de consciencia...
Mas não me dês penitencia,
Que juro de me emendar.
Sê hoje boa comigo;
E dar-me-has maior castigo
Quando outra vez eu peccar.

XXXIII

O MOSTEIRO

Deus, venerunt gentes in hæriditatem tuam; polluerunt Templum Sanctum tuum; posuerunt Jerusalem in pomorum custodiam.

Ps. 78. 1.

Na hora em que a natureza
É toda branda harmonia;
Quando o sol vai a esconder-se,
Antes de morrer o dia;

Quando ao despedir da tarde
As sombras vão a descer,
Antes da noite ferena
O mago veu estender;

Quando o rouxinol cantando
Nos ramos se baloiceia;
Quando a onda mansamente
Se espreguiça pela arêa;

Quando o trabalho nos campos
Vai rapido a declinar;
Quando as almas namoradas
Principiam a fonhar;

Quando um raio derradeiro
Do sol prestes a fumir-se
Brilha na cruz do mosteiro,
Como quem vai despedir-se, —

N'essa hora melancolica
Para mim tudo é tristura,
E gósto de errar sófinho
Na solitaria planura.

Oiço ao longe um eco triste,
Um murmurio d'harmonia,
Uma nota derradeira
De dôce melancolia:

É como um terno lamento
De mãe que feu filho chora;
Ou como um canto faudofo
De virgem que amor devora.

Oh! como vibra em minh'alma
Essa nota mysteriosa,
Talvez de quem, como eu, vive
Uma vida defditofa!

Attraem-me os fons plangentes
Que a viração me conduz!
Além, por entre o arvoredado,
Vejo brilhar uma luz!...

São orações o que escuto
Lá no mosteiro distante,
Onde brilha a cruz singela,
Conforto do viandante;

Aonde a crença piedofa
O christão ía avivar,
Quando no templo arruinado
Havia piedofa altar!

Mas quem reza a estas horas
N'essa igreja derrocada?
Que busca por entre as campas
De que a nave é povoada?

Deve fer uma alma afflicta
Que o mundo defenganou,
E que para resignar-se
A cruz dos ermos buscou.

Mas a luz?!... e o canto?!... oiçamos:
Já não parece oração!
É voz de mulher que acorda
Os ecos da solidão!

Andei caminho das ruínas
Do piedoso monumento.
A lua, quando eu chegava,
Surgia no firmamento.

Sumiu-se a luz, e calou-se
A voz que eu ouvi cantar.
Entrei. No basto cruzeiro
Resplandecia o luar.

Tectos, portas, e janellas,
Já tudo o tempo levára;
Mas restos da arte vetusta
Inda nos muros deixára.

Mil preciosos fragmentos
De variegada pintura
Cobrem o chão, e as paredes,
Monumentos de esculptura.

Por entre rendadas pedras
Nascem verdadeiras flores;
A hera por toda a igreja
Encobre da arte os primores.

Quando eu estava mais prezo
Em triste contemplação,
Ouvi de novo a cantiga
Que antes cuidava oração.

Perto era a voz, e partia
Detrás da capella mór;
Fui subindo igreja acima,
Com o fim de ouvir melhor.

Eis de repente a meus olhos
Se mostra uma camponeza,
Que ao altar mór vai direita
Com uma candeia acceza!

Era effe o unico ponto
Onde inda havia telhado;
Mas nem altar, nem imagens,
O tempo tinha deixado.

Em vez d'isso, vi, com pasmo,
Que era ali a habitação
De algumas cabras e ovelhas,
Da pastora, e do feu cão!

Perguntei á guardadora,
Cheio de profunda dôr,
Porque razão profanava
Casa que foi do Senhor.

Ella ouviu sem mostrar fusto
Os duros reparos meus;
E respondeu-me forrindo:
— «A terra toda é de Deus.

Inda aqui moravam fantos,
Que o povo depois levou,
E o mosteiro tinha portas,
Quando a tropa cá chegou.

Entrou a cavallaria
Por ahi dentro a cavallo,
Quebrando as pedras das campas
Sem mostrar nenhum abalo.

Foi a egreja estrebria;
Manjadoiras os altares;
Nem os ossos escaparam
Á raiva dos militares.

Eu vi muitos esmagados
Pelos pés dos seus cavallos;
E nem ao menos deixavam
Que a gente fosse enterral-os!

Vinham dar cabo dos frades;
Porém, ai, peccados meus!
Do que elles cá déram cabo
Foi do respeito por Deus.

Depois que d'aqui se foram
Foi-se a devoção também,
E no templo profanado
Não tornou a orar ninguém,

Senão eu quando aqui pouso
Nas noites menos escuras.
Mas nem eu nem o meu gado
Pisâmos as sepulturas.» —

Saí triste e silencioso,
Sem responder á pastora,
Que ficou enchendo as ruínas
Com sua voz encantadora

XXXIV

VERSOS

(Recitados no theatro de D. Maria II, em as noites de 22
e 25 de maio de 1851) (1)

PELO SNR. THEODORICO

Triumphou de novo a espada
Do velho heroe d'Almofter!
Viya a Carta reformada,
E abaixo quem não a quer!

Saldanha, genio da guerra,
Sê da nação protector.
Se no campo ganhas loiros,
Vem na paz ganhar o amor.

(1) Veja nota no fim.

A liberdade da imprensa,
Da palavra, e da eleição,
São do povo ardentes votos,
Votos de toda a nação.

A patria reconhecida
Canta gloria em teu louvor,
Porque já por muitas vezes
Foste o feu libertador.

Viva o duque de Saldanha,
Orgulho de Portugal!
Viva o novo ministerio,
E o suffragio univerval!

A missão que a Providencia
Confia das tuas mãos,
É fazer dos portuguezes
Uma familia d'irmãos.

Marechal, cumpre os desejos
Que o povo, que a patria tem;
Tu és o genio da guerra,
Anjo de paz fê tambem.

Nobre duque, a tua gloria
Ha de vir na lusa historia
Marcada mais uma vez,
Se, por obra derradeira,
Juntas n'uma fó bandeira
Todo o povo portuguez!

Se fão as leis que meditas
Para dar fim ás defditas
Da nossa pobre nação,
Bemvindo fejas! contigo,
Venha o pae, o nobre amigo,
Que ao povo dê protecção.

Bemvindo fejas, Saldanha!
E n'esta nova campanha
Tu sem armas vencerás.
A espada pondo de parte,
Seja teu novo estandarte
Uma bandeira de paz.

PELO SNR. EPIPHANIO

Em uma grande pagina da historia
Já ficou immortal seu nome escripto;
Nos campos d'Almofter deu-lhe a victoria
O glorioso epitheto de invicto!

Do rei libertador foldado e amigo,
Combateu para dar á patria a lei;
E agora recordando o feito antigo,
É fiel á memoria do feu rei.

Nos ramos de carvalho e oliveira
Pódes loiros e palmas enlaçar;
Illustre duque, a gloria verdadeira
Tambem na dôce paz se póde achar.

Foi-lhe na guerra a frente encanecida,
Ao guiar á victória os liberaes;
Só por amor da patria amando a vida,
Em prudencia e valor não tem rivaes.

Sempre exposto a diluvios de metralhas
Auxiliando o grão libertador,
Differeis fer o genio das batalhas,
Ou o braço do augusto imperador.

Agora, menfageiro de esperanza,
Sobre a patria liberta eil-o de pé,
Trazendo ao povo a promettida herança
De liberdade e paz, de amor e fé!

PELO SNR. TASSO

Saldanha, soldado e nobre,
Seja o povo embora pobre
Não lhe negues protecção!
Mas trata-o com lealdade,
E em paga da liberdade
Terás d'elle o coração.

Se nos combates passados
Tinhas bravos soldados
Já mestres de combater,
Acharás amigos novos
Nos filhos dos mesmos povos
Que sabem também vencer;

Acharás na mocidade
Tanto affecto á liberdade,
Como ha no teu coração;
Acharás, para teu brilho,
Em cada mancebo um filho,
Em cada velho um irmão.

PELA SNR.^a SOLLER

O libertador da patria
Como herança te deixou
A defeza da bandeira,
Que comtigo aqui plantou.

Na hora extrema te disse
O que a amigos fó se diz:
— «A minha filha protege,
E com ella o meu paiz!» —

Defempenhaste o legado,
Cumprindo a nobre missão
De falvar do amigo a filha,
E tornar livre a nação.

Mas completa o pensamento
Do grande libertador:
Da Carta mal entendida
Vem fer o reformador.

E a patria reconhecida
— «Bemvindo fejas! — te diz —
Bemvindo fejas! que o povo
Canfou de fer infeliz!» —

PELO SNR. ROSA

Portugal era abatido,
Perdidas crenças e fé,
Quando das ruínas erguido
Um homem furgiu de pé.
Alçou-fe á beira do abismo,
Olhou firme o despotismo,
E a tyrannia tremeu!
Que o homem era soldado,
Velho fim, mas esforçado,
E a prova foi que venceu.

Era valente o guerreiro,
Trazia espada na mão,
E, portuguez verdadeiro,
Bradou assim á nação:
— «Podem acafo os revezes
N'esses peitos portuguezes
O amor da patria matar?
Irei só, com esta espada,
Por minha terra affrontada,
Irei eu só pelear?»

Só a mim me dóe a affronta
Feita á terra onde nafci?
Tirarei desforra prompta;
Mas fó eu direi: — venci?!
Não, oh não! patria não temas,
Que em breve as tuas algemas
O povo as fará caír!
Aos brados d'um velho amigo
A nação toda comigo
Irá teus ferros partir!» —

Affim o velho clamava,
Ardente d'inspiração;
E a patria os ferros quebrava
Para lhe estender a mão;
Já livre do captiveiro,
Ao denodado guerreiro
Foi o povo affim dizer:
— «Somos todos portuguezes;
Comtigo já muitas vezes
Soubemos todos vencer!» —

— «Ávante!» — disse o soldado;
E tudo ante elle cedeu.
O despotismo aterrado
Fugiu, fumiou-se, morreu!

Vêde que palmas, que brados,
Que vivas enthusiafmados
Saudando o triumphador!
Essa expansiva alegria
Nunca jámais a veria
Nenhum governo oppressor.

Ganhou-a sómente aquelle
Que libertou Portugal.
Vêde-o bem! é effe, é elle
Que cinge c'roa immortal;
É o duque de Saldanha,
Que, encanecido em campanha,
Sentiu já mais d'uma vez
A metralha fobre o peito,
Para não deixar fujeito
Este povo portuguez!

XXXV

AOS CAMPEÕES DA ROSA BRANCA (1)

Ou no campo, ou na estacada,
Defendo a rosa encarnada
Que a branca veiu affrontar!
Levanto a luva por ella
Em defeza d'uma bella,
Que é covardia atacar!

Venha quem fôr cavalleiro!
O mais valente, primeiro;
E traga lança e arnez!
Não cantem inda victoria:
A disputar-me essa gloria
Venham os dois d'uma vez!

(1) Veja nota no fim.

Não teme a rofa encarnada
A branca tão descórada
Como flôr de maufoleu!
Se d'esta fois defensores,
É aquella os meus amores,
Por ella pelejo eu!

Se já cantastes victória,
Foi um triumpho sem gloria,
Porque ninguem combateu;
Mostrae-me a lança quebrada
Em pró da rofa encarnada
Que a rofa branca venceu!

Vós, que já déstes rebate
De ter vencido o combate,
Dizei-me quem batalhou;
Dizei-me, meus campeadores,
Se a rofa dos meus amores
Mais formosa não ficou!

Onde tem a vossa rofa
Aquella côr tão formosa,
Aquelle casto rubor,
Da donzella quando córa?
Aquelle riso da aurora,
Que a minha mostra na côr?

Cavalleiros, fois valentes;
Não vos ireis descontentes,
Que tambem fei pelejar;
Como vós, eu tenho espada,
E pela rofa encarnada
Posso alguns versos rimar.

Chamaftes um cavalleiro;
Eu não quiz fer o primeiro,
Por isso foi que tardei.
Não julgueis que tinha medo;
Mas era ainda um fegredo
A rofa que eu adoptei!

E fe a dama desvelada
Que guarda a rofa encarnada,
Já o triumpho vos deu, —
Em guarda, meus cavalleiros!
Guerreiros contra guerreiros,
Ceder-vos não quero eu!...

Nem ella cedeu por certo:
Deixou o campo deserto,
Porque não quiz combater;
Mas nas armas e nos cantos,
E nos seus proprios encantos,
Tinha bem com que vencer.

Quando fe viu affrontada,
Tomou a rofa encarnada
Guardando-a no coração;
Pois duellos não acceita
Quem com feus olhos fujeita
O mais fórte campeão.

Contra uma dama é fraqueza
Ufar de força ou destreza;
Cavalleiros fomos nós:
Eu fou da rofa encarnada,
Sou pela dama affrontada;
Da rofa branca fois vós.

Podeis faír vencedores;
Vós ambos fois trovadores,
Podeis vencer-me a trovar;
Mas, perdidas lyra e espada,
Da minha rofa adorada
Inda a fé hei de guardar.

Das armas decida a forte;
D'uma rofa diga a morte
Qual das duas triumphou:
Se da branca as frias côres,
Se da encarnada os fulgores
A minha lyra vingou.

Vinde á liça, cavalleiros!
Guerreiros contra guerreiros
É que devem batalhar.
Ou no campo, ou na estacada,
Defendo a rofa encarnada
Que a branca veiu affrontar!

XXXVI

Á GENTIL CANTORA DA ROSA ENCARNADA

Como nas justas antigas
Venho, fenhora, a teus pés,
Sem temor de féras brigas,
Sem querer saber quem és.
Eu vi a rosa encarnada
Da rosa branca affrontada,
Sem ninguem a defender;
Nem sequer por cortezia,
Que a tal dama se devia,
Deixaram de combater.

Eram dois os contendores
Atacando a tua flôr;
Eu respondo aos aggreffores,
Se me acceitas campeador.

Não quero louvor nem paga:
Quero partir uma adaga
Por nossa rosa sem par;
Acceita-me, nobre dama;
Igual causa nos inflamma;
Por ella vou pelear.

Levo a vifeira calada;
Ninguem m'a levantará;
E breve a rosa encarnada
Da branca triumphará.
O meu nome não o digo;
Era assim no tempo antigo,
E o costume cumprirei;
Só depois de ter vencido
No torneio é permitido
Revelar feu nome e lei.

Mas não fou aventureiro
Correndo em busca do amor;
Responde á fé do guerreiro
A lyra do trovador;
E pela rosa encarnada
Minha lyra e minha espada
Hão de sempre combater.
E tu que tambem tens lyra
Que pela rosa suspira,
Não m'a deixas defender?

É tarde! A luva lançada
Levantei prestes do pó;
Defendo a rofa encarnada,
Por ella morrerei fó.
Mas não; é d'ambos a rofa,
Nem me fôra a luta honrosa
Sem a tua permissão.
Falla, pois tens o direito:
Queres a rofa no peito,
Ou que se arraste no chão?

Desejas vel-a vencida,
Levada por vendavaes,
Secca, esfolhada, perdida,
Nas azas dos temporaes?...
Queres que a pallida rofa,
Proclamada mais formosa,
Olhe a rubra com desdem?
Oh! se eu tal acreditára,
Por minha fé te jurára
De amar a branca tambem!

Dama da rofa encarnada,
Protege-me, e eu vencerei!
Levo no escudo pintada,
Por divisa que adoptei,

A branca rofa caída,
A noffa no centro erguida,
E esta lettra: *Até morrer!*
Acredita-me, fenhora:
Por mim ferás vencedora,
Eu por ti hei de vencer.

XXXVII

A ROSA ENCARNADA

I

Qual é dos ceus o astro mais brilhante,
Qual é mais do que o fol,
Que ao romper da manhã bebe radiante
Os prantos do arrebol?

Cem poetas cantaram já da aurora
A purpurina côr.
A virgem que a virtude fegue e adora
Tem da rofa o pudor.

Pobre da rofa branca, fria, e triste,
Innocencia a dizer!
Se o pudor em fuas côres não existe,
Ao crime ha de ceder.

Perdel-a-hão defejos; que a candura
Póde-a amor illudir;
E ai da virgindade mal fegura,
Se o pudor não furgir!

O pudor é o ornato da innocencia,
Seu guarda e protector;
Da virginal pureza é elle a effencia;
É a virtude em flor.

E a brancura que diz? que é branca a lua?
Não lh'o posso negar;
Porém quando ella pelos ceus fluctua
Deixa o crime reinar;

E da aurora ao raiar das rubras côres
Foge o proprio terror;
Com feus raios o fol anima as flôres,
Em tudo infunde amor.

II

A rosa branca é bonita;
Mas, quando o feio palpita
Á virgem que sente amor,
Foge do rosto a brancura;
A alma candida e pura
Ás faces manda o rubor,

Prisão que enfreia o desejo,
Porque só nasce do pejo
Que o rosto sabe tingir;
E se a innocencia não córa
Quando um desejo a devora,
Póde no abismo cair.

A linda, encarnada rosa,
Das flôres a mais formosa,
É symbolo de pudor;
D'essa virtude tão bella,
Que nas faces da donzella
Do pejo mostra o rubor.

XXXVIII

Á DAMA DA ROSA ENCARNADA

Quem teme agora das lanças,
De adversarios, quem é?
Quem não fente as esperanças
Brotando ardentes de fé?
Por campeador me acceitaste;
Duas mortalhas talhaste;
Os contrarios me apontaste...
Nem um fó fica de pé!

Mil graças, dama formosa,
Por me deixares lidar;
Prometto que a nossa rosa
Não deixarei humilhar.

Quando tuas trovas lia,
Por Deus! que me não cabia
Dentro n'alma a valentia
Que me foubeste inspirar!

Outr'ora já na Inglaterra
Por damas fui pelejar;
E lá fiz morder a terra
Quem as tentou affrontar.
Peza-me hoje a portuguezes
Castigar como aos inglezes;
Porém, ai dos descortezes,
Onde o *Magriço* chegar!

Entro na liça primeiro,
Que o caminho livre achei;
E, voto de cavalleiro,
O campo não cederei!
Confia, nobre fenhora,
Cedo verás vencedora
Da rofa branca traidora
A rofa que eu adoptei.

Eu juro que fó por morte
Deixarei o meu brafão!
E, se me faltar a forte,

Se eu fôr o vencido... então
Quero ter por monumento
A flôr por quem dei o alento,
Rosa do meu pensamento,
Insignia do meu pendão!

XXXIX

AO CANTOR DA ROSA PALLIDA

Trovador, se és cavalleiro
Porque me vens insultar?
Não ufa de más palavras
Quem sabe as armas jogar.
A rofa branca devias
Sómente versos cantar.

Descortez, ao teu contrario
Chamas jogral e peão!
Não é valor a infolencia;
A arrogancia é de villão;
Quem empunha espada e lyra
Não diz chufas de truão.

Perguntas qual é meu nome?
Queres meu nome insultar?
Chamas-me fraco e covarde
Quando corro ao teu bradar,
Quando te honro, erguendo a luva
Que ninguem quiz levantar!

De terror enlouqueceste,
Ou a raiva te cegou;
Tu não combates um nome,
Combates quem o occultou;
Combates, se não fugires,
A quem teu repto acceitou.

Qual de nós ferá covarde?
Qual mais cortez e leal?
Quem contra as damas peleja
Campando de general,
Ou quem oufa defendel-as
Em combate defigual?

Bem fabes que não te hei medo,
Pois contra dois vim eu fó;
A pró da formosa dama,
Da rofa encarnada a pró,
Acceitei de ambos o repto,
Fazendo-os morder o pó!

Fui eu fó! Para vencer-vos
Não preciso mais ninguém,
Que a minha lança ou espada
Polido lamina tem.
Sois dois fó? Isso me peza;
Quizera que fosseis cem!

Quizera, para mostrar-vos
Se fei ou não combater;
Se por minha linda rosa
A trovas fei responder;
Se por minha nobre dama
Não fei vencer ou morrer!

Tu proprio mostraste espanto
Por ver-me assim batalhar;
Como depois esquecido,
Me vens covarde chamar?!
Ou cavalleiro te finges,
Ou has medo ao pelejar!

Sou de uma dama foldado,
E por ella murrerei;
Ou a feus pés abatida
Tua rosa deixarei,
Depois de tu confessares
Que é mais bella a que adoptei.

Aquella que ouviu meus rogos,
E meus cantos acolheu,
Mil trovas me inspiraria,
Se poeta não fosse eu;
Se me faltára a coragem,
Achára-a no canto feu!

Inda que á rofa encarnada
Tiveffe eu menos amor,
Vendo uma dama adoptal-a...
Tornei-me feu campeador!...
É dever de quem veste armas
Ser das damas defenfor.

Mas eu quero muito á rofa
Por quem ando a batalhar;
E a quem me chamou covarde
Mais cortez hei de tornar,
Calcando a lyra e a rofa
Que só sabem insultar.

Dizes que minto? Outra affronta
Que o teu fangue lavar!á!
Defabafa antes da luta;
Teu corpo m'o pagar!á:
Entre o valor e a insolencia,
A espada decidirá!

O que faír triumphante
Deus fabe qual ha de fer!
Mas á fé que á minha rofa
Não póde a branca exceder;
E á dama, por quem pelejo,
Não és tu que has de vencer.

A dama da minha rofa
No mundo não tem rival,
Porque se apoia nas côres
Do pudibundo coral,
Côres que dizem no rosto:
Innocencia virginal.

Cavalleiro, eis-me no campo!
Á fé que não cederei!
Lê bem as fingelas trovas
Que á minha rofa cantei;
Se te não dizes vencido
Breve á liça tornarei.

CANTOS MATUTINOS

LIVRO SEGUNDO

I

A MINHA MUSA

De faudades e defejos
Os meus cantos só componho;
Se algumas horas me riem
São curtas horas de um fonho.

A. F. de Castilho.

I

A minha musa é filha das saudades
De um pobre desterrado,
Que, distante da patria, se lembrava
Do ninho abandonado.

Nasceu no meio dos imensos bosques
Da terra brazileira,
E foi, logo ao nascer, com duas patrias,
Em ambas estrangeira!

Desconhecida aquém e além dos mares,
Vivia suspirando;
Por entre as solidões do novo mundo
Vagou peregrinando.

Depois voltou á patria; mas a infancia,
Que passou tão chorosa,
Deixou-lhe sempre inveterado o vicio
De musa lacrimosa.

Eu canso-me debalde, provocando-a
A rir algumas vezes;
Digo-lhe em vão que o choro e a pieguíce
Lhe afugenta os freguezes...

Responde a triste, que nasceu no exilio,
Lá, onde não havia
Mais que faudade, defalento, e trevas,
N'alma onde ella vivia!

Que se agora a condemnam por ser triste,
É que a não entenderam;
Mas que hão de comprehendel-a os desgraçados,
Ou os que já soffreram.

Não a posso mudar! Porém castigo-a...
Hoje quero obrigar-a
A mostrar-se diante dos leitores
Sem atavio ou gala.

Vou pintal-a, tal qual eu a conheço;
Faço o desenho á penna;
E se ella não gostar, tenha paciencia!...
Vamos a pôl-a em scena:

II

Seu triste e pallido rosto
Inspira acerba poesia;
Doçura e melancolia
Derramam os olhos feus,
Olhos de côr indistinçta
Que antes de olharem o mundo,
Atravez do ceu profundo
Se fitam primeiro em Deus.

Seu preto e longo cabello
Serve á frente de moldura;
Na bôca um rir de candura,
Que não imita o pincel!

Se ella folta as azas brancas
Da noite á rapida aragem,
Sigo-lhe a branca plumagem
Qual pombo á pomba fiel.

Nas minhas horas de magoa
Abraça-me fem receio,
E sobre feu casto feio
Me deixa a fronte poufar;
E occultando effa tristeza
Que sempre lhe cobre o rosto,
Seja qual fôr meu desgosto,
Ella me vem confolar!

III

É de feu natural muito discreta,
E pouco intromettida,
Como convem a musa de poeta
Que leva a suspirar parte da vida.

Quando eu lhe ralho pela ver tão féria,
Diz-me que tem juizo,
Porque troca esta terra de miseria
Por um imaginario paraizo.

Ama a procella que revolve os mares,
E a nuvem alvacenta,
Quando atravessa a região dos ares
Conduzida nas azas da tormenta.

Canta hymnos a Deus e á liberdade,
Á patria e sua gloria,
Ás doçuras do amor e da amizade,
E respeita dos mortos a memoria.

Canta sempre, feliz ou desgraçada!
Porém nunca em seu canto
Se ha de ver a deshonra celebrada,
Ou coberta a calumnia com seu manto.

Jámais torpe mentira ou feio vicio
Terão os seus louvores;
Antes ha de pedir o eterno exicio
Dos que são da virtude infamadores.

Perdoemos-lhe, pois, leitor amigo,
Á minha pobre musa;
É a tristeza seu defeito antigo;
Mas sirva-lhe a virtude para escusa.

II

O CORSARIO

— «Quem dirá que d'estas aguas
Não fou eu sómente o rei?
Todo o mar Mediterraneo
Ao meu sceptro sujeitei;
Porque o meu sceptro é o leme;
Aqui só eu dou a lei.
A minha c'roa de nuvens
A ninguem a cederei.

Vira, vira ao cabrestante!
De lévarriba a virar!
Mette as ancoras a pique,
Que anda o fueste a rondar!

Chega ás adriças de gaveas!
Gageiro, vae desferrar,
Que o navio fente a brifa,
E tem faudades do mar.

Põe bóças ao ferro grande!
Vai feguida a — Flôr d'Argel —.
Batem-lhe as ondas na prôa
Como a lança no broquel;
Já no convez entra a vaga,
Com o jogar do baixel,
Que falta envolto em espuma,
Como fogofo corcel!

Amura bem o latino!
A beijar! deixa gemer!
O meu navio é veleiro,
E o vento vem a crescer.
Toma cuidado no leme!
Não vês o panno a bater?...
Amantilha effa retranca!
Bom! ahi! deixa correr.

Temos tufão; falta arriba!
Oh! mestre! mande rizar!
Os paus de cutelo dentro!
Sobrejoanete? ferrar!

Mette gaveas nos fegundos!
 Olha a barca!... Bom andar.
 Cuidado nas arribadas!
 Oh! mestre? lesto a virar!» —

— «Lesto a virar!» —

— «Leme contro!

Larga as escotas por mão!
 Aquartela a bujarrona!
 Olha a escota do artemão!...
 Quem prendeu aquella escota
 Em cima do corrimão!
 Tres horas sobre o galope...
 E oito dias no porão!» —

— «Uma vela a fotavento!

Vai na bordada do mar!...» —

— «Chega aos braços de bombordo!

Timoneiro, deixa orçar!

Quem se atreve n'estes mares,

Que são meus, a navegar?

Larga tudo, e dá-lhe caça!

Vamos a preza tomar!

Ó do galope do mastro?

Se gostas de combater,

Acabou-se o teu castigo;

Tens licença de descer.

Não ficarás fem a parte
Que te deve pertencer,
Se no combate fouberes
Cumprir bem o teu dever.

Iça a bandeira argelina!
Vamos começar a acção;
Tira fóra as escotilhas,
Que já temos o mar chão,
E crava o meu catavento
Em cima do corrimão;
Pela melhor pontaria
Darei o maior quinhão.

Vae tomar-lhe barlavento,
E aprompta para abordar;
Dá-lhe um tiro ao lume d'agua;
É tempo de o acordar...
Feriu-o nas obras mortas;
Arreou fem pelejar!
Já vinte homens para a lancha!
Vão meus tributos bufcar!

Se o navio fôr veleiro,
Dal-o-hei a meu irmão;
Se traz formosas captivas,
Que ninguem lhes ponha mão!

Para vós fãõ os thefouros;
As mulheres minhas fãõ;
Se algum fe atreve a tocar-lhes,
Arranco-lhe o coração!

Cruza gaveas! D'estas aguas
Quem dirá que não fou rei?
D'effes monarchas da terra
Não invejo a immensa grei.
São escravos do feu povo;
Aqui fó eu dou a lei.
A minha c'roa de nuvens
A ninguem a cederei.» —

III

CONTEMPLAÇÃO

Como é d'ôce assim beber
A longos, bem longos tragos
A ventura de te ver,
E gozar dos teus affagos!
Para tão grande prazer
É curta de mais a vida!
Oh! quem pudéra, querida,
Sempre, sempre assim viver!...
Mas se no fundo da taça,
Que eu bebo tão descuidado,
A inveja tiver lançado
O negro fel da desgraça?!...

Se esta fonte de ventura
Em venenoso licôr
Converter sua doçura?!...
Como hei de poder co'a vida,
Privado de tanto amor?...

Cheio estava o ceu d'estrellas
No momento em que te vi;
Fulguravam todas ellas;
Todas, todas eram bellas;
E entre tantas te escolhi!
No meio de tantos lumes,
Só o dos teus olhos vi!
E porquê? Foi meu destino;
Eu, que vagava sem tino,
Que o mundo tinha por meu,
Que aonde o sol me aquecia
Achava paiz e ceu, —
Fiquei desde então mudado!
Só busco a luz em teus olhos;
A terra onde tu não vives,
Para mim é toda abrolhos;
De cada vez que te ausentas,
Sou perdido em mar de escolhos!...

IV

ROSAS ABERTAS

I

Vi uma flôr tão viçofa,
Que mais não!
Ai, que flôr! Era uma rofa
Em botão.

Em botão? Ai, minha vida,
Cego amor!
Era já rofa colhida,
Sem verdor.

Ai, rofa de côr incerta
Que adorei!
Por botão, foi rofa aberta
Que encontrei!

Mas inda affim era amada;
E de alguém,
Com mil defvelos cuidada,
Foi tambem!

Ai, era flôr que enganava
Só de a ver!
Meiga, meiga fe mostrava
'Té prender.

Predeu-me; chamei-lhe minha;
Dei-lhe amor!
Se era tão formofa, e tinha
Tal frescor!

Jardineiro que a velava
Não colheu
Fragrancias que a rofa dava,
Como eu!

Retomou depois de aberta
Viço e côr;
E, apesar de flôr incerta,
Dei-lhe amor!

II

Mas veio terceiro, e a rofa,
Ai, perdi!...
Porém era mais formosa
Quando a vi!

O que são rofas colhidas!
Sempre assim,
De mão em mão, vão perdidas
'Té ao fim!

Abertas não são tão bellas,
Mas custam menos tambem;
Podem tecer-se capellas,
Sem offender a ninguem.
E, fendo rofas fechadas,
Podem cair esfolhadas
Ao tocar-lhes no botão...
Deus me dê muitas abertas:
Se no aroma não são certas,
Nos espinhos tambem não!

III

Se é peccado colher flôres,
Não tenho crimes assim.
De algumas tenho gostado...
Mas nunca para tal fim!
São sempre rofas abertas,
As que me tocam a mim!

Como prova
Dou a rosa
Mais formosa
Que eu amei:
Caminhava
Já perdida,
Pois colhida
A encontrei!

IV

Que importa? rofas colhidas
Custam menos a cheirar;
A roseira tem espinhos,
E eu não me quero picar.

Mas prometto goftar d'ellas
Sempre affim;
Colham outros as mais bellas
Para mim!

Rofas colhidas fãõ certas,
Porém as fechadas não;
Que antes de ferem abertas
Podem morrer em botão.

Eu gofto da flôr colhida
Depois do defabrochar;
Não fei fe ferá mau gofto,
Mas gofto de as esfolhar.

Que prazer! em cada folha
Dar um beijo, e outro, e mais,
Arrancando-as uma a uma,
Com delicias divinaes!...

Oh! que fe as rofas ouviffem,
Iria ao rofal dizer:
— «Botões, abri-vos depreffa,
Pois tendes curto viver;
E fó quando fordes rofas
É que eu vos poffo colher!» —

V

A JOÃO DE LEMOS

Tens um estro fulgurante,
Meu inspirado cantor!
O teu caminho brilhante
Abriu-o a mão do Senhor.
Elle te deu por thesoiros
Corôas de verdes loiros,
Dôce voz para cantar;
E a mim, em lugar de cantos,
Só me deu acerbos prantos,
E coração para amar.

Se não és dos orgulhosos
Que repellem com desdem
Os dons pouco valiosos
Do pobre que mais não tem,

Meu modesto canto aceita;
Nenhum coração rejeita
Affecto como este meu.
Divergem nossas idéas,
Porém eu tenho nas veias
Sangue igual ao sangue teu.

Somos ambos portuguezes,
Livres ambos das paixões
Que nasceram dos revezes
Das passadas dissensões.
Se tu tens nobreza antiga,
A minha também obriga,
Que a virtude é meu braço.
Tu és um rei da harmonia,
E eu, adorando a poesia,
Desejo ser teu irmão.

Se temos diversas crenças,
Foram irmãos nossos paes;
Mas que importam diferenças,
Sendo nós ambos leaes?
Eu adoro a liberdade,
Porque foi a divindade
Que no berço me embalou;
Criei-me junto com ella,
E, vendo-a joven e bella,
Minh'alma se lhe entregou.

Vivi com ella nos mares,
No meio dos vendavaes;
Da America nos palmares,
E em feus rios coloffaes.
Criei-me em terra liberta;
Na minha infancia inexperta
Ella a meu lado furgiu;
E fempre o meu penfamento,
Sem nenhum conftangimento
A minha voz traduziu.

Amei tudo quanto via
Em liberdade viver;
Tomei odio á tyrannia,
Jurei guerra ao feu poder;
E, fem fufto da metralha,
Já nos campos de batalha
Contra ella o braço ergui;
Já, nas filas ignorado,
Da liberdade foldado,
O meu pendão defendi.

E tu, vate harmoniofo,
Tu fegues diverfa lei:
Eu fó Deus julgo pod'rofo,
Tu julgas tambem o rei.
Crença na infancia bebida
Não póde fer efquecida;

Nenhum de nós a perdeu:
Tu fonhas com monarchia,
E eu... a esperança perdi-a,
Mas a crença não morreu.

Que importa, nobre poeta,
O que o futuro dirá?
Nenhum de nós é propheta,
E Deus o melhor fará.
Para mim, a liberdade;
Para ti, a magestade;
Entre os dois, eterno amor.
Para nós é morta a guerra;
Seremos sempre na terra —
Tu, poeta; eu, trovador.

Como tu tens da poesia
Torrentes d'inspiração,
Tenho por ti sympathy
Brotando em meu coração;
E foi por ella animado
Que ao poeta sublimado
Eu hoje ousei invocar.
Quer minha lyra singela,
Na tua c'roa tão bella
Mais uma flôr enlaçar.

VI

OLHOS NEGROS

Os olhos são côr da noite,
Da noite em feu começar,
Quando inda é joven, incerta,
E o dia vem de acabar.

Garrett.

Que lindos olhos tão negros,
Que negros olhos eu vi!
Elles matavam d'amores;
D'amor por elles vivi!

Eram pretos côr da noite,
Quando a noite é de luar;
E brilhavam como estrellas
Em ceu puro a fulgurar.

Fallavam a quem os via;
Porém que fallas, não fei;
Mas eram tão eloquentes,
Que por mestres os tomei.

Que de coifas me enfiaram!
Que altos mysterios de amor!
Ao mais leve movimento,
Diziam prazer ou dôr.

Oh! como eu acreditava
N'effa sciencia fatal!
Como os seguia tão ébrio,
E tão cégo, por meu mal!

Mas se elles eram tão lindos,
Tão negros, tão de tentar!
Tinham tão negras pestanas,
Tão endiabrado olhar!

E n'esse olhar tal doçura,
Tão fingida timidez,
Que, se os eu víra de novo,
Enganavam-me outra vez!

Ora languidos e tristes
Se baixavam, como o veu
Que em noites de primavera
À terra baixa do ceu;

Ora ardentes de ternura
Brilhavam com tal paixão,
Que eu sentia-os como chammas
A queimar-me o coração.

Amava-os mais do que a vida;
Não conhecia outra lei;
Meu fer, meu Deus, eram elles;
Tudo lhes sacrifiquei!

Um dia a luz apagou-fe,
Ou foi raiar n'outros ceus...
Mas o seu primeiro brilho
Gozaram-n'os os olhos meus!

VII

SE EU A AMEI!

Fui felice e faggio anch'io,
Dove e quando dir non fo;
Stefo è il velo dell'obblio
Sull'etade che passò.

L. Carrer.

Se eu a amei! Como esconder
Este vivo sentimento
Que me ficou de a perder?
Meu anciado pensamento
Noite e dia a vai seguindo
Por me dar maior tormento!

Se eu a amei! No coração
Diz-me que fim a faudade,
Se o orgulho diz que não.
E fui amado, é verdade;
Mas paguei por alto preço
Esta innocente vaidade!

Não quero agora mentir;
Não quero dar o castigo
A quem só sabe fingir...
Eu vejo ainda o perigo,
E o coração com que a amava
Tornou-se meu inimigo.

É mais d'ella do que meu,
Vivendo da minha vida!
Mas, coitado! enlouqueceu
Sentindo a viva ferida
Que lhe fez, com mão traidora,
Quem d'elle vive esquecida.

Amei-a; dizer que não
É dar virtude á mentira,
Para negal-a á paixão;
Se a minh'alma inda suspira,
É por saber que a ventura
N'uma outra alma lhe fugira.

Se eu a amei! Pois não o diz
Este amor proprio fingido
Que me fez tão infeliz?
Mesmo apesar de offendido,
Se ella voltasse de novo
Achava-me arrependido.

Se eu a amei! Oh! se eu a amei!...
Pois estes olhos pisados
Não dizem quanto eu chorei?
Por seus olhos adorados,
Não dizem que ainda choram
Estes meus, desconsolados?

Se eu a amei! Pois esta dôr,
Nos meus versos traduzida,
Não repete ainda amor?
Pois esta queixa sentida
Não é a dôr da faudade
Pela ventura perdida?

Se eu a amei! Com tanto amor!...
Foi sonho de pouca dura...
Despertei achando a dôr
No que tomei por ventura!
Sumiu-se a unica estrella
Que no ceu cuidei segura.

Amei-a de mais! fe amei!...
Segui-a fem conhecel-a,
Quando em meu caminho a achei.
Foi grande a dôr de perdel-a,
Mas é maior o castigo
De nunca tornar a vel-a.

VIII

ANJO-DEMONIO

Eu fonhei uma vez um fonho horrivel,
Que me encheu de pavor:
Vi um demonio transformado em anjo
Fallando-me de amor!

Era ao faír da infancia. Eu não fabia
Fugir da tentação;
Tudo eram rofas para mim na vida,
E tudo aspiração.

A fonhar o tomei por luz divina
Da minha redempção.
E o anjo mau forria-fe nas trevas,
Da minha perdição!

*

Do demonio, caído nos abyfmos
Pela ira de Deus,
Os olhos, como a luz attrai o infecto,
Attrairam os meus.

Abrazou em feu fogo meus fentidos,
Fazendo-me beber
Em feus lascivos, temerosos beijos
Diabolico prazer!

Por fua bôca a lava dos infernos
Em minh'alma coou;
Mais a bebia, maior fêde tinha,
Nunca me faciou!

Seu rofto ardente co'o meu rofto unido,
Seu negro coração,
Diziam-me que Deus era mentira,
Os ceus uma illufão.

E affim o acreditei, embriagado
Em delicias fataes!
Patria, religião, Deus, e familia,
E o amor de meus paes,

Tudo que eu tinha, tudo me pedia,
Nada lhe recusei;
E, christão e poeta, a cruz e a lyra,
Maldito reneguei!

Folgaram nos infernos os demonios
Cuidando-me já feu;
E Deus no ceu co'as azas dos archanjos
As faces escondeu.

Mas o anjo da guarda em mim velava,
Pedindo ao Redemptor
Que salvasse a minh'alma, que era sua,
Do anjo tentador.

Ouviu-o Deus; eu acordei, e o fonho
Fugiu do dia á luz;
Só n'um mau fonho eu renegar podia
O alaúde e a cruz.

Defende-me, formoso anjo da guarda;
Não me deixes tentar;
Nem me deixes fonhar d'estes maus fonhos,
Que sempre te hei de amar;

Porque me converteste a cruz e a lyra,
Os fymbolos da dôr,
Em divinos fanaes de eterna esp'rança,
De conforto, e de amor.

IX

ASTRO

Eu bem fei que tu nasceste
Como no ceu nasce a luz;
E que tambem me perdeste,
Porque o teu brilho feduz.
Estrella, a quem eu seguia
Sempre, de noite e de dia,
Para o meu caminho achar,
De mim agora te occultas!
Entre nuvens te sepultas,
Quando me debes guiar!...

D'este ceu anuviado,
Aonde outr'ora te vi,
Fanal por Deus enviado
Ás trevas onde eu caí,

Porque foi que te ausentaste?
Porque razão me deixaste
Em um caminho sem fim,
E quando me abandonavas,
Outro horizonte buscavas
Muito distante de mim?...

Se queres tornar a ver-me,
Se voltas com teu fulgir,
É porque aspiras perder-me
Se eu de novo te seguir!
Mas não posso crer-te agora;
Tua luz deslumbradora
A minha vista feduz;
Porém não me guia ao norte,
Porque o teu brilho é tão forte
Que cega, mas não conduz!...

X

A MULHER DE MARMORE

RAPHAEL :

O fille de marbre! fille de marbre!

MARCO :

Ah! tenez, mon cher Raphaël, vous êtes ridicule.

Les Filles de Marbre.

Quem és tu? qual é teu ser?
És algum anjo de Deus
Que anda na terra a soffrer?
És d'esses astros dos ceus
Em cuja luz pudibunda
A natureza se inunda?
És uma d'essas visões
Que vivem na fantasia,
Sorrindo á melancolia
Das perdidas illusões?

Quem és tu, formosa imagem?
És filha d'um fonho vão?
És... o que és? vaga miragem...
Tens, ou não tens coração?
Oh! não tens!... tu és mulher:
É pedra todo o teu fer.

Não tens coração; não tens
Senão a dura materia,
Onde nascem taes defdens,
E tanto orgulho! Miséria!
É de desprezo esse riso?
Mas sabes tu quem sou eu?...
Posso expulsar-te do ceu,
Ou levar-te ao paraizo!
Posso dar-te um ceu d'amor,
Ou um inferno de dôr!

Sou poeta, eu! sou rei!
O meu sceptro e minhas galas
Não os ganhei pelas falas,
Onde ignaros dão a lei...
Onde tu vives... aonde
Te querem como rainha...
Onde o vicio-rei caminha,
E a virtude a face esconde!...

E d'esses vaffallos queres?
Por effes me has de trocar?!
Oh! como fãõ as mulheres!...
O feu prazer é reinar:
Reinar na fala, na praça,
Co'a razão, ou co'a folia!
Reinar até na defgraça,
Inda que feja um só dia!
Tarde, ai! fó quando perdidas,
Se mostram arrendidas!...

Mas d'esse prazer os travos,
Tarde embora, chegarão.
Em tua côrte de efcravos,
Não terás um coração!
Vê bem o que vais fazer;
N'um momento de demencia
Jogas a tua innocencia
Por instantes de prazer!
Vê se tens a covardia,
Pelo gofto da vaidade,
De accetar a potestade
Que orna mal uma agonia...
De trocar por um dos teus
Um poeta, um rei, um deus!...

Sou rei! fou deus! (1) a poefia
Brota do meu coração
Em torrentes de harmonia
Nas horas da inspiração!
O poeta é um rei, um deus,
Tem de um deus toda a grandeza,
Quando á fua mente acceza
Defce uma chamma dos ceus!
Quando invoca do passado
Os reis, os povos, a historia!
Quando canta uma victória,
Ou conforta um defgraçado!
É fempre um nume o poeta:
Quando canta as defventuras,
Ou das defgraças futuras
Se faz tremendo propheta!

Para ouvir-lhe o dôce canto
Param as ondas do mar;
Commovidas com feu pranto
Calam-fe as aves no ar;
Teem maior brilho as estrellas,
Mais aromas dão as flôres,
Se o poeta, á vista d'ellas,
Canta e suspira de amores;
Tornam-fe as noites ferenas,

(1) Veja nota no fim.

Mais branda a lua fulgura,
Se elle conta as fuas penas,
Se lhe forri a ventura;
Até com os cantos feus
Folgam os anjos de Deus!

Só tu me queres fugir!...
Cheia de louca vaidade,
Só tu não queres ouvir
Como fuspira a faudade!...
E por quem me vais trocar?...
Rejeitas d'amor a palma,
E á turba, que não tem alma,
Por vangloria te vais dar!...
Desprezas um nome eterno
Em meus hymnos immortaes!...
Para seguir os venaes
Deixas o ceu pelo inferno!...
Ganhavas perpetua fama
Nos ecos da minha lyra;
Noffo amor aos ceus subíra
Cercado de etherea chamma;
Em versos de oiro cantada
Serias, como Leonor;
Como a Laura celebrada,
Tua vida fôra amor!...
Oh! não! que o não merecias!
Sempre marmor ficarias!

Vae! quebrou-se o meu encanto!
Nunca mais has de ouvir queixas;
Sei que te aborrece o pranto
Do triste que agora deixas...
Vae! dura pouco a belleza;
E, depois que ella passar,
Dize adeus á realeza,
Que não tornas a mandar.
Então, cheia de amargura,
Chorarás arrependida,
Sentindo acabar a vida
Sem começar a ventura.
Não me fabes entender,
Porque não tens coração...
Mas concedo-te o perdão,
Para nunca mais te ver!

XI

SONETO

(A um bebado)

Dá meia noite. Do relógio ao zurro
Acordo, escuto, ouço gritar: — «Socorro!» —
Ergo-me, visto-me, abro a porta, corro,
Deço a escada, e no fim encontro um burro!...

Para poder faír, com geito o empurro;
Mas, em vez de arredar-se o vil cachorro,
Principia a berrar: — «Eu morro! eu morro!
E tu vais apanhar um grande murro!» —

Sobem-me uns arripios ao toitiço,
Passam-me pela vista umas faifcas,
Quando elle diz de lá:— «Ovo... e chouriço...

Grande pagode no armazem das ifcas!
Com dez copos... fiquei como um ouriço...» —
E adormece a rofnar:— «Tu não petifcas?...» —

XII

TRISTEZA

Não te queixes da tristeza
De que se cobre o meu rosto;
Nasce da tua frieza
A causa do meu desgosto.
Se tu não fôras assim,
Mais alegre eu viveria;
Porém foge-me a alegria,
Como tu foges de mim.

O poeta, como as flôres,
Busca o ar e a luz mais pura;
A vida, sem ter amores,
Para elle é sem ventura.

O teu modo bem me diz
Que o meu amor desconheces;
E por isso me entristeces,
E me tornas infeliz.

Queres que eu tenha faudade
Das illuções que passaram,
E que chore a liberdade
Que os teus olhos me roubaram?
A ti propria fazes mal,
Pois me acordas na memoria
Uma imagem illusoria,
Da tua imagem rival.

Ao ver-te fria comigo,
O meu carinho evitando,
As visões do tempo antigo
Passam por mim suspirando;
Accusam-me de as deixar;
De me esquecer do passado;
Achando-me desgraçado,
Tornam por mim a chamar.

Queres, pois, que arrependido
Volva a pensar no que é morto,
E que fuja aborrecido
D'onde buscava o conforto?

Por te amar tudo esqueci:
Palavras que fascinavam,
Olhos que por mim choravam,
Corações a quem perdi!...

E tudo que eu por ti deixo
Pagas-m'ó com tal frieza!
Tenho razão se me queixo;
É justa a minha tristeza.
Se de mim foge o prazer,
Como hei de eu ter alegria?
Por ti alegre vivia;
Sem ti desejo morrer.

XIII

COQUETTE

I

Chamei-te um dia *coquette*
Por ter perdido a razão...
Porém n'essa hora fatal
Ardia em meu coração
Um fogo que o consumia,
Uma dôr que era mortal.
Venho pedir-te perdão!
Sabendo que te offendia,
Sabendo até que mentia,
Com o ciume cruel
Um covarde me fazia!...

Cuidei teu amor perdido,
E, por me vingar, o fel
Da calumnia derramei!
Porém, tão arrependido
Quanto o peccado era negro,
De novo a teus pés voltei.

II

Nem tu fabes, minha vida,
Quanto é feio esse baptismo!...
E Deus te livre, quèrida,
De fer e viver como ellas!
Deus te livre d'esse abifmo,
D'esse mundo falso e vão,
Aonde as mulheres bellas
Occultam o coração;
Aonde bem poucas sentem,
E só as feias não mentem!

III

Eu quero inspirar-te horror
Por esse nome fatal,
Menos pelo meu amor,
Do que por teu proprio mal;

Por isso te vou dizer
D'uma *coquette* o viver.
Para não feres como ellas
É que as deves conhecer:

IV

Como a bella e meiga flôr,
Sendo das mãos affagada,
Perde o viço, o cheiro, e a côr,
Assim desbota á *coquette*
O perfume do pudor,
Porque a todos diz amor...
Amor que jámais sentira!
Mas de sua alma a maldade
Acha prazer na mentira;
E assim dá pasto á vaidade.

V

A *coquette* é sempre bella,
E tem do encanto o segredo;
Mas a candida donzella
D'essa belleza tem medo.

Não fei que instincto divino
Lhe diz mal d'essa mulher,
Que reina sempre onde quer
Como o braço do destino;
Que recebe um cumprimento
Feito ao chapéu e ao vestido,
Como do amante rendido
O mais terno juramento.
Ambos teem igual valor:
Recebem igual forrifo,
Enfaiado ao toucador.

VI

Não, querida, tu não és
Como effes entes sem alma,
Caçadoras de ternura,
Que sem dó calcam aos pés
Os corações dos incautos
Que lhes lega a desventura!
Assim se vingam as bellas
Dos que não são n'este mundo
Estatuas frias como ellas!
Na terra se derramou
Sua belleza fatal,
Quando Deus precipitou
O tremendo anjo do mal.

Quem as viſſe nos iſtantes
Em que vão deſpir as galas,
Com quê ha pouco pelas falas
Fascinavam os amantes ;
Quem as viſſe ao pé do eſpelho
Enfaiar novos manejos,
Que a novos deſventurados
Farão morrer de deſejos...
Oh! ſe alguém n'aquelle hora
Podéſſe a *coquette* ver, —
O ſeu olhar fulgurante,
O ſeu riſo triumphante,
Fariam estremecer,
Porque no roſto atrevido
D'eſſa mulher que ſeduz,
Por um momento reluz
A altivez do anjo caído!

VII

N'aquelle hora, a fós comſigo,
Triumphá, e conta os vencidos.
Tantos por ella perdidos...
E não tem um inimigo!
E todos lhe querem bem!...

E sempre forrindo a todos,
Ella, não ama ninguém!...
Só a si no mundo adora,
Tudo o mais vê com desdem!

VIII

Ai! Deus te livre, querida,
De tão horrível viver!
Oh! com essa alma perdida
Não te queiras parecer!
Sê bôa, pura, sincera,
Abrindo o teu coração
Aos forrífos da paixão,
Como a flôr da primavera
Aos raios do sol que a gera;
Mas *coquette*... oh! isso não!...

XIV

O PRANTO

..... Le lacrime
Son la miglior preghiera.
Niccolini.

Quem é que não viu n'uma hora
Das muitas que tem a vida,
A mulher a quem se adora
A chorar arrependida?

Que ella seja criminosa,
Que injusto seja o ciúme,
Vendo-lhe a face chorosa,
Quem folta mais um queixume?

Não ama quem se não cala
Com receios de offendel-a;
Fallando o pranto por ella,
Ninguem se atreve a julgal-a.

Mulher! do choro fizeste
Arma d'horrivel defeza!
Não te bastava a belleza,
Tambem lagrimas quizeste!

Ninguem resiste ao encanto
Que o ver-te chorar inspira;
Porém Deus, ao dar-te o pranto,
Mandou á terra a mentira!

XV

NÃO AMES

Dizem teus olhos amor;
Amor, a idade florida
Que revela o teu fulgor;
Logo ao começo da vida,
Amor diz tua innocencia,
Teus forrifos, teu pudor.

E tu, com teu meigo olhar,
Procuras timidamente
Amor na terra encontrar.
Mas, oh! virgem innocente,
Se a paixão dorme em tua alma,
Não a deixes despertar!

Por mim te posso dizer
Que preço tem a ventura
Que o amor faz conhecer;
Pois com annos de amargura
Tenho comprado no mundo
Cada instante de prazer.

Oh! não ames, anjo, não!
Affasta de mim teus olhos;
Fecha-me o teu coração:
A terra é cheia d'escolhos,
E eu sou, como os outros homens,
Um monstro de ingratição!

Foge d'elles, e de mim!
Não deixes tua belleza
Immolar em vil festim;
Porque a bruta natureza,
Estranha ao amor dos anjos,
O gozo fó tem por fim.

Eu não te quero mentir!
Se foi do ceu que viesste,
Para lá torna a fugir;
Porque fó o amor celeste,
Amor que por Deus é dado,
Tua alma deve sentir.

O sacrificio que eu fiz
Em te dizer a verdade,
Recufando fer feliz,
É porque, na tua idade,
Que não creias na virtude
Ainda o vicio não diz.

Não ames, pois! é fatal
Toda a paixão que na terra
Fére um peito virginal;
D'aqui teus olhos desterra,
E procura os teus amores
Na patria celestial.

XVI

DEVES AMAR

Laisse-toi donc aimer! — Oh! l'amour, c'est la vie,
C'est tout ce qu'on regrette et tout ce qu'on envie
Quand on voit sa jeunesse au couchant décliner.
Sans lui rien n'est complet, sans lui rien ne rayonne,
La beauté c'est le front, l'amour c'est la couronne.
Laisse-toi couronner!

Victor Hugo.

Quando me vi sem ventura,
E não quiz que tu provasses
Da minha acerba tristura,
Disse-te que não amasses!
Mas bem vês que foi loucura.
Porque amar-te não podia,
Na minha torpe avareza
Tambem ceder não queria
Tantas graças e pureza!

Que maus conselhos te dei!
Porque amor me maltratava,
De amar tambem te affastei.
Vingada estás, bem o vês!
Eu venho agora pedir-te
Que o teu affecto me dês,
Porque não pude fugir-te.
Sem amor viver quizera;
Porém vi, n'essa demencia,
Que é, sem amor, a existencia
Um anno sem primavera.

Sabes que as flôres fingelas,
Seu aroma dando ao vento,
Como o fulgor das estrellas
Brilhando no firmamento,
Dizem na terra e nos ceus
Amor aos homens e a Deus?
Pois ama, e ferás feliz.
Receias amar? loucura!
Olha que o tempo te diz
Que a mocidade não dura,
E traz velhice a esperanza
Com promessas de ventura.
Que és tu sem amar? que queres
Que digam d'essa belleza
Todas as outras mulheres,
A quem manda a natureza

Querer o que tu não queres?
Não vês que a flôr quando nasce
Logo tem aroma e côr,
Que são indícios de amor?
E que na primeira noite,
Logo depois de nascida,
No ar derrama a fragrancia
Que a outras flôres dá vida?...

Receias não fer amada,
Com effas faces radiantes,
Com olhos tão scintillantes,
Que, mais que todas as flôres,
Na terra espalham amores?!...
Pois eu, que só de te ver,
Só da tua companhia,
Sinto em meu peito accender
Luz que em teus olhos ardia;
Eu, que á dôr succumbiria
Se te chegasse a perder, —
Não te hei de amar? Desvario!

Quando encontras os meus olhos
Mudâmos ambos de côr:
Eu, por ver como fou louco
Em querer com tanto amor
A quem me quer com tão pouco;

E tu?... nasce o teu rubor
Da fenação myfteriofa,
Que, levando ao coração
A innocencia da paixão,
Traz ao rosto a côr da rosa?
O teu silencio que diz?
Olha que, se não amares,
Nunca pôdes fer feliz.
Porém, cala-te... não falles,
Que o olhar que me seduz
Agora vejo animar-se
D'uma viva e nova luz!
É por mim essa mudança,
Ou tomei como esperança
O que pôde fer ainda
O riso d'uma criança?
Mas a illusão é tão linda!
Antes me quero illudido,
Do que ouvir uma verdade
Que me deixe arrependido!...

Não me digas a verdade,
Que pôde fer crueldade.
Deves amar, se não amas;
Que a paixão é como o dia:
As suas vívidas flammas
Geram no mundo a alegria.

Ama, fim; deves amar;
Gofa da tua existencia;
Não deixes em vão murchar
A printeira florescencia.

Cede-me a flôr da tua alma;
Juro não a profanar!
Minh'alma tambem é pura;
Sem pejo a pódes tomar.
Outro amor inda não tive!
Se na minha fantasia
Perpassam outras imagens,
São fugitivas miragens
Que duram menos que um dia;
Sonhos fãõ. Viver fem elles
Dado ao poeta não é;
Dos sonhos nasce-lhe a fé,
Por isso dura tão pouco!
E por elle crer em sonhos
É que o mundo o julga louco!
Mas nunca amei; porque nunca
Outros olhos como os teus
Se encontraram com os meus!

XVII

A PORTUGAL

Das façanhas e glorias passadas
Nem te resta a faudade e o amor?
Ás conquistas, com fangue regadas,
Nem tu proprio já dás o valor?

Vive ainda, comtudo, a memoria,
Que os desprezos não podem levar,
Dos teus dias brilhantes de gloria,
Para o mundo futuro espantar!

Quando tu derrotavas na guerra
Os Malaios, os Perfas, e os Chins,
Ai! então foi teu nome, da terra
Refoar nos remotos confins!

Mas que importa? Se o tempo confome
Pergaminhos, grandezas, brazões,
Não deshonre a miséria o teu nome:
Desce á campa enfinando as nações;

Amortalhe-te honrada pobreza;
Mostra ainda por ultima vez
Que, depois de passada a grandeza,
Cai sem mancha o pendão portuguez!

XVIII

PERDIDOS!

Eu nunca te quiz perder;
Se tu perder-me quizeste,
Meu fer unindo a teu fer,
Dois desgraçados fizeste!
Ai! nós ambos nos perdemos!...
Tambem culpa não tiveste!

Se houve culpado fui eu:
Quiz ler no teu pensamento,
Não sabendo ler no meu!
Procurei no teu alento,
Para minh'alma captiva,
Esperança e salvamento...

Mas contigo me perdi!
Cuidava fol d'esperança
A luz que em teus olhos vi,
E não fei, n'esta mudança,
Se amar-te foi um inferno,
Se uma bemaventurança.

Quem me póde perdoar
As impiedades que digo,
E o peccado de te amar?
Fui criminoso contigo;
Porém, se tentas fugir-me,
Eu, perdido, inda te figo!

Receias a ira do ceu?
Olha que, se ambos peccámos,
O mais culpado fui eu!
Ambos do mundo fujamos,
Que o perdão de Deus teremos
No muito que nos amâmos!

XIX

DEVER

Bem fei que devo fugir-te,
Que é meu destino perder-te;
Se não posso possuir-te,
Não devo tornar a ver-te.
Mas como dizer-te adeus
Sem deixar contigo a vida?
Quando fôr a despedida
De mim se dêam os ceus!

Partir! levando a lembrança
De que eu só por ti vivia!
Partir! sem uma esperança
Para voltar algum dia!

E tu deixas-me partir?!
Mas, se amor por mim sentíras,
Do mundo, de Deus fugíras,
Para o amante seguir!

Oh! perdão!... isto é demencia,
É fadade, amor, e pena;
Porque a voz da consciencia
A fugir-te me condemna.
Nunca mais te posso ver,
Nem seguir teus olhos bellos,
Nem teus formosos cabellos,
Nem por ti jámais soffrer!

E tu amavas-me? é verdade?
Choras por mim? isso basta.
Cale-se a voz da fadade,
Que o dever de ti me afasta.
Eu tambem choro por ti!
Eu, que a ventura seguia,
Que á terra e ceus a pedia,
Fugi d'ella quando a vi!

Não posso, nem devo amar-te;
Mas como apagar a chamma
Que, no instante de deixar-te,
Em vez de morrer, se inflamma?

Esquecer-te? oh! isso não!
O fugir é já bastante...
Para onde eu vá, teu semblante
Ha de ir no meu coração!

E podes tu ser ditosa
Não tornando mais a ver-me?...
Tu, de amar-me descuidosa,
Has de algum dia esquecer-me?
Tuas magoas terão fim,
Tendo tu novos amores?
À cidade, o campo, as flores,
Não te fallarão de mim?

Não foltarás um lamento
Quando os suspiros sentidos,
Que leva o sopro do vento,
Chegarem a teus ouvidos?
Sabendo que fãõ os meus
Não sentirás, dôce amiga,
Este dever que me obriga
A dizer-te agora adeus?

Oh! se eu fôr de ti lembrado,
Volve logo os olhos bellos,
Que me verás a teu lado
Com a bôca em teus cabellos...

Cabellos que amor fadou
Para prender uma vida,
Que esta cruel despedida
Ao dever sacrificou!

Adeus, pois! adeus, querida!
Por te amar sou desgraçado!
Fôra menos dar-te a vida,
Que fugir tendo-te amado.
Levo morto o coração,
Porque o levo sem ventura,
Morto, por essa loucura,
Que o mundo chama razão!

Adeus, pois! Se tu pensares
O quanto eu perco em perder-te;
Se algum dia te lembrares
Que jámais posso esquecer-te,—
Lembra-te de quanto eu fiz!
E, se não fôres ditosa,
Despreza a razão odiosa,
Vem comigo ser feliz!

XX

A J. J. TASSO

(Em a noite do feu beneficio)

É tua a voz que, dominando as almas,
Commove indifferentes corações;
Sempre faudada por ardentes palmas,
Quando falla na scena ás multidões?!

Que produz a alegria ou a tristura,
Já nuncia do prazer, já do terror,
Umas vezes bramindo de loucura,
Outras, plangente, murmurando amor?!

Que, revelando o pensamento alheio,
Entes imaginarios faz viver;
Enche de outras paixões teu mesmo feio,
O teu fer confundindo em outro fer?!

Oh filho de Thalia! as tuas palmas
Não são devidas a venal favor:
Vem espontaneas de milhares d'almas,
Porque Deus te fadou um grande actor!

XXI

MARIA

Propter nomen tuum.

Maria, porque me deixas
N'este viver d'esperança?
De minhas amargas queixas
O teu coração não canfa?
Como hei de esperar ventura
De tanta defesperança!...

A ti vôa o meu desejo,
Se te não tenho a meu lado;
E nos meus sonhos te vejo
Como se fôra acordado;
Porém de sonhar contigo
Acordo fempres enganado.

Tu que me ferves de guia,
Minha perdição não queres;
Se o nome tens de Maria,
Será bom quanto fizeres;
Pois quem te deu esse nome
Foi bendita entre as mulheres.

Não dêes á Virgem desgosto,
Nem a mim me dêes castigo;
Mostra que o nome é bem posto,
Sendo piedosa comigo;
Como Deus foi com Maria,
Meu amor será contigo.

Do nosso affecto em tributo
Nascerão viçosas flôres;
E será bendito o fruto
Que brotar dos teus amores;
E tu, bem cheia de graça,
Se comigo sempre fôres.

Só me basta ver teu riso
Para me encher de alegria;
Eu creio no paraizo
Com a tua companhia;
E também creio que inferno
É viver sem ti, Maria.

Por teu nome, por tua alma,
Pois que martyr me fizeste,
Do martyrio dá-me a palma,
Se é palma de amor celeste.
Para os ceus te hei de ir seguindo,
Se foi dos ceus que vieste.

Deixa-me viver contigo,
Leva-me aonde quizeres;
Só tua vontade figo,
Farei o que me differes;
Ou fejas anjo entre os anjos,
Ou Maria entre as mulheres.

XXII

A ROSA

Lembras-te d'aquella rofa
Que ha oito dias me défte?
Como tinha a côr mimofa!
Como tinha o cheiro agrefte!...
Era a imagem do pudôr!
Porém eu já presentia
Que o teu amor morreria
Se murchaffe aquella flôr.

N'um vafo de oiro lavrado
Lhe dei da agua mais pura;
Tive com ella o cuidado
Que merece a formofura.

Não lhe faltou luz, nem ar,
Quando ella empallidecia;
Mas logo ao terceiro dia
Começou-se a desfolhar!

Dizer que chorei por ella,
Quem é que me acreditava?
Se, perdendo a rofa bella,
Era por ti que eu chorava!...
Durou tanto o teu amor
Como a rofa que me déste;
Porque de mim te esqueceste
Apenas murchou a flôr!

XXIII

ADEUS AO PARÁ

(22 de março de 1846)

I

O dia amanheceu fombrio e triste,
Como o meu coração de muito andava
Reccofo do instante da partida.
Quem sabe o que é partir, o quanto amargam
Horas de despedida, e quanto custa
O derradeiro abraço, o adeus extremo,
O longo ultimo adeus, ha de entender-me!
Se as lagrimas correrem entre os versos,
Não se espante ninguem; é dôce o pranto,
Filho da gratidão e da faudade,

*

Da affeição e do amor. Deixando a terra
Aonde me criei, onde dez annos
Hospitaleiros tectos me acolheram,
Ingrato fôra fe ao partir-me d'ella
Não verteffe uma lagrima faudofa.

II

São vinte e dois de março. A primavera
Reina perpetua aqui. Ha fempres flôres,
Sempre maviofos, namorados cantos,
Sempre verdura e fol, galas eternas
D'effa opulenta e luxuofa terra.
Mas hoje o dia é triste; entre as mangueiras
Passa gemendo o vento; as folhas cáem
Do jasmineiro em flôr; e as bananeiras
Rangem d'um modo eſtranho, quando tocam
Os troncos uns nos outros; eſcutando-as,
Eu cuido ouvir as laſtimofas queixas
D'almas n'ellas captivas! E quem sabe
Se as muſas, que lhes déram o feu nome,
As animam tambem? fe ali fuſpiram
Pelos grandes poetas que paſſaram,
E, enquanto ſoltam os doridos carmes,
Fazem, por diftracção, o delicioſo
Fruto da bananeira? — Em torno á caſa,

Onde, apenas por horas, eu refido,
Floreſcem roſas, e açucenas bravas,
Que embalfamam o ar. Um groſſo ailantho,
E dois agigantados eucalyptos
Dão vaſta fombra ao copiar extenſo,
Por onde eu vago ſilencioſo e trite
Á eſpera do momento da partida.

III

Partir! volver á patria, á minha patria!...
Ver outra vez a mãe, a irmã, e a terra
Do berço em que naſci! Voltar de novo
Aos logares da infancia! Uma vez inda
Correr por eſſes campos eſmaltados!
Por eſſas praias, onde o mar braveja,
Saltar ſobre os penedos! Junto aos rios
Ir ſentar-me outra vez horas e horas,
Ouvindo os rouxinoes, e as camponezas,
Como elles deſcantando ao deſaſio!
Ir beber outra vez na fonte pura
Recordações da infancia, amor, caricias,
N'uma terra que é minha, minha! Accezo
Ver fogo no meu lar! Dizer contente:
— «É meu tudo iſto!» — Adormecer tranquillo
Sentindo a protecção quaſi divina

Do olhar de minha mãe! No feu regaço
Descansar a cabeça attenuada,
E reforçar-me co'o materno affecto
Para seguir de novo o meu caminho
No Oceano da vida!...

IV

Dentro em pouco,
A bordo, e ao longe, vogarei contente
Fugindo do desterro... Oh não! é falso!...
Adoro patria e mãe; confundo-as ambas
No mesmo amor immenso; mas não posso
Partir com alegria d'estas praias,
Onde deixo... dez annos de existencia!

V

Foi-me a terra do exilio nova patria,
Embora aqui me devorasse a angustia
De ignota aspiração, a febre anciosa
De vagas esperanças e desejos!
Mas foi aqui, no seio das florestas,
Aspirando os aromas, que embriagam,

D'esses milhões de agigantadas flôres,
Contemplando esses rios magestosos,
Ao calor d'este sol que funde as almas
Em poemas de amores delirantes,
Aqui foi que um lampejo d'estes astros
Se encarnou em meu ser, e a luz do estro
Fulgurou em minh'alma, transformando-a!
Quando soaram meus primeiros hymnos,
Acolheu-m'os a selva em seus mysterios,
E, para que elles fossem menos rudes,
Acompanhou-m'os com milhões de vozes
Em côro sem rival! Cantavam aves,
Insectos, plantas, arvores e flôres,
Rios, lagos, o sol. Os ceus e a terra
Como que respondiam ao meu canto!

VI

Aqui fui poeta; uma existencia nova
Começou para mim entre estes bosques,
Berço da minha musa! Aqui se abriram
Os olhos de minh'alma a nova aurora;
Aqui novos affectos consolaram
O mísero proscripto; aqui, com ancia
De virgem coração, amei, e amado
Fui tambem como se ama n'estas praias,

Sob este ceu de fogo! E hei de agora
Deixar tudo, e partir? partir sem magoa,
Sem faudades do irmão que me quer tanto,
E de amigos que como a irmão me querem?
Não póde fer, bem vêem! De meus olhos
O pranto corre em fio! Quiz poupal-os,
Vindo esconder as lagrimas amargas
No copiar deserto; mas a aragem,
Ouvindo-me gemer, d'entre o arvoredado
Me respondeu carpindo; o ceu turvou-fe;
E o jasmineiro co'o rofal florido
Suspiraram comigo, repetindo:
— «Partir! partir! e nunca mais na vida
Volver aqui faudoso a consolar-me!
Nunca mais aspirar estes aromas
Debaixo d'estes ceus! O adeus extremo
Dar a tudo isto para sempre, e incerto
Se no escuro caminho da existencia
Encontrarei jámais algum amigo
Dos muitos que ora deixo! o irmão querido
Se outra vez poderei inda na terra
Estreitar em meu peito affectuoso!» —

VII

Sôa o tiro de leva! Adeus, amigos!
Adeus, meu caro irmão! Saudade eterna
Levo de todos vós, e, enquanto vivo
Me palpitar o coração no peito,
Hei de amar-vos com impeto estremofo.
Adeus, amigas e hospedeiras praias!
Minha segunda patria, adeus! eu parto
Contente co'o thesouro que me déste.
Vim inda infante, obedecendo á forte,
Pedir-te o oiro em troca do trabalho,
Do fuor do meu rosto; condoídas
Da mísera criança, as tuas felvas
Concederam-me a lyra, dispensando
Esse rude labor que me matava;
E ao inspirar-me os primitivos cantos,
Assim me disse em seu murmurio eterno
A voz harmoniosa das florestas:
— «Eu recuso-te o oiro; não nasceste
Fadado para achal-o; mas, em paga,
Quiz Deus, e manda-me, entregar-te a lyra;
Terás o dom divino, e, enquanto vivas,
Por mais que a desventura te persiga,
Por maior dôr, por mais intenso luto

Que vejas na tua alma, ou no Universo,
Tu poderás cantar. Vae, e consola-te;
Viverás mais que os ricos; e em teus versos
Podem viver tambem todos aquelles
Que tu queiras cantar!» — Brasília terra,
Por ti meus carmes foarão perpetuos,
Que a voz da gratidão vibra em minh'alma,
E inspira-me a faudade immorredoira!

VIII

America gentil! rival da Europa
Tu ferás algum dia! Reclinada
Ainda dormes nos robustos braços
Da tua pura e virgem natureza;
Tuas felvas immensas e fombrias,
Eriçadas de espinhos penetrantes,
E povoadas de animaes ferozes,
Inda repellem no medonho aspecto
O obreiro do porvir; mas pouco a pouco
Ha de ir a audacia humana destruindo
A apparencia selvagem que te cerca,
Erguendo do teu folo abençoado
Palacios e cidades! Os teus rios
Hão de ver com affombro succederem-se
Ás florestas das margens, as florestas

De mastros de navios! Alguns cedros,
Que o machado poupar para ornamento
Das povoações futuras, folitarios
Ás bordas do Amazonas, sob as copas
Hão de abrigar, talvez, dentro em mil annos
Os velhos restos das nações da Europa!
Raças degeneradas e corruptas,
Que o requinte dos vicios ameaça
De breve e inevitavel decadencia,
Irão, destroços de fatal naufragio,
Parar ás tuas praias hospedeiras,
Pedir-te azylo, e pão, e força nova!
Os fragmentos de imperios, hoje ricos,
Que o luxo devorou precipitando-os
No abyfmo da pobreza e da vergonha,
Hão de estender-te as mãos, pedindo auxilio!
Effes que hoje te accusam de selvagem,
Que fallam com desdem da tua infancia,
E zombam dos esforços incessantes
Com que tentas faír da barbaria,
Então, caducos pela idade e o vicio,
Na força juvenil dos teus estados
Hão de apoiar-se humildes; no teu feio,
Em tuas leis austeras e prudentes,
Virão retemperar as frias crenças!

.....

— «Levanta o ferro!» — o capitão bradára;
E a maruja, correndo ao cabrestante,
Metteu-lhe as barras, e, virando á pressa,
Com ancia de volver á amada patria,
Foi alando e cantando alegremente.
Eu fó, no emtanto, á pôpa do navio,
Crebros suspiros para a praia enviava
No repetido adeus. Procella immensa
Ia em meu coração, e o pranto em fio
Dos olhos me corria! — «Adeus!» — Acafo
Já traduziu alguém todas as magoas,
Toda a doçura e fel d'esta palavra,
Tão suave e tão dôce na pronuncia,
Tão dolorosa para as almas ternas?
Quem já teve uma vez os feios d'alma
Rasgados pelo espinho da saudade,
Desculpe-me estas lagrimas. Felizes
Os que nunca dos que amam se apartaram!

Já por entre a confusa vozeria
Da marinhagem, que ancoras fuspende,
Ao som de feu alegre e rude canto,
O meu ultimo adeus fumido expira!
— «Salta arriba! Desferra! larga gaveas!» —
E a marinhagem pela enxarcia corre,
Vôa de lais a lais, largando o panno,
E o navio, coberto n'um repente
Com suas velas brancas, principia
A mover-se no liquido elemento.
— «Ala braços de gaveas a bombordo!
Ala joanetes! caça a vela grande!
Caça! volta!» — O navio, electrifado
Co'a voz do commandante, e co'a manobra,
A fotavento cai, seguindo ávante.
O mar em flôr na prôa lhe rebenta;
Rolos espumeos d'um e d'outro lado,
Partidos pela quilha, vão unir-se
Na prateada esteira. É bello o brigue
Com suas niveas azas estendidas
Como as de ave marinha sobre as ondas!

XI

A cidade fumiou-se no horifonte!
A praia, as felvas, tudo vai fugindo!
Já mal se avista a c'roa de verdura
Das mais altas florestas; e a distancia
Já com o azul dos ceus confunde a terra!
Parou-me o coração dentro do peito...
Co'os olhos fitos na arredada plaga
Nem respiro sequer! Não oiço as vagas
Que me alagam quebrando despeitadas
Na borda onde me encofio! Os companheiros
Encaram-me pasmados. E eu só vejo,
Lá muito ao longe, a nuvem azulada
Que adelgado veu se vai tornando,
E se desfaz por fim! Um grito agudo
Soltou meu coração n'esse momento,
E não vi nada mais! Achava-me orfão
D'uma segunda mãe!... E choro-a ainda!...

XXIV

QUANDO EU TE VI

Não te lembras? era noite,
Noite escura como agora,
N'essa abençoada hora
Em que te vi e te amei.
Era noite. Eu só, e triste,
Quando á tristeza fugia,
Busquei d'um baile a folia,
E n'ella me embriaguei.

Mas durou pouco o delirio;
De mim mesmo aborrecido,
Como á dôr tinha fugido
Tambem do prazer fugi;

Em breve o ruido das danças
Meu coração esmagava;
Já não ria, não dançava,
Já nem respirava ali!

Então corri ao theatro;
Sentia em mim a loucura!
Fosse qual fosse a ventura,
Era preciso gozar.
Gozar!... illudir minha alma,
Que, morrendo ao defalento,
Trasbordava sentimento
Por não ter a quem amar!

Entrei. O prazer e o riso
Novamente me cercaram;
Mas tambem me repulfaram
Porque não era dos seus.
Deixei-os! e foi n'essa hora
Que vi teu rosto divino.
Seria acaso, ou destino,
Ou providencia de Deus?

Não fei. Mas quando meus olhos
Em teus olhos se fitaram,
Nossos rostos se voltaram,
Para volver outra vez;

Encontravam-se de novo,
E de novo se fugiam...
Mas a bufcar-se volviam
Sempre com mais avides !

Nada já me aborrecia ;
O ruido não me affustava ;
Já nem o rifo evitava,
Nem tinha medo ao prazer ;
Nascia em mim outra vida !
Como nunca tinha amado,
Que me importava o passado,
Se eu começava a viver ?

E já teus languidos olhos
Os meus olhos entendiam !
Ainda amor não diziam,
Que lh'o vedava o pudor ;
Mas um raio d'esperança,
Que n'elles me apparecia,
Em minh'alma se embebia
Como promeffa d'amor.

Lembras-te que era de noite,
Noite escura como agora ?
Lembras-te do fitio e hora
Em que te vi e te amei ?

Pois d'essa noite a memoria
Não deve fer esquecida;
Conferva-a por mim, querida,
Como eu por ti a guardei.

XXV

MEDITAÇÃO

A luz que brilha no Universo immenso,
Impedindo que reine a escuridão,
Depois de ter no ceu queimado incenso,
Vem fecundar na terra a criação.

Seguem as turbas do progresso o rumo,
Lidando e caminhando sem parar;
E como a nuvem de ligeiro fumo
Que o vento perde nas regiões do ar,

Passam as gerações cento após cento!
Onde vão ellas? Quem o diz? Ninguem.
Como se esconde o fol no firmamento,
Se apaga a vida que brilhou tambem;

*

Defapparece como a luz no espaço,
E nem sempre após si deixa fulgor;
Nem sempre no caminho indica um traço
Da força omnipotente do Senhor.

E a um poder occulto, immenso, e fórte,
Cedem imperios, curvam-se nações;
E vão, sem murmurar, da vida á morte,
Do passado apagando as tradições.

Astros e flôres, tudo inclina a frente,
Cumprindo do Senhor as fábias leis.
Por todo o longo espaço do horifonte
Só Elle impera como Rei dos reis.

Vergando a face para o chão fecundo,
Onde a vida refurge d'entre o pó,
Eu te adoro, oh Senhor, oh Rei do mundo,
Porque em meu coração reinas tu só.

Renegando da vida defvairada,
Das grandezas da terra que fonhei,
Da minha mocidade espediçada
Choro as rosas, que louco desfolhei!

Mas, ai! choro tambem pela esperança,
Que então vinha meus dias alegrar!
Pelos sonhos, e crenças, e a lembrança
Dos tempos que não tornam a voltar!

Oh faudade! faudade! eu a ti venho,
Por ver a Deus na eterna solidão!
E a Elle peço que me guie o lenho
Das praias do naufragio á redempção.

XXVI

O MARINHEIRO

— «Para adormecer n'um rio
Junto aos pés d'uma cidade,
Não foi feito o meu navio,
Que zomba da tempestade.
Leva as ancoras! desferra!
Larga! larga! deixa a terra!
Iça longo, e fem parar!
Fóra fabres e cutelos!
Deita abaixo os andrebello!
Ancora toda a beijar!

Larga effas velas de prôa!
Gavea grande! todo o pano!
Meu navio é uma c'roa
Sobre a frente do Oceano.

Eu fou rei, aqui domino !
A estrella do meu destino
Só no mar brilha feliz.
Quando sopra o vento fórte,
Seguindo sempre meu norte,
Não conheço outro paiz?

Onde nasci?... não o digo,
Porque não o fei ao certo.
Quando busquei um amigo
Achei o mundo deserto...
Só tive contentamento
Escutando a voz do vento
Nas gaveas a sibilar;
Quando, sem medo ao perigo,
Tive as nuvens por abrigo,
E por companheiro o mar.

Nunca amei as impias pragas
Dos meus rudes marinheiros;
Mas tomei amor ás vagas
Na furia dos aguaceiros.
Se á rouca voz da tormenta
Vinha a onda turbulenta
Quebrar dentro do convez,
Eu contente a contemplava;
E a vista se me enlevava
No abyfmo que tinha aos pés.

Cada vez que o mar bramia,
Solto o cabelo na fronte,
Eu mais alegre forria
Para a linha do horifonte.
Sempre de pé na coberta,
Sobre a abobada deferta
Adivinhava o tufão;
D'olhos no tope dos mastros,
Aprendi a ler nos astros
A vinda do furacão.

Affim fui homem, primeiro
Que de homem tivesse a idade!
A escola do marinheiro,
Tem por mestre a tempestade.
Ó do leme! contro! arriba!
Folga a bujarrona e giba!
Olha as bolinas de ré!
Caça a draiva e o traquete!
Ala velacho e joanete!
Vá de longo! bate o pé!

Temos vento lefnordeste;
Já vai o Cabo dobrado.
Põe o rumo ao fudoeste!
Aguenta o leme! cuidado!
Passa talha na retranca!
Olha a escota! volta franca!

Arreia mais... devagar...
Volta! volta!... Sete e meia:
O vento não escaceia;
Corre affim, que é bom andar.

Meu paiz é n'estes mares;
Meus campos, estes banzeiros;
Este navio, meus lares;
Minha familia, os pampeiros!
Diz-me a voz do cataclifmo
Que dormirei n'este abyfmo
Aos ecos do temporal,
Envolvido n'estas velas,
Como o genio das procellas
Ou o anjo do vendaval.

Com furia o mar se alevanta
E ás nuvens cuspindo a vaga,
Pela tremenda garganta,
O lais das vergas alaga!
O espaço todo se abala,
Se o trovão rugindo estala
E o raio lança dos ceus!
Mas o navio não treme,
Que a minha mão vai no leme,
E sobre ella a mão de Deus.

Corre, meu fino veleiro,
Até que no ceu se apague
A estrella do marinheiro;
Depois, que a onda te esmague;
Que venha atravez do espaço
Do Senhor o occulto braço
Tuas pranchas deflocar;
Tu és da terra inimigo,
Por isso virás comigo
Dormir no fundo do mar! » —

XXVII

O DIABO

Em nome do Padre e Filho,
E do Espírito também!
Que em sua graça nos tenham
Para todo o sempre, amém!

Antes de fallar no demo
Deve-se a gente benzer,
Que o velhaco arde em desejos
De nos tentar e perder.

Eu tenho-lhe tanto medo,
Que me finto arripiar.
Se querem saber a causa,
Um conto lhes vou contar:

Havia uma vez um conde,
Senhor de rico foliar,
Cafado com a condeffa,
Formosa Dona Guiomar.

Uma noite muito negra
Começa o conde a fonhar
Que ao seu pagem favorito
A condeffa ia abraçar.

Acorda muito zangado;
Entra no cafo a penfar;
Chama o diabo tres vezes;
Torna a dormir, e a fonhar.

Apparece-lhe o demonio,
Começa a rir e faltar,
Fazendo taes diabruras,
Que o conde pôz-se a gritar.

Vereis agora o bonito!
Era o diabo a fallar:
— «Cala-te lá, meu pateta!
Pois não te queres vingar?

Por tres vezes me chamaste;
Eu venho por te ajudar;
Outro fosse eu que faltasse,
Ou te obrigasse a esperar.

Bem vês que fou bom diabo..
Mas vamos negociar:
Serão meus teu corpo e alma,
Se a condeffa te enganar?» —

— «Voto a todos os diabos!» —
Exclama o conde a fonhar
— «Que, se o pagem fôr com ella,
Duas almas te hei de dar.» —

O demonio, de contente,
Ali se pôz a dançar;
E co'a pontinha do rabo
Fez o conde despertar.

Vai-se ao quarto da condeffa,
Parece-lhe ouvir fallar...
Chega enfurecido ao leito...
E mata Dona Guiomar!

Ouviu uma gargalhada,
Como o demo as fabe dar...
Tinha morto uma innocente,
No inferno o irá pagar!

Um homem com pés de cabra,
Com um rabo a rabear,
Armado com dois chavelhos,
Põe-fe ao pé d'elle a bufar!

O conde, muito affustado,
Nem fe benzeu, nem rezou...
Pum! O ar cheira a chamusco
Onde o meu conto acabou.

XXVIII

A BORBOLETA

I

Que vida, que linda vida,
Que a borboleta não tem!
Vive no gozo embebida
Sem ter amor a ninguém!
Ella zomba dos amores;
Depois de os pedir ás flôres,
Foge d'ellas com desdem!

Borboleta, se quizesse,
Ao meu mal darias fim:
Bastava só que me desse
O teu genio para mim.
Tão pequenina, e tão forte! . . .
E ter eu tão triste forte,
Que não possa fer assim!

Vais de flôr em flôr voando;
A tua vida é gozar;
D'esta n'aquella poufando,
Novo prazer vais achar!
Florinha que ha pouco amaste,
Por outra e outra a deixaste,
Sem faudades, sem pezar!

Não fabes, bella inconstante,
Qual é do ciume a dôr!
Só n'um momento és amante
Da mais linda e meiga flôr!
Não fabes? tenho-te inveja,
E dóe-me que assim não seja
Inconstante o meu amor.

Para ti, o gozo é tudo;
A mim prendem-me as paixões.
Queres fervir-me d'estudo
Para eu não ter affeições?
Queres?... Então gofa, gofa,
Mostra-te bem desdenhosa,
Que eu vou tomando lições!

II

Borboleta, estou cansado;
Fui ao prado,
Fui ao prado por te ver;
Quiz seguir o teu destino,
Que divino
Julguei fer.

Venci meu fado, venci-o;
Persegui-o,
Persegui-o até cansar;
Como várias nas flôres,
Quero amores
Variar.

Borboleta, o gozo é tudo;
Fiz estudo,
Fiz estudo e aprendi;
Deus te pague pelo ensino!
O destino
Já venci!

Dês que tu me appareceste,
Me diffeſte,
Me diffeſte o que é viver;
Coſtumei-me á eſquivança,
Não me canſa
O prazer !

Como tu tens muitas flôres,
Tenho amores,
Tenho amores como os teus;
Se elles te correm ligeiros,
Paſſageiros
São os meus.

III

Como é bella a liberdade,
E voar de flôr em flôr,
Após o amor !

Como é bom não ter ciumes,
E os prazeres variar,
Sempre a gozar !

Como é dôce amar a muitas,
E sempre andar a correr,
Para escolher!

Grande mestra, ó borboleta,
És tu na escola do amor,
Correndo de flôr em flôr!
É feliz quem te imitar,
Quem poder passar a vida
A mudar sempre de amante,
Gofar uma em cada instante,
Deixar todas sem pezar!

XXIX

O FUNERAL E A POMBA

(Paraphrase d'outra do snr. João de Lemos)

I

Quem ergue a voz nos arraiaes contrarios?
O canhão inimigo já não trôa,
Despedindo ao clarão da chamma ignifera
Horridas balas!

Atravez das fileiras lá se mostra
Pasmado e triste o artilheiro ocioso;
E, em vez de folta aos ventos, a bandeira
Lugubre desce!

Que vai além nos arraiaes contrarios?
Tambem funebremente dobram finos,
E o tambor, despedindo accents roucos,
Sente-fe ao longe!

E nós, cobertos de funereos crepes,
Acompanhâmos com silencio fundo
Os despojos reaes, e em torno as tochas
Tremulas fulgem!

Quem ergue a voz nos arraiaes contrarios?
Vão cobertas de luto as noffas alas.
Porque trajam de lá, tambem afflictos,
Funebres pompas?

De cá perdemos mãe, rainha... tudo!
Vaffallos, filhos, com a dôr fe prostram!
De lá, seus inimigos, porque gemem
Canticos tristes?

Que voz fe ergueu nos arraiaes contrarios?
Acafo o tempo, com a mão finiftra,
Do seu livro de fé rasgou um nome,
Symbolo caro?

São os nossos irmãos! Vêde-os agora
A dôr mostrando nos chorosos vultos:
Co'a nossa perda morre-lhes nos olhos
Fulgido brilho!

II

Inimigos ha vinte annos,
Vossos brios mais que humanos
Santificam vossa fé;
Respeitâmos-vos de pé!
Doeram-vos nossas magoas,
E do vosso pranto as aguas
Banham nosso coração!
Chorae, chorae d'esse lado,
Que se ennobrece o soldado
Que não nega seu irmão!

Porque andâmos nós em guerra?
Nascidos na mesma terra,
Não nos guia a mesma luz!
Finde a guerra junto á cruz!
Quem com seus irmãos pranteia,
Não pôde ter causa alheia;

Contrarios, perdão igual !
Nenhum lado se envilece !
Nós fazemos esta prece
N'um recinto sepulcral,

Aonde a melancolia
N'estas horas de agonia
Não vê ninguém descortez !
Tudo aqui é portuguez:
A dôr que estala nos peitos,
O pranto em olhos affeitos
A occultar o soffrer . . .
Todos aqui vem das eras
D'aquellas crenças sinceras
D'antes quebrar que torcer !

Todos nascemos foldados,
E, pela dôr consternados,
Orâmos co'a mesma fé !
Eia, pois ! todos de pé !
E sob uma só bandeira,
Da nossa paz companheira,
Nos esqueça a proscricção ;
Dos odios se acabe o grito ;
Vinde, amigos do proscripto,
Cessae de gemer em vão !

Não renegais vossas dôres,
Já não desbotam as côres
Que teem vinte annos por fi;
Mas podem unir-se aqui!
União, por Deus fagrada,
É dever da crença herdada,
E ha de por fim triumphar.
Teve o throno o feu calvario;
Repasse o pranto o fudario
Que ha de a todos consolar.

Sendo de partido opposto,
Banhaftes o nobre rosto
Co'o pranto que a magoa dá;
Elle afoga-nos de cá!
Do luto da monarchia
Prantear o infausto dia
É de todos nobre lei;
Choremos, pois, a rainha:
Foi do voffo rei sobrinha,
E era mãe do nosso rei!

III

E todos que a vêem sem vida,
Choram a planta viçosa
Morta em flôr;
E a flor, co'o vento pendida,
A dois reis, por mãe e esposa,
Deixa a dôr.

Aos inimigos não basta
Ver os orfãos sem ventura
Co'este mal?
Mal que doêra a madrastra,
Quanto mais á magoa pura
Filial?!

Vêde-o como vai sem fausto,
Esse corpo que da alma
Enviuvou!
Enviuvou já quando, exausto,
Do martyrio a triste palma
Desfolhou!

E todos que a vêem sem vida,
Choram a planta viçosa
Morta em flôr;
E a flôr, co'o vento pendida,
A dois reis, por mãe e esposa,
Deixa a dôr!

Oh! se orando aqui por ella,
Nossa união renascesse
Ante Deus!
Tornariamos a vel-a
Pelo bem que nos fizesse
Lá dos ceus.

Todos culpas e erros temos;
Fomos todos desterrados
D'esta mãe,
Mãe-patria. Pois não feremos
N'este voto acompanhados
Cá também?

E todos que a vêem sem vida,
Choram a planta viçosa
Morta em flôr;
E a flôr, co'o vento pendida,
A dois reis, por mãe e esposa,
Deixa a dôr!

IV

Quando passava o prestito no arco
Do sacro templo que a piedade ergueu,
Fulgido lume brilha n'um dos coches,
N'esse em que a morte descerrára o veu!

Sobe o vapor da etherea chamma ao alto,
E, condensado nas regiões do ar,
D'entre elle surge, mysteriosa, uma ave
Que os olhos miram sem poder canfar.

E logo ao carro da corôa vê-se
Que a meiga pomba sem temor voou!
Seria espirito que vinha agora
Ver inda a terra aonde já pousou?

Paz no futuro presagiando á c'roa,
Seria uma alma que ali vinha assim,
A abençoar do alto d'esse carro
Todo o seu povo reunido emfim?!

Certo, era um anjo, que descia ao povo,
E vinha unil-o, por favor do ceu;
Porque furgia nos portaes da igreja,
Do sacro templo que a piedade ergueu!

Triste d'aquelle que do fundo d'alma
Estes avifos do Senhor não vê!
Que não decifra no celeste livro
Este milagre que a fé viva lê!

Ou alma, ou pomba, como luz d'esp'ranças,
Fulgiu na c'roa que passava ali;
Que do ceu veiu juram-n'ò mil bôcas;
Que ao ceu voára dizem todos: — «Vi.» —

E da discordia, arrependida e triste,
Como um só homem, a nação gemeu;
E a voz da igreja, no lutuoso canto,
Apaga os odios que o passado ergueu.

v

Quebraram-se as armas, e, unidos na prece,
Da guerra fugimos ao duro fragor!
Irmãos, o passado na loisa se esquece!
Não quer inimigos a lei do Senhor!

Irmãos! esse corpo da morte colhido,
Que agora da campa repoufa na paz,
Penhor de concordia, por Deus escolhido,
Ainda na morte esperança nos traz;

Que a mystica pomba não era fylla,
Mas antes feguro, divino fignal!
Da mãe era a alma, que vinha tranquilla
Na c'roa do filho faudar Portugal!

Foi anjo que veiu nos campos tão varios,
Por Deus enviado, estas pazes fazer;
Que a pomba defcia dos altos facrarios,
Que os olhos do mundo não podem romper.

Se a c'roa é do reino, fabia-o a pomba;
Porém d'estes reinos é filho tambem
O rei, que ajoelha na loifa que tomba,
De todos amado, fem odio a ninguem.

Quebremos as armas, e, unidos na prece,
Da guerra fujaamos ao duro fragor!
Irmãos, o passado na loifa fe esquece,
Não quer inimigos a lei do Senhor!

XXX

OS AMORES DO POETA

Dizem todos que os poetas
Não fallam fenão d'amor!
Pois que admira? Acafo a flor
Será tambem inconstante
Dando a todos o perfume
Que lhe dera o Criador?
Do fol o brilho radiante,
Da estrella o candido lume,
Que ceus e terra alumiam,
Tambem de amor defvariam?

Para amar nafceu o poeta;
Sim, falla a todos d'amor,
Porque ha no feu coração
O eterno germen da flor

Que faz nascer a paixão:
O sentimento do bello
E o fogo da aspiração.
Tambem Deus, que é um fómeste,
Ama toda a criação.
Feito por Deus, como Deus
O poeta adora a todos,
E a tudo, da terra aos ceus!

XXXI

MEDICINA DE DEUS

Tudo sem ti é tristeza,
Tudo sem ti me aborrece;
Erma a terra me parece,
Não tem vida a natureza!

Por isso, mesmo doente,
Venho aqui para te ver;
Pois antes quero morrer,
Que de ti viver ausente.

Ao ver-te, logo adormece
A furia da minha dor;
Mas longe do teu amor
Sempre a minh'alma padece.

Deixa-me pois a teu lado
O meu remedio buscar:
Basta-me ouvir-te fallar
Para logo fer curado;

Basta-me ver-te, querida;
Pois na luz dos olhos teus
Achei sempre amor e vida,
A medicina de Deus.

XXXII

PORQUE CHORAS ?

Quem te fez mal ? porque choras ?
Como soluças ! que magoa !
Que dôr é essa tão forte
Que te inunda os olhos d'agua ?
Vem desabafar comigo ;
A causa do teu pezar
Derrama n'um feio amigo.
Custa-me ver-te chorar,
A pesar de haver no pranto
Da mulher, a quem se adora,
Indícios de que a ternura
Em seus olhos também chora.

Que tens tu? pretende alguém
Afastar-te de meu lado?
Não ha na terra ninguem
Que tal fe atreva a fazer!
Mas fe houver... onde tu fores,
Lá comtigo irei viver!
Porque choras? Não receias
De certo perder-me, não?
Nem de mim te aborreceste?
Nem te aborrece a paixão?
Saudades tens? ou desejos?
Mas porque choras então?

Dize a razão porque choras,
Que não te has de arrepender;
Eu tambem fui desgraçado,
Por isso te hei de entender.
Soluças mais? Defafoga,
Dize o terrivel pezar
Que assim te faz soluçar.
Ciumes! de mim? oh! louca...
Volve á razão que perdeste,
E chora com mais razão
Pelo pranto que verteste,
Fazendo tal injustiça
Ao meu pobre coração,
Que ainda não conheceste.

Ciumes de mim! Não chores...
Se bem que agora o teu pranto,
Depois que lhe fei a cauza,
Tem para mim outro encanto;
Mas não importa; não chores,
Que, por mais suave e doce
Que me feja o ver-te assim
A chorar d'amor por mim,
Sempre é chorar! e não quero
Que por fim tu me aborreças:
Desejo fó que não chores,
E... que melhor me conheças.

Enxuga os olhos, querida;
Sabe que, sem confiança,
Não ha focego na vida,
Nem ha na vida esperança.
Esfpera, pois, e confia,
Que nunca verás mudança
Em quem mais amor te déra
Se mais coração tivera,
Ou se n'este, onde tu vives,
Maior affecto coubera.

XXXIII

A UMA MENINA

Oh! quem podéra viver
Como tu vives, criança!
Quem se podéra deter
N'essa idade florescente,
Sem nunca sentir mudança,
Nem jámais envelhecer!

Ai, querida! folga, e ri!
Goza da quadra florída,
Que só eu não conheci!
Quando as flores da esperança
Te engrinaldarem a vida,
Tu verás quanto eu soffri!

Verás fe é duro esperar
Que fe torne em realidade
O que amor nos faz sonhar!
Da mais sublimé poesia
Passar á simples verdade,
E em triste profa acordar!

Só quando teu coração,
Na magoa retemperado,
Por cada desillusão
Tiver a força, a energia,
Para zombar do passado
Á vista da multidão, —

Só então podes faber
Que preço tem a existencia!
Mas, antes de o conhecer,
Vive alegre, e sem cuidados;
Que depois fôra demencia
Aspirar a igual prazer.

XXXIV

A CASTELLÃ DE AVELOMAR

I

— « Debalde fobre as ameias
Das torres do meu folar,
Olho as montanhas e os valles,
E os campos da beira-mar !

Ainda o fol com feus raios
Nã doira os cimos dos montes,
E já meus olhos canfados
Se fitam nos horifontes.

Paffa o aftro fulgurante
Fazendo o giro do mundo,
E eu fempre aqui, até vel-o
Sumir-fe no mar profundo !

Muitas vezes do meu leito
Me levanto a horas mortas,
Tomando o ruído do vento
Por gente que bate ás portas;

Cuido ouvir por alta noite
A trompa foando além;
Corro á ponte apressurada,
Olho, e não vejo ninguém!

E faz ámanhã quatro annos
Que o meu amado partiu;
Que esta mão cobriu de beijos
Quando a espada lhe cingiu!

— Oh! Leonor! Leonor! — me disse —
Sê fiel, querida amante!
Que eu pela cruz d'esta espada
Te juro ferei constante.

Pela minh'alma te juro,
E juro-o á face do ceu,
Que, morto ou vivo, querida,
Meu corpo ferá fó teu. —

Tapei-lhe a bôca com beijos;
Jurei-lhe quanto elle quiz;
E, apertando-o nos meus braços,
Fui por instantes feliz.

Ai! quatro annos fãõ passados
Sem meu amante voltar!
Malditos sejam os moiros
Que m'õ fazem demorar!

Tenho os meus olhos cansados
De tanto os fitar em vãõ!
Ai! se o meu amado é morto,
Triste do meu coração!»—

II

Affim, com faudofas queixas,
Carpia Dona Leonor,
Lançando dos altos muros
As vistas em derredor.

Eis que ao longe, á redea folta,
Vê pela encofa do outeiro,
Na direcção do castello
Vir correndo um cavalleiro!

Verdes armas traz vestidas;
Todo branco é seu ginete;
Ufa um falcão de azas d'oiro
Por timbre no capacete.

— «Não é elle! oh! não! meus olhos
Não me haviam de enganar!
Não é branco o feu cavallo,
Nem fuas côres verde-mar.

Eram azues as fuas armas,
Tomou-as por meu amor:
Em toda a fua armadura
Quiz dos meus olhos a côr.

Ao feu elmo azul-celeste
Pôz por cimeira um dragão;
E um ramo de madrefilva
No escudo, por meu brasão.

Seu cavallo é baio-corfo,
Das raças da barbaria;
Nobre animal! se fosse elle
De longe relincharia.» —

III

Junto á ponte levadiça
O cavalleiro parou,
E a bufina por tres vezes
O eco ao longe acordou.

Corre a dama em sobrefalto:
— «Virá de Jerufalem?!
Ide, pagens e escudeiros,
Perguntar-lhe d'onde vem.

Perguntae-lhe, antes de tudo,
Se é cavalleiro da fé;
Depois diga o que pretende,
Sua menfagem qual é.» —

Vão-fe escudeiros e pagens;
E Leonor, anciosa espera
No jardim, onde, entre flôres,
Lhe forria a primavera.

Paffados breves minutos
Volve um pagem a bradar:
— «Senhora, fenhora minha,
É christão, quer-vos fallar!» —

E, após o pagem, feguia
Vagaroso o cavalleiro;
Calada traz a vifeira,
Seu porte é nobre e guerreiro.

A dama, de perturbada,
Poude apenas murmurar:
— «Se vindes da Palestina,
Sois bemvindo ao meu foliar.» —

— «Senhora, — com voz folemne,
Voz que a fez estremecer —
Da Palestina, é verdade,
Venho a cumprir um dever.» —

— «Cavalleiro, por piedade
Dizei depreffa, dizei!
Voffa voz vibra em minh'alma,
Do elmo a vifeira erguei!» —

— «Não posso mostrar meu rosto;
Senhora, que voto que fiz
Quando acceitei a menfagem
D'um cavalleiro infeliz.

Dom Rodrigo amou-vos fempre,
E, no instante derradeiro...» —
— «Morto! O meu fiel amante?!
É morto o meu cavalleiro?!» —

— «Morreu da morte dos bravos,
Como poucos vi morrer...
Um contra cem farracenos,
Tivemos de combater!

Mas Dom Rodrigo, fenhora,
Gritando: — *Deus e Leonor!* —
Ergueu trincheiras de mortos,
E foi por fim vencedor!

Tinha porém tantos golpes,
E tanto fangue perdia,
Que, antes do fim da batalha,
Nos meus braços se morria.

O ramo de madrefilva,
Que elle tinha por braço,
Jurei trazel-o, fenhora,
E ponho-o na vossa mão.

Vem tinto no amado fangue;
Dom Rodrigo o quiz assim.
Cumprido o voto do amigo...
Nada mais quereis de mim? » —

IV

A dama, pallida e fria,
N'um banco se recoftára,
Mal ouvindo o mensageiro,
Que longo tempo fallára.

O ramo de folhas d'áço
Com flôres d'oiro a nafcer,
O ramo que lhe elle déra,
Tinha-o na mão, fem o ver!

— «Morto! E agora, fem ventura!» —
A bella emfim murmurou;
E ao calado menfageiro
Os olhos alevantou.

— «A voz d'este imita a d'elle; —
Penfou, fallando comfigo.
— Elle morreu-lhe nos braços...
Oh! quanto invejo este amigo!

Não; detesto-o!... E a vifeira
Sempre no rofto caída!...
Talvez meu pranto o commova,
Por iffo a não quer erguida.

Oh! Se é por terna piedade,
Se eu lhe inſpiro compaixão,
Deus lh'o pague! Ver feu rofto
Dar-me-hia confolação.» —

— «Senhora, adeus.» —

— «Cavalleiro,
Bemvindo fois! defcanfae;
Fallae-me de Dom Rodrigo,
E a vifeira levantae.» —

— «Foi jura que fiz, fenhora,
Não me obrigueis a quebral-a;
Só em S. Pedro de Rates
É que posso alevantal-a.» —

— «Ai! pobre de mim, coitada,
Que a ninguem inspiro dó!
Para que me ferve agora
A vida tão erma e fó?» —

— «Sois moça e gentil, fenhora,
Novo amor encontrareis.» —

— «E vós quem fois, cavalleiro,
Que tanto o rosto escondeis?» —

— «Sou moço, e dizem que bello;
Os meus olhos negros fãõ;
Tenho formosos cabellos,
Negros... da cor da traição.» —

— «É por ventura uma dama
Quem taes gabos faz de si?!
Quem vem de rosto coberto
Trazer-me a desgraça aqui?

Menfageiro de más novas,
Sois livre, podeis partir;
É natural dos covardes
Ferir na sombra, e fugir!» —

v

Proferindo estas palavras,
A dama se levantou;
E com gesto altivo e fero
Para a porta lhe apontou.

— «Senhora, quebrado é o voto
Diante da injuria atroz!
Ai de nós ambos, senhora!
Leonor, Leonor, ai de vós!» —

Affim disse, e, dando um passo,
Descalçára o ferreo guante,
E presto a viseira erguendo
Mostrava o nobre semblante.

A dama, vendo-lhe o rosto,
Solta um grito de terror;
E as vivas rofas da face
Da neve tomam a cor.

— «Vedes meu rosto, senhora?
Á força o quizestes ver;
Tornei-me vil e perjuro
Para vos obedecer.» —

— «Sua voz, feu rosto, seus olhos,
Só os seus cabellos não!
Certo não fois Dom Rodrigo?» —
— «Senhora, fui seu irmão!

Todos me cuidavam morto...
Mas n'um dia de batalha
Eu pude quebrar os ferros,
Que eram a minha mortalha;

E nos campos dos cruzados
Fui meu irmão encontrar;
Porém logo após tres dias
Vi Dom Rodrigo expirar!

Jurei-lhe por minha honra,
Na sua hora derradeira,
Que esse ramo vos traria
Sem erguer minha vifeira.

Eis suas ultimas palavras:
— Nós fomos tão parecidos,
Que bastava ver-te o rosto
Para prender-lhe os sentidos.

E se após a minha morte
Lhe vier nova paixão,
Não fejas tu, meu amigo...
Respeita as cinzas do irmão.

Aqui tens o seu retrato,
Has de enterrar-o comigo;
Não o mires muitas vezes,
Demora-o pouco comigo.

E quando a vires a ella,
Quando fores a seus pés,
Dá-lhe a menfagem, e parte,
Sem lhe dizeres quem és.

Ha perigo em ver-lhe os olhos,
E ouvir-lhe o doce fallar;
Oh! se tu me atraíçoaffes,
Talvez me eu fosse vingar!

Talvez! Quem sabe se os mortos
Podem ao mundo volver?
Se andam por nossos caminhos,
Sem nós os podermos ver?

Se podem, rompendo as campas,
Vir punir a ingratição?...
Oh! não façás a experiéncia;
Não façás, querido irmão!—

Eu jurei cumprir meu voto;
Jurei não amar Leonor;
E elle finou-se contente
Nos braços do irmão traidor!

Eis aqui voffo retrato;
Menti á jura que fiz;
Não pude entregal-o á terra
No peito do irmão feliz.

Captivo fiquei da imagem;
Mais escravo agora fou;
Quiz fugir, mas o destino
Que ficaffe me ordenou.

Quizestes ver o meu rosto,
Parece o de meu irmão;
Eu oufo amar-vos como elle,
E não vos peço perdão,
Pois vós inspirais, fenhora,
Amores de perdição.» —

VI

Leonor ouvia em silencio;
E no feu formoso rosto
Mostrava que a narrativa
Lhe dava tristeza e gosto.

O pranto e o rifo nos olhos
Vão, cada um por sua vez,
Provar a perda do amante,
E o consolo da viuvez.

Resigna-se ao seu destino;
Não pôde mudar a sorte.
E sabe que o amor mais terno
Nunca passa além da morte.

— «Tive eu acaso desejos
De quebrar a fé jurada?
A morte, que me fez livre,
Prohibe-me o ser amada?»

Se o irmão de Dom Rodrigo
Me puder tornar feliz,
Quem de mim ha de queixar-se?
Não foi Deus que assim o quiz?» —

Taes eram seus pensamentos,
Que é sempre assim a mulher:
Tudo quanto ella deseja
Affirma que é Deus que o quer!

VII

Oh! que festas, que alegrias
No paço de Avelomar!
Franca a ponte, e as portas todas
Abertas de par em par!

Convidam-fe os habitantes
D'uma legua em derredor;
Comida e bebida a todos,
A fartar, seja a quem for.

E danças, cantos, e trovas
Nas falas e nos jardins;
Sobre a relva e nos tapetes,
Por toda a parte festins!

De Leonor e de Ramiro
Celebram-fe os esponsaes;
Ninguem pensa em Dom Rodrigo,
Que os mortos não voltam mais.

Oito dias fãõ paffados
Que Dom Ramiro é chegado;
Oito dias! e apõs elles,
Dia de festa e noivado!

Esqueceu-se o juramento
Da amante, do irmão e amigo;
Será premio da perfidia
O leito de Dom Rodrigo.

Que importa? Ramiro é bello,
Leonor, das bellas princeza!...
Redobra o ruido das festas,
Que os noivos vãõ para a meza.

VIII

Fumegam nos aureos pratos
Mil exquisitos guifados;
Fervendo espumam nas taças
Os vinhos mais celebrados.

Em torno da eburnea meza
 Servem garbosos donzeis;
 Une-fe á voz dos convivas
 O canto dos menestreis.

Dom Ramiro, um aureo vaso
 Encheu de vinho espumante,
 E, alevantando-fe alegre,
 Affim brinda pela amante:

— «Por ti, querida d'eff'alma!
 Por ti bebe o escravo teu!...» —
 Eis que uma voz, como um eco,
 Repete na fala: — «E eu?» —

Gela-fe o riso nos labios;
 Os rostos mudam de cor;
 Succede ao ruido o silencio;
 Ao movimento, o torpor.

E logo á porta da entrada
 Um cavalleiro apparece.
 Leonor, tranzida de susto,
 Solta um grito, e desfalece.

Depõe Ramiro na meza
O aureo copo inda cheio,
E fente, apesar de bravo,
O terror varar-lhe o feio!

O recém-vindo, um momento
Junto á porta se detem;
Olha Leonor e Ramiro,
Não repara em mais ninguém.

É azul sua armadura;
Por timbre traz um dragão;
Percebe-se inda no escudo
Que um ramo foi seu brasão.

Traz a viseira calada;
Nem se lhe ouve o respirar!
Passados breves instantes
Avança, mas sem fallar.

Vai direito a Dom Ramiro;
Porém este, com horror,
Cedeu-lhe o logar da meza
Ao pé de Dona Leonor!

Sentou-se o recém-chegado
Exhalando atroz suspiro;
E, sem descalçar o guante,
Ergue a taça de Ramiro.

Com duro gesto apresenta
À dama o rubro licôr;
Ella, recebe-o tremendo,
Bebe, e cospe-o com terror!

O vinho ha pouco era puro...
Que travo agora lhe achou?!
Silencioso o cavalleiro
D'um trago o copo esgotou.

Sem levantar a viseira,
Como o liquido forveu?
Pelas juntas da armadura
Filtra o licôr que bebeu!

Mas que pasmo! o vinho é sangue!
Em negro sangue é tornado!
E cai em jorros ferventes
Pelo chão alcatifado!

Fogem da fala os convivas;
Os noivos querem fugir,
Mas aos pés do recém-vindo
De joelhos vão caír.

— «Perdão, perdão, Dom Rodrigo!
Se és morto, não fou perjura...» —
Fica mudo o cavalleiro,
Porém treme-lhe a armadura.

— «Perdão, perdão, Dom Rodrigo!
Eu fei que fui mau irmão!...
Mas tentaram-me os feus olhos,
E tu morreste... perdão!» —

Mudo sempre o cavalleiro
Dos noivos as mãos tomou;
Para o quarto do noivado
Com elles se encaminhou.

Coifas que ali se paffaram
Quem as podéra contar?!...
Oito dias e oito noites
Ninguem lá oufou entrar!

Por fim, o cura, escoltado
Pelo povo e o fachristão,
Atreveu-se a ir á porta,
Levando o hyssope na mão.

Bate, ninguem lhe responde;
Na caldeira da agua benta
Vezez tres molha a arma fanta,
Mas a porta não rebenta!

O padre não se atrapalha;
Tendo mais fé nos seus braços,
Deu tal murro á fechadura
Que a fez faltar em pedaços.

Mas que affombro! os noivos mortos
Jazem no leito doirado;
E o finistro cavalleiro
Ao pé d'elles affentado!

O cura, pela experiencia
Havida co'a fechadura,
Não quer arriscar de novo
O effeito da benzedura:

Toma d'um canto da casa,
Um formidavel barrote,
Efconjura o cavalleiro,
E atira-lhe um grande bote.

Vôa a armadura em bocados:
Não tinha dentro ninguem!
— «Pois viria por si mesma,
A pé, de Jerufalem?» —

— «Mas quem deu cabo dos noivos?» —
— «E como andava a armadura?» —
— «Quem tornou o vinho em fangue?» —
— «Quem fez tamanha diabrura?» —

O padre, que ouvia o povo
Aventar estas questões,
E que não cria no demo,
Dizia co'os seus botões:

— «Aqui andou maroteira,
Mas quem a fez não fei eu;
Que fosse alma do outro mundo
Creia n'isso algum fandeu.

A dama aqui ha dois mezes
Tinha feito testamento...
Não tendo herdeiros forçados
Deixava tudo ao convento...

Ah!... fim; agora percebo!
Os frades querem herdar...
E estava o caldo entornado
Se ella tornasse a casar.» —

Depois de achar o segredo,
Aos fieis assim fallou:
— «Foi o demonio, meus filhos,
Quem estes christãos matou.

Mas eu, com dois exorcismos
Forcei-o a dar um pinote;
A agua benta faz milagres,
Sendo applicada a barrote.

Agora, orae pelos mortos,
E pensae n'esta lição:
Ninguem falte aos juramentos
Que aos moribundos se dão.

NOTAS

AO

LIVRO PRIMEIRO

Não sou, nem fui nunca, dos seus intimos.

Pag. 21, lin. 2.

Não se julgue por estas palavras que me feria defagradavel a qualificação de amigo intimo do grande poeta. Pelo contrario! confesso que me honraria muito com ella se tivesse tido a ventura de adquiril-a. Mas, apesar de ser notoria a facilidade, e até o contentamento, com que elle abre a todos os que o procuram as portas de sua casa e o seu coração, nunca me permittiram as circumstancias da minha arrevezada vida cultivar mais de perto a amizade de s. ex.^a O que eu quiz significar unicamente nas palavras a que esta nota se refere, foi que não carecia de gozar da intimidade do snr. Antonio Feliciano de Castilho para lhe prestar o sincero e espontaneo tributo da minha admiração e respeito.

(*Seg. ed.*)

Indo-a vender aos mercados brasileiros.

Pag. 30, lin. 7.

Na primeira edição diz-fe: «Indo-a vender aos brasileiros;» e d'isso resultou que um meu amigo, filho do Maranhão, e que estudava em Pariz as sciencias naturaes no tempo em que fe publicou o livro, escrevendo-me uma carta, muito affectuosa e muito amavel, a findasse com a seguinte queixa:

«Porque diz v.: *Indo-a vender aos brasileiros*, e não *aos habitantes do Brazil?*» E, a proposito d'isto, prégou-me um fermão, para provar que tanta culpa tinham os portuguezes como os brasileiros do trafico infame dos pretos e dos brancos. Nunca offendi voluntariamente ninguem; mas posso tel-o feito muitas vezes por erro de entendimento. No caso presente, porém, não me parece que isso acontecessê. A minha intenção não foi ferir com aquellas palavras os meus irmãos d'aquém ou d'além mar: quiz dizer então o que hoje digo mais claramente: «aos mercados do Brazil». Parece-me que o meu amigo C. Cantanhede ficará assim satisfeito, não só com a emenda, que prova a minha boa fé, mas tambem por lhe eu demonstrar que ainda me lembro d'elle.

(*Seg. ed.*)

Resolvi então voltar a Portugal, com a firme vontade de vir para Lisboa estudar, e decidido a morrer na luta, se tanto fosse preciso.

Pag. 46, lin. 6.

Como complemento á noticia que ferve de introdução a este livro deve lêr-se o que diz do auctor o fnr. Lopes de Mendonça nas suas *Memorias de Litteratura Contemporanea*, a pag. 309 e seg.

(Prim. ed.)

Veja-se tambem a *Revista Contemporanea*, tomo 5.º, pag. 455 e seg., bem como na *Gazeta de Portugal* n.º 492, de 13 de julho de 1864, a carta do auctor ao fnr. Francisco Paz, secretario do Retiro Litterario Portuguez no Rio de Janeiro.

(Seg. ed.)

Sáú effa carta a paginas 389 dos EPHEMEROS.

*Ilhas cobertas de flôres
Sobre mim boiando vem.*

Pag. 96, lin. 3.

Pelo rio Amazonas, e por alguns dos seus tributarios, descem grandes massas de capim agigantado, a que no paiz dão o nome de *canarana*, as quaes formam verdadeiras e vistosas ilhas, que vão fluctuando até encontrar uma ponta de terra, um baixo, ou alguma grande arvore que as faça parar.

Acontece muitas vezes trazerem no meio cedros seccos, e outros madeiros enormes, caídos das margens do rio, e que formam, com seus grossos troncos, o nucleo da ilha. Outras vezes vêem-se n'ellas arbutos com dois, tres, e mais metros de altura, arrancados pelas aguas, com as massas da *canarana* e os pedaços do terreno, e que vão navegando mui direitos, e em toda a pompa e esplendor de sua rica vegetação tropical, levando pendentes dos ramos ninhos de formosos passarinhos, que lhes esvoaçam em torno, alegres e indifferentes á mudança, ou talvez que até contentes com a viagem!

Confesso que nunca vi espectáculo tão original e tão gracioso como esses comboios pittorescos das ilhas de *canarana*. A massa de seus ramos, cruzados em todas as direcções, é tão compacta que, ainda mesmo quando não leva arvores seccas enlaçadas, pôde-se andar de pé sobre ella; e muitas vezes as grandes canôas varam-lhe em cima, para dar descanso aos remeiros sem interromper a viagem, e sem necessidade de governo.

Não são só as avesinhas, que ali teem seus ninhos, os unicos habitantes: tambem lá se encontram jacarés, cobras

de varias qualidades e grandezas, garças, e outras aves aquaticas, que parecem achar prazer n'aquellas aventurofas peregrinações.

Algumas d'estas ilhas fluctuantes percorrem centenas de leguas; e é vulgar, logo que se chega proximo ás costas do Pará, enconral-as ainda antes de se avistar a terra; porém ahí, já em muito diminutas proporções, porque as ondas do Oceano as teem desfeito ou dividido.

(*Seg. ed.*)

*Esse, martyr de heroica esperança,
Abraçado da Italia á bandeira,
Não o percas jámais da lembrança;
Vive n'elle a tua luz derradeira.*

Pag. 130, lin. 13.

A poesia *Garibaldi* foi publicada, muito incorrecta, no jornal o *Patriota*, em 1848. Não a tinha presente quando fiz a primeira edição dos *Cantos*, e por isso a peça que então juntei á minha collecção foi mais uma variante do que a copia da composição original. Prefiro-a comtudo áquella por fer um pouco mais correcta, e não se resentir tanto dos vinte e um annos que eu tinha quando a escrevi. Advirta-se porém que a primeira foi uma verdadeira propheta que eu fiz dos successos, que deram em resultado a organisação do novo reino da Italia. Os quatro versos citados no principio d'esta nota mostram que eu tinha ainda o mesmo presentimento dos futuros destinos d'aquelle grande povo quando dei a presente versão. Oxalá que eu

fosse tambem propheta em tudo mais que na mesma peça
se diz ácerca da liberdade de Roma!

(Veja a nota seg.)

(*Seg. ed.*)

Acha-se inteiramente confirmado o vaticinio. Roma é
hoje a capital da Italia!

*Oh! mal haja quem deseje,
Ante a humildade da egreja,
Preferir um reino a Deus!*

Pag. 134, lin. 18.

Estes versos, e os subseqüentes, não devem tomar-se
como offensas feitas ao chefe da egreja. Não é este o logar
para emittir a minha opinião ácerca do poder temporal
do herdeiro de S. Pedro; mas peço aos que me julguem
menos orthodoxo que se lembrem de que toda a poesia
Garibaldi foi escripta ha dez annos, quando a Europa es-
tava em effervescencia, e todos os espiritos mais ou me-
nos exaltados.

(*Prim. ed.*)

Amor e Dever.

Pag. 140, lin. 1.

Foram-me pedidas estas quadrinhas para uma come-
dia de um sujeito, que se dizia meu amigo. Não as teria

perfilhado se me não houvessem mostrado um *album* em que as vi copiadas e assignadas pelo tal, que se deu por seu author.

A farça era innocentissima, e os versos não valiam a pena de ser reivindicados; mas o homem constou-lhe que eu os tinha visto com o seu nome por baixo, e d'ahi em diante nunca mais me tirou o chapéo. Eu continuei a tirar-lhe o meu; mas, para o deixar sem o pezo da obrigação em que me estava, tiro-lhe tambem agora os versos.

(*Seg. ed.*)

Canta por ahi certo gallo de fama, que tambem se lo-cupletou com algumas apáras de versos meus, para atar os poleiros de uma das suas gaiolas litterarias. Hoje não tenho pachorra para o depennar; mas se este livro tiver 4.^a edição, não me escapa.

É claro que não me refiro ao sujeito de quem já tratei a pag. 401 dos EPHEMEROS. Graças a Deus, não me teem faltado d'estes vulgarifadores!

Teus filhos! e preparam-te a mortalha!

Pag. 191, lin. 9.

Ha dezefeis annos que escrevi estes versos. Tinha lido na *Revolução de Setembro* uma poesia do meu bom amigo Palmeirim á *Liberdade*; eu não conhecia ainda pessoalmente o popularissimo poeta, mas escrevi uns versos com o mesmo titulo, dedicando-lh'os. Elle foi procurar-me, e fez-me ver que a minha composição carecia de ser muito

emendada para poder publicar-se. Aceitei com muito reconhecimento os seus conselhos e a sua amizade, porém, em vez de emendar os versos, fiz outros que nunca lhe mostrei.

Não sei se os segundos me saíram melhores do que os primeiros; mas pareceram-me violentos, e guardei-os.

Eu tinha então a feliz idade de vinte e um annos, e era o mais temeroso revolucionario que jámais se manifestou ao mundo em versos detestaveis. O estado politico da Europa era n'essa occasião dos mais azados para me conservar a afinação.

Apesar d'isso, protesto solemnemente que nunca nenhum sentimento d'odio, ou de vingança pessoal, me moveu a penna contra quem quer que fosse. Entusiiasmava-me pela liberdade, porque a tinha visto nascer quasi ao mesmo tempo que eu, e considerava-a uma especie de irmã mais nova. Era pois natural que pretendesse defendel-a; e ainda hoje o faria, apesar de invalido, porque com a idade e com a doença não me tem esfriado os affectos. Mas com os meus enthusiasmos dava por paus e por pedras, querendo correr quando os mais andavam a passo, e querendo voar quando elles corriam. Assim mesmo tive bastante bom senso para não publicar muitos dos versos que n'esse tempo escrevi, e que depois queimei.

Os que hoje se publicam são dos poucos que escaparam do auto de fé. Não saíram na primeira edição dos *Cantos* porque não estavam emendados, e parecia-me ainda cedo para os publicar. Hoje... quem é que me pôde accusar por alguma severidade que n'elles encontre? Os partidos fundiram-se; já não ha gregos nem trojanos; mas, ainda que não fôra assim, que importancia podiam ter agora estes desabafos d'um rapaz de vinte e um annos contra os que elle considerava então inimigos seus e da li-

berdade? *Pax* aos mortos e aos vivos, e tambem para os meus versos!

Ao excellente amigo a quem os dediquei, peço que os accite como recordação e testemunho da immorredoura amizade que desde então lhe confagro.

(*Seg. ed.*)

*Foi a igreja estrebaria;
Manjadoiras os altares.*

Pag. 200, lin. 9.

Em 1850 fui, pela primeira vez, a Santarem, em companhia do meu velho amigo Rebello da Silva. A nossa viagem foi uma peregrinação piedosa por entre as ruinas dos monumentos religiosos d'aquella notavel villa. Viemos contristados, e repetindo como o grande poeta nas *Via-gens na minha terra*: «Em Portugal não ha religião de nenhuma especie. Até a sua falsa sombra, que é a hypocrisia, desappareceu. Ficou o materialismo estúpido, alvar, ignorante, devasso, e desfaçado, a fazer gala de sua hedionda nudez cynica no meio das ruinas profanadas de tudo o que elevava o espirito.»

No meio da horrivel devastação que presencéamos nada nos impressionou tanto como ver o bello templo de S. Francisco convertido em quartel de soldados, e em cavallariças! As duas naves da igreja estavam cheias de manjadoiras! Todas as sepulturas que havia mettidas nas paredes tinham sido arrombadas, e os ossos dos que alli jazeram andavam espalhados por todo o cruzeiro, debaixo dos pés dos cavallos e dos soldados!

Rebello da Silva e eu pensavamos, antes de entrar alli, que Garrett teria exaggerado no que sobre tal assumpto escreveu nas *Viagens*; mas, depois que vimos tão horrorosas profanações, achámos que elle não tinha dito bastante.

Sáimos compungidos, e envergonhados de que n'um paiz, que se diz civilizado, se déssem tão tristes espectaculos de falta de respeito pelos mortos, e pela religião de Christo.

A geração que assim espalhava ao vento da impiedade as cinzas de seus paes, abusou da liberdade para commetter estes attentados. A liberdade, da qual Jesu Christo foi o verdadeiro e unico fundador, não é a impiedade. Quando os barbaros d'Alarico saquearam Roma, prohibiu-lhes o chefe que tocassem nos logares santos; aqui, soldados christãos e liberaes, na sua propria terra, que acabavam de libertar, procederam como os assyrios em Jerusaleml E d'estes poderia com maior razão dizer o psalmista: «Meu Deus, vieram os barbaros ás tuas herdades, pulluiram o teu santo templo, pozeram Jerusaleml como um grannel de fructos.»

Fugimos de Santarem, como de lá tinha fugido por iguaes motivos o author das *Viagens na minha terra*, e viemos clamando como elle: «Eheu, eheu, Portugal!»

(*Seg. ed.*)

Verfos recitados no theatro de D. Maria II em as noites de 22 e 25 de maio de 1851.

Pag. 202, lin. 1.

Estes verfos, e muitos outros que com elles correm impressos em um folheto, foram recitados n'essas noites de memoravel enthusiasmo, em presença do snr. duque de Saldanha, que tinha assumido a ditadura, e nomeado o primeiro ministerio da regeneração. Foram improvisados todos no proprio momento em que o publico chamava por qualquer dos actores para cantar o hymno ou recitar poeias.

Já lá vão perto de quinze annos: a regeneração, dizem-me que se fundiu, ou que mudou de nome; os que n'aquelle tempo eram figadaes inimigos dos regeneradores creio que tambem, pela maior parte, se regeneraram já: *Altro tempo, altro pensiero.*

Parece-me, pois, que não haverá motivos para que alguem se desgoste de ver agora os *restos do naufragio* das ovações de 1851. Não julgo estas mesquinhas composições capazes de acordar paixões, que se me afiguram adormecidas para sempre; aliás não as publicava.

Eu não sei se fui regenerador: sei que sympathizava com as idéas de alguns dos homens notaveis que se collocaram n'essa occasião á frente dos negocios publicos, e que fui injuriado por causa d'isso, e por causa d'estes mesmos verfos que agora publico! Chamaram-me poeta aulico, e não sei que mais coisas feias!

Nunca me justifiquei. Mas agora direi ao leitor benevolo, que se me *enthusiasmei* no theatro foi *por conta dos actores*, e gratuitamente. Nem sequer conhecia o snr.

Rebello da Silva e eu penfavamos, antes de entrar alli, que Garrett teria exaggerado no que fobre tal affumpto efcrevêra nas *Viagens*; mas, depois que vimos tão horrorosas profanações, achámos que elle não tinha dito baf-tante.

Sáimos compungidos, e envergonhados de que n'um paiz, que fe diz civilifado, fe déffem tão triftes efpectaculos de falta de respeito pelos mortos, e pela religião de Chrifto.

A geração que affim efpalhava ao vento da impiedade as cinzas de feus paes, abufou da liberdade para commetter eftes attentados. A liberdade, da qual Jefu Chrifto foi o verdadeiro e unico fundador, não é a impiedade. Quando os barbaros d'Alarico faquearam Roma, prohibiu-lhes o chefe que tocaffem nos logares santos; aqui, foldados chriftãos e liberaes, na fua propria terra, que acabavam de libertar, procederam como os affyrios em Jerufalem! E d'eftes poderia com maior razão dizer o pfalmifta: «Meu Deus, vieram os barbaros ás tuas herdades, pulluiram o teu fanto templo, pozeram Jerufalem como um grannel de fructos.»

Fugimos de Santarem, como de lá tinha fugido por iguaes motivos o author das *Viagens na minha terra*, e viemos clamando como elle: «Eheu, eheu, Portugal!»

(Seg. ed.)

Verfos recitados no theatro de D. Maria II em as noites de 22 e 25 de maio de 1851.

Pag. 202, lin. 1.

Estes versos, e muitos outros que com elles correm impressos em um folheto, foram recitados n'essas noites de memoravel enthusiasmo, em presença do snr. duque de Saldanha, que tinha assumido a ditadura, e nomeado o primeiro ministerio da regeneração. Foram improvisados todos no proprio momento em que o publico chamava por qualquer dos actores para cantar o hymno ou recitar poefias.

Já lá vão perto de quinze annos: a regeneração, dizem-me que se fundiu, ou que mudou de nome; os que n'aquelle tempo eram figadaes inimigos dos regeneradores creio que tambem, pela maior parte, se regeneraram já: *Altro tempo, altro pensiero.*

Parece-me, pois, que não haverá motivos para que alguem se desgoste de ver agora os *restos do naufragio* das ovações de 1851. Não julgo estas mesquinhas composições capazes de acordar paixões, que se me afiguram adormecidas para sempre; aliás não as publicava.

Eu não fei se fui regenerador: fei que sympathifava com as idéas de alguns dos homens notaveis que se collocaram n'essa occasião á frente dos negocios publicos, e que fui injuriado por causa d'isso, e por causa d'estes mesmos versos que agora publico! Chamaram-me poeta au-lico, e não fei que mais coisas feias!

Nunca me justifiquei. Mas agora direi ao leitor benevolu, que se me *enthusiasmei* no theatro foi *por conta dos actores*, e gratuitamente. Nem sequer conhecia o snr.

duque de Saldanha, nem procurei nunca a honra de o conhecer pessoalmente, comquanto as relações de um homem tão illustre devam lifongear a todos os que tenham a fortuna de alcançal-as. O *meu fórte*, porém, nunca foi fazer-me cortezão de ministros.

As poesias que fiz n'effas duas noites saíram depois impressas em um livrinho, mas sem o nome do author. Tão palaciano fui que até supprimi o meu nome na publicação. Já é ser cortezão! Mas os que me arranjam o epitheto bem sabiam que me calumniavam: tinham medo de que eu me fosse atravessar no seu caminho, impedindo-os de fubir ás alturas em que hoje se acham a cavallo no orçamento!

(Seg. ed.)

Aos Campeões da Rosa branca.

Pag. 211, lin. 1.

Em dezembro de 1849 appareceu no *Periodico dos Pobres do Porto* uma poesia, assignada por uma senhora, á *rosa encarnada*. Em seguida vieram ao mesmo jornal dois poetas, cantando a *rosa branca*, e proclamando-a superior á outra. A dama da *rosa encarnada* voltou ao campo, declarando aos seus contrarios que depunha a lyra por não poder sustentar a luta. Os dois cantaram a victoria, mas a mim (que tinha então 22 annos) ferveu-me o fangue, e entendi que me não salvaria se não saísse a terceiro em defeza dos opprimidos!

Mandei, pois, para o *Periodico dos Pobres* a composição a que se refere esta nota, e as mais que se lhe seguem

até pag. 206. Ignorando se os nomes dos poetas portue-
ses eram verdadeiros, ou se os encobria o pseudonymo,
affigei-me *Grão Magriço*.

Os cantores da *rosa branca* não gostaram de que eu
me metteffe nas suas contendas, e responderam-me com
azedume; repliquei-lhes tambem asperamente, e a questão
chegou ao ponto de eu tirar passaporte para ir ao Porto
faldar as contas com elles. Devo ao meu fallecido amigo
e mestre Garrett o haver-me livrado d'esta ridicula questão,
com o tremendo sermão que me prégoou ao fazer a minha
resolução.

Felizmente ainda não havia caminhos de ferro, nem
se dava um passo n'este paiz sem o auxilio d'um passa-
porte; aliás quem sabe se veriamos renovadas em Portu-
gal as guerras de York e Lancaestre, que por iguaes moti-
vos affolaram a Inglaterra!

Faço estas confissões como verdadeiros actos de peni-
tencia, e declaro solemnemente que nunca procurei fazer
se a dama da *rosa encarnada* era um mytho, ou se real-
mente existiu a ex.^{ma} fnr.^a D. Anna de Sá. Para prova
da minha sinceridade declaro-me author dos versos que
provocaram, ainda que innocentemente, tamanhas iras.
Entrei de boa fé na lucta, movido unicamente pelos fen-
timentos de generosidade que ha no coração de todos os
rapazes, e sem desejos nem suspeitas de adquirir inimi-
gos.

Se alguém se julgou offendido, e me ficou querendo
mal, aqui lhe peço que me perdôe, protestando todavia
que a minha predilecção é ainda pela *rosa encarnada*.

Eu não fui o unico a tomar a sua defeza. Depois de
mim, alguns poetas de Lisboa publicaram nos jornaes do
Porto poesias contra a *rosa branca*; e, seguindo o meu
exemplo, os partidarios da fnr.^a D. Anna de Sá escolhiam

os nomes, com que se assignavam os seus versos, entre os doze de Inglaterra.

Aqui vão os versos em que a dama da minha rofa me concedia licença para entrar na liça, e que foram publicados no mesmo jornal:

(*Seg. ed.*)

« AO CAVALLEIRO DA ROSA ENCARNADA

Bemvindo fejas, guerreiro;
 Apraz-me vossa chegada:
 Trazeis luzida armadura,
 E lyra bem afinada.
 Por certo que a minha rofa
 Não póde fer desfolhada.

Quando ía despenhar-se
 Impellida do tufão,
 E sepultar-se talvez
 No feio da escuridão,
 Vê luzir a tua lança,
 Denodado campeão!

Parte, fim, ó cavalleiro;
 Vae na liça pelejar;
 És bravo, e é justa a palma
 Que pretendes disputar;
 Vae seguro da victoria
 Que te não póde falhar.

Como devem fer airofas
 Vossas lides, trovador,
 Que tambem nos teus contrarios

Achas brio e pundonor!
Mas a rosa que te inflamma
Te fará ser vencedor.

Não me affustará o ver-te
N'uma luta defigual;
Vaes defafrontar a rosa
Que não póde ter rival;
E esta devida empreza
Não te póde ser fatal.

Parte, fim, ó cavalleiro,
Vae-te de loiros coroar;
Lá te aguardam já no campo
Dois cavalleiros a par.
Oh! não possam suas lanças
A tua lança quebrar!...

Guimarães, 20 de janeiro
de 1849.

D. Anna de Sá.

NOTAS

AO

LIVRO SEGUNDO

A João de Lemos.

Pag. 248, lin. 1.

A *Advertencia* do segundo volume do *Cancioneiro* de João de Lemos, fecha com estas palavras:

«No fim d'este volume vão uns versos com que directamente, ha alguns annos, me honrou o meu amigo F. Gomes de Amorim, e a paraphrase que se dignou fazer a outros meus.

A resposta que dou aos primeiros, e o terem sido paraphraseados os segundos, são circumstancias que exigiam isto; mas, se quizerem lançar-m'o á conta de vaidade, lancem, que não me escandaliso nada. Porque não hei de estimar as distincções de um bello talento, e a amizade d'um bello caracter?

Os que não entenderem estas coizas, que passsem adiante, não leiam nem um nem outro.»

É possível que alguns criticos, d'esses que não perdoam

nem aos mais nobres sentimentos, porque Deus lh'os negou a elles, me accusem de immodesto por ter posto aqui estas linhas. Paciencia! João de Lemos é um dos primeiros poetas portuguezes, e um dos primeiros amigos que eu tive em Portugal. Apesar de nos separarem diferentes opiniões politicas, o affecto trouxe-nos sempre de tal modo unidos os corações, que não creio que haja causa nenhuma, de homens ou de coisas, que possa jámais desligal-os. Uma das grandes necessidades d'este mundo é fazer-se a gente respeitar a si e aos outros, e saber que o respeito não só não exclue, mas estreita ainda mais os laços da amizade. O meu poeta e eu temos a fortuna de saber isto, e amâmo-nos como irmãos. Por isso não só me não arreceio da accusação de vaidoso, que me possa fazer a inveja, ao ler n'esta nota as frases com que elle me honrou, mas levo a minha audacia até ao ponto de declarar que me vanglorio por havel-as inspirado, bem como os versos que se seguem em resposta aos meus:

(*Seg. ed.*)

« A F. G. DE AMORIM

Que nobre modestia, amigo!
 Mas fazes, nos versos teus,
 A inveja vir ter comigo,
 E arrepender-me dos meus.
 Porque me gabas o estro,
 Se tu te mostras tão destro,
 Na lyra que tens na mão?
 Porque fallas só de prantos,
 Quando a voz fai nos teus cantos
 Tão cheia de inspiração?

E vindo assim generoso
O teu nome ao meu juntar,
Receaste que orgulhoso
Não me deixasse c'roar?!
Orgulhoso?! Esse receio,
Não sei se diga... não creio,
Mas qual dos dois fôra mais?
Eu se engeitasse thesoiros,
Ou tu ceifando-me loiros
Só na tua mão triumphaes?

Orgulho, tenho-o, confesso,
Mas da c'roa que me dás,
Que a nobreza que eu professo,
D'essas, da gloria, é que as faz.
Nem nunca a boa nobreza
Creu que dêsse a natureza
Ao sangue mais que uma côr;
A diff'rença só a havia,
Se pela patria corria
Mais quente, com mais valor.

Esta sim, e esta é nobre,
Esta eleva os corações,
Pois, como tu, rica ou pobre,
Faz das virtudes brasões;
Por isso, d'ella aprendido
Tenho, ao menos, que é devido
O tributo ao teu brasão;
Sei, ao menos, respeit-o,
Sei, ao menos, invejal-o,
E honrar-me em ser teu irmão.

Oh! fomos irmãos; e as almas
D'ambos, feitas para amar,
N'uma palma duas palmas
Podem á patria votar;
Podem, podem, que se agora
Já não é, como era outr'ora,
Em todos uma só fé,
Qual sou, na tua és sincero,
E queres, tambem qual quero,
Ver a patria erguida em pé.

Irmãos, pois; e n'essa crença
Com que eu sou e és portuguez,
Inda que haja diff'rença,
Não ha toda a que tu vês.
Tu amas a liberdade?
E quem amal-a não ha-de?
E quando é que eu não a amei?
A diff'rença que encontraste,
Vem d'onde tu a estudaste,
E vem d'onde eu a estudei.

Tu foste estudal-a ás vagas
Cuspindo escumas ao céo,
Foste da America ás plagas,
Á terra que hontem nasceu;
Viste lá seus rios bravos,
E, sem aprender de escravos,
Aprendeste a livre ser;
Do que vias ou não vias,
Tomaste odio ás tyrannias,
Juraste odio ao seu poder.

Eu foi cá, eu estudei-a
Na historia do meu paiz,
Par'ceu-me bella e amei-a,
Par'ceu-me grande e feliz;
Grande sem ser sobranceira,
Modesta mas verdadeira,
A mão firme, a voz leal,
Piedosa, honrada, valente,
Ao rei e povo igualmente,
Dando o seu a cada qual.

Vi-a no Douro e Mondego,
Vi-a do Tejo abrir mar,
Vi-a em Coimbra e Lamego,
Vi-a o mundo rodear;
Vi-a andar lá onde andáras,
Nas florestas que passáras,
Levando por dentro a luz,
E n'essas vastas paragens
Fazer homens de selvagens,
Pondo-os em roda da Cruz.

E como lhe vira ao lado
Tanto o povo como o rei,
Cuidei que d'ambos foldado
Era foldado de lei;
D'aqui foi que sempre unidos,
Sempre n'alma confundidos,
Lhes dei affectos iguaes,
E se em tempos gloriosos
Os amaria ditosos,
Na desgraça ainda mais.

Com este amor e verdade
É que eu me criei por cá;
Amo esta liberdade,
Como tu essa de lá;
Ambos, pois, livres votâmos
Livre patria, só não vamos
Buscar o mesmo padrão.
Tu, nos vãos mais ousado,
Vais a um clima apartado,
Eu vou á propria nação.

Tu, porque viste tão bella
A liberdade, como é,
Julgaste-a joven, e d'ella
Te namoras n'essa fé;
Eu não; tambem namorado,
Tambem d'ella enthusiasnado,
Julgo que ha muito nasceu;
E o que a ella mais me prende,
É ver que a idade a não rende
E que joven te par'ceu.

Do poder, tambem contigo
Meus juizos são os teus,
Mas povo ou rei, meu amigo,
Em todos é só de Deus.
No Seu poder é que eu creio.
O do povo d'Elle veiu,
Como o do rei d'Elle vem;
Sempre, sempre, é todo d'Elle,
E se O vês tu só n'aquelle
Eu vejo-O n'este tambem.

Mas haja ou não monarchia,
Faz isso livres nações ?
Penças tu que a tyrannia
Vem só d'altas regiões ?
Oh ! Ás vezes de bem fundo
Tem-n'a visto erguer o mundo,
Quebrando os degraus que fez,
E depois, com seus mil braços,
Fazer um povo em pedaços,
Cuspil-o, calcal-o aos pés !

Não quero, nem tu, nenhuma,
Mas se entre ambas afinal
Tivesse de escolher uma,
A de cima é menor mal.
No alto o ar é mais puro,
Se o não respiro seguro,
Respiro-o com menos pó ;
Escolho só entre damnos,
Mas em vez de cem tyrannos
Prefiro então ter um só.

Não, mas não, não veja a terra,
Que a ambos nos deu o ser,
De tyrannias em guerra
Ter cá ninguém que escolher ;
Se nem tu nem eu sabemos
Ler no futuro, podemos
Pedil-o de paz a Deus,
E se ambos já nos amâmos,
Que inda irmãos *todos* fejamos
Debaixo dos mesmos ceus.

Então, então, fe eu o vira,
 Ajoelhado ante o Senhor,
 Das que dás á minha lyra
 Tirára a mais bella flor,
 E do feito por memoria,
 E por pagina de historia,
 N'essa flor immortal
 Déra o mais que dar podia,
 Déra a gloria, e gravaria:
 « A ti, ó meu Portugal! »

João de Lemos — Cancioneiro, tom. 2.º,
 pag. 180 e seg.

(Veja a ultima nota, a pag. 418.)

Um poeta, um rei, um Deus! . . .

Pag. 267, lin. 24.

Se estes versos, e muitos outros que por meus peccados escrevi (e que por minha grande fraqueza não quei-me) tivessem sido feitos com aquella fé que *abala montanhas*, eu teria adquirido indisputavel direito a que, mais cedo ou mais tarde, me hospedassem em Rilhafolles! Mas declaro, para descargo de consciencia, tranquillidade do leitor sensivel, e *desapontamento* dos criticos, que não tomo a responsabilidade d'estes, nem d'outros que taes disparates que por infelicidade minha tenha feito. E não só os defampero, mas tenho ainda a crueldade de juntar do-

cumentos para se lhes instaurar o processo, se alguém entender que isso vale a pena.

Foi inspirada esta composição por um sentimento que não tem nada de censuravel... o sentimento de ganhar dinheiro honestamente. É certo que ha por esse mundo abundancia de mulheres de marmore, e até de pedra lioz; mas eu não tinha que me queixar de nenhuns desdens, quando escrevi esta poesia; são falsos despeitos de falso namorado os que transparecem n'ella. E comtudo a *mullher de marmore* que me obrigou a escrevel-a não era de todo em todo um mytho, era... o editor d'um jornal! Todo o palavreado chocho, mettido n'esses versos, está denunciando o aborrecimento com que o pobre poeta satisfazia a obrigação de encher duas columnas compactas d'um jornal de quarto grande!

Podem perguntar-me porque depois os não queimei. E não se arriscaria quem me atirasse a primeira pedra? Serei eu só o peccador? Não succederá aos criticos o que Cicero dizia dos augures, que se não podiam encontrar dois sem se rirem um para o outro?... Eu tenho, porém, uma razão melhor de não ter queimado estes e outros versos. É que, se a gente fôr a destruir todas as coisas que fez em rapaz, chega á idade madura sem ter uma só recordação, uma só memoria dos tempos mais felizes da vida! Para os que, como eu, vivem muito do passado, tudo quanto o recorda, por mais futil e insignificante que seja, tem sempre um certo valor.

Repito, porém, que podem os criticos, se lhes aprouver, tomar esta poesia e espatifal-a a seu talante. Não sustento nenhuma das absurdas qualificações que n'ella tomei, e terei grande satisfação em as ver devorar por esses abutres litterarios. Mas affeguro-lhes que, se as não engolirem, os

versos continuarão a faír como estão para as futuras edições, se porventura este livro as tiver.

(Seg. ed.)

A paginas 43 de *La Litteratura Portuguesa en il figlo XIX, estudio literario*, por D. Antonio Romero Ortiz, lê-se o seguinte: — «... hay todavía otros literatos portugueses que le exceden (a José Agostinho de Macedo) en presuncion. Tenemos sobre la mesa una poesia de Gomes de Amorim, la *Mujer de mármol*, que justifica con exceso nuestro aserto.» —

Cita uma estrophe, errando alguns versos, e diz depois n'uma nota: — «... És cierto que el autor defaprueba en una nota los versos que arriba copiamos, pero no por eso deja de reproducirlos en la segunda edicion de sus obras.» —

Que pensará o illustre critico, se por ventura tiver noticia de que, apezar do seu reparo, não retirei os versos da terceira edição do meu livro? Provavelmente, que sou um homem endurecido no erro, pertinaz na vaidade, inimigo figadal da modestia?! Paciencia. Nem por isso deixarei de confessar-me agradecido ao favor com que me trata, a paginas 381 do seu referido *Estudo*. E persuado-me que S. Ex.^a teria sido menos severo com a *minha immodestia*, se tivesse lido com mais attenção a minha nota ácerca da *Mulher de marmore*. Sei que sou mediocre poeta, e o ultimo dos profadores portuguezes; e por isso talvez ignorava que se póde taxar um homem de vaidoso, no momento mesmo em que elle dá tão infuspeitos testemunhos da sua modestia!...

Chamei-te um dia coquette.

Pag. 276, lin. 2.

«A palavra *coquette* não é portugueza. Mas não ha remedio senão acceital-a e dar-lhe carta de naturalificação desde que a coisa se aforou tanto entre nós.»

Esta nota escreveu-a o visconde de Almeida Garrett, a pag. 278 das *Folhas Cahidas*, e eu transcrevo-a para me justificar de ter usado tambem da palavra franceza.

(Seg. ed.)

Dever.

Pag. 296, lin. 1.

Estes versos, e alguns outros que vão n'este volume, são d'aquelles a que se referiu o meu immortal mestre, quando disse, no prologo das *Fabulas e Folhas Cahidas*, a pag. xv, edição de 1853:

«Falla d'amor o poeta... Sim, falla; e ha Délias, e ha Lílias, e ha flores e ha estréllas, e ha bejos e ha suspiros, e ha todo esse estado maior e menor d'um exército de paixões que fai a conquistar o mundo no principio da vida de um rapaz cheio de alma, de fogo, de exuberante energia e vehemencia de sangue. Mas esse exército é todo de parada, fórma bem na revista — em travando peleja séria, ha de fugir, porque é boçal e não o anima nenhum senti-

mento verdadeiro e tenaz. Vê-se o poeta atravez do amante: falso amor, e falsa poesia!»

Nenhum homem de boa fé deixará de rir-se, quando chegar á idade madura, da facilidade com que aos vinte annos inventava paixões.

Que admira, pois, que isso aconteça ao poeta, ente predestinado para cantar o amor, e que nasce balbuciando-o, morrendo as mais das vezes sem conhecê-lo, apesar de ter passado a vida a levantar-lhe altares! Eu por mim confesso que me poderia rir tambem, se não fosse mais para me lastimar pelo tempo que perdi cultivando com tão pafmosa fecundidade um genero tão falso.

Vê-se bem por esta e por outras amostras (que poupei para memoria e esgarmento de semelhantes fragilidades) quão facilmente nos deixâmos seduzir no primeiro verdor dos annos por estes ouropéis, em vez de aproveitarmos mais utilmente a imaginação e o vigor do espirito. Mas não ha ninguem que não pague este tributo. As vagas aspirações da alma juvenil são um pretexto para os primeiros hymnos que o poeta balbucia; as Délias ou as Julias brotam espontaneas d'uma folha de papel almasso! Felizes tempos! e felizes amores tambem, que não dão outros incommodos e cuidados senão os de achar a rima!

Estes versos foram escriptos para ajudar a encher um *folhetim* da *Revolução de Setembro*, quando esse trabalho estava a cargo de Bulhão Pato; e eis aqui a carta que os acompanhou, mas que por falta de espaço se não publicou com elles. Publica-se agora como curiosidade litteraria, e como amostra do *puro sublime* dos rapazes de então!

«A RAYMUNDO DE BULHÃO PATO

Remettendo-lhe a poesia — «Dever»

Meu amigo: Pedes-me que te mande aquelles versos que lemos na Ajuda para os publicares em um dos teus *folhetins*. Não sabes que são elles flôres de amargo fruto, que não nasceram para ver a luz, e que mais lhes conviria ficarem sempre ignorados do que expol-os ao riso mofador de leitores que os não entendam? Quem podia entendel-os não existe já, ou não existiu nunca senão na minha fantasia. Para que é pois *inventar* uma historia que os explique? Eu fei o muito que póde a tua bella e florída imaginação, os milagres de que é capaz o teu engenho; mas olha que pretender decifral-os será tentar o impossivel! Queres interrogar a Sphinge? Seja. Como não ha aqui nenhuma Jocasta para desposar, ahí t'os mando com o que d'elles fei:

Eu sonhava. Parece-me que era em Cintra. . . Apareceu-me um rosto pallido, uns olhos que não eram bem pretos, mas que brilhavam como lumes vivos debaixo de palpebras affetinadas. Cabellos negros e longos caíam sobre os hombros da visão. Eu estava triste, como me acontece ficar sempre que vejo fumir-se o sol nas aguas do Oceano. Fitei longo tempo a vista n'aquelle rosto e n'aquelles olhos, que dos meus se não despregavam tambem senão para volver de novo a ver se os eu deixava! O sonho foi longo. Passava-me o tempo sem eu ter consciencia d'isso, porque o encanto era cada vez mais fórte. Os nossos olhos, de tão prezos e confundidos que estavam em seus olhares, não podiam já separar-se. A melancolia d'ella era cada vez mais terna, e eu sentia em mim maior

tristeza. Sempre fonhando, murmurei uma palavra, palavra com que Deus regenerou a humanidade e que a lingua vulgar dos homens tornou banal, porém que a alma, por ser também divina, repete ás vezes restituindo-lhe toda a melodia que tinha no ceu: Amor! — « Amor! fim, amor! » — clamou ella de modo que me ia despertando com o espanto de a ouvir fallar: — « Amor! — voltou a repetir — O amor é o sonho da minha alma... » — Calou-se com receio de haver dito muito, e eu escutava ainda, não me satisfazendo com tão pouco.

A vibração das folhas, sacudidas pelo vento da noite, espalhava em torno de nós sons harmoniosos como devem ser os dos céros celestes. O astro das faudades, suspenso em meio do firmamento, parecia ter para lo para escutar o cantico mysterioso de nossos corações. Os jasmims, as rosas, e as madrefilvas derramavam no ar tépido ondas de fragancias, que pareciam confundir-se com a essencia das nossas almas. As vagas do Oceano, em vez de baterem ao longe nas rochas com a furia usual, arrastavam-se mansamente sobre os areiaes com tristissima e sonora monotonia. O ceu, a terra, e o mar escutavam o que *ella* me dizia, sentindo o encanto das suas palavras e a fascinação da sua presença.

Eu não sei quanto tempo lhe fallei, nem que palavras lhe disse; mas vi que os seus olhos se tinham humedecido, e sentia-os derramar sua dôce languidez dentro do meu coração. Os seus labios agitaram-se de novo, e a dôce harmonia d'estas palavras caiu nos meus ouvidos: — « Comtigo, no mar ou na terra, a vida será o paraizo; quero-te mais do que á existencia, mais do que á minha alma, tanto como a Deus, e, se achas pouco, mais do que a Deus! Perde-me, se queres; irei onde tu fôres, maldito ou abençoado; pouco importa o ceu ou o inferno, sendo comigo

o teu amor! Queres que me ajoelhe, que ore, que me humilhe diante do sol ou das estrellas? que me roje, beijando a terra que tu pisas? que rasgue o meu corpo nos espinhos da ferra, fazendo penitencia por te não ter adorado ha mais tempo? Queres que blasfeme? Tudo farei por ti! Tudo! tudo! tudo! Mas dize-me que me queres, que é meu o teu amor... uma palavra, uma só palavra, e ferei tua escrava para sempre!» —

Era o delirio da loucura sublime que me visitava em sonhos! Estava escripto que eu não teria de acordar senão para sentir o que nunca tinha imaginado: como se vive sem amar depois de ter amado tanto!

Quando ella ceffou de fallar, abriu-me os braços, e eu corri para me precipitar n'elles. Repentinamente uma voz implacavel, severa, terrivel como o destino, alteou um grito em meus ouvidos: — «Dever!» —

Acordei. Tinha escripto effes versos, e contemplava, com o pasmo do selvagem que se vê pela primeira vez n'um espelho, o retrato da Olympia de Lord Byron.

Agora faze um romance d'este sonho, visto que tens talentos para tudo, e lança ao meio das turbas mofadoras os desvarios da minha alma.

Teu do coração,

G. DE A.»

(Seg. ed.)

..... *E quem sabe*
Se as musas, que lhes déram o seu nome,

Pag. 308, lin. 17.

Foram os botannicos que déram á bananeira o nome de Mufa, medico de Augusto; mas conveyeu aqui ao auctor dizer o contrario. Se o leitor não ficar contente, dêmos o dito por não dito.

Viverás mais que os ricos;.....

Pag. 314, lin. 3.

Eu não acreditei n'unca em vaticinios, e muito menos quando elles são, como este, annunciados pela voz d'uma floresta. Foi de certo para me lifongear que a felva, ao entregar-me a lyra, me fez tão audaciofa propheta; porque só Deus sabe o tempo que tem de viver cada individuo. A verdade é que aos dezoito annos pensa a gente que só depende de si o fazer-se immortal com meia duzia de versos! Hoje, rio-me dos enthusiasmos d'esse tempo em que aspirava á gloria, e vivo em profa chata, aspirando unicamente a que ninguem se lembre de mim... para me incommodar!

Paraphrase d'outra do snr. João de Lemos.

Pag. 340, lin. 2.

Por occasião da fentida morte de S. M. a Senhora D. Maria II, o partido realista, abaixando immediatamente as armas, veiu ajoelhar comnosco fobre a sepultura da augusta princeza. O jornal que representa aquelle partido cobriu-se de luto, como os nossos; e o seu artigo á morte da rainha foi um dos mais nobres, mais eloquentes, e mais fentidos que podia inspirar á penna d'um grande poeta o coração d'um generoso inimigo. O snr. João de Lemos, querido de quantos o conhecem, como poeta e como homem, publicou então uma poesia — *O Funeral e a Pomba* — que eu paraphrasei como se vê na pagina citada. Toda a gente conhece o original e a paraphrase, porque foram raros os jornaes que as não publicaram ambas; mas peço licença ao meu amigo e poeta para novamente transcrever aqui os seus bellos versos, em beneficio dos meus leitores:

«O FUNERAL E A POMBA

I

Que vai além nos arraiaes contrarios?
De espaço a espaço a artilharia trôa,
Mas não vomita na golfada ignifera
Rabidas balas!

A fentinella, perpassando, mostra
De cano á terra o arcabuz ocioso;
Ao meio d'hafe a bicolor bandeira
Lugubre desce!

Que vai além nos arraiaes contrarios?
 Saudoso dobre de plangentes finos,
 Cafado ao rufo de tambores roucos,
 Ouve-se ao longe!

Lá vem... lá vem... um sahimento! Os crepes
 Rojam por terra! O silencio é fundo,
 E na fileira exequial as tochas
 Tremulas fulgem!

Que dôr é essa nos arraiaes contrarios?
 Com toda a tropa desf dobrada em alas
 Que perda choram, esmerando afflicto
 Funebres pompas?!

Vão no cortejo os generaes, vai tudo,
 Seus estandartes pelo chão se prostram
 Sob a passagem do ataude, e gemem
 Musicas tristes!

Que perda choram os arraiaes contrarios?
 Dir-se-ha que a morte lhe arrancou sinistra
 Da crença ao livro, n'um augusto nome,
 Symbolo charo!

É certo... é certo... que distincto agora,
 Por entre o escuro dos calados vultos,
 Aureo diadema despediu aos olhos
 Rapido brilho!

II

Soldados, que ha vinte annos
Com esforços sobre humanos
Batalhais por vossa fé,
Soldados, eia, de pé!
Respeitem-fe aquellas magoas,
E do nosso pranto as agoas
Lavem d'odio o coração;
Não ha odios d'este lado,
Nem fe deshonra um soldado,
Quando abraça seu irmão.

Ponham-fe treguas á guerra,
E ninguem manche esta terra
Ao pé da funérea luz;
Soldados, olhae a Cruz!
Demos pranto a quem prantêa,
Demos dôr á dôr alheia,
Nos dois campos lucto igual!
Nenhum, nenhum fe envilece,
Unidos na mesma prece,
Junto á loisa sepulchral.

Solemne melancholia,
Seja n'hora da agonia
Nosso tributo cortez;
Que o tomem, que é portuguez!
Portuguez d'aquelles peitos,
Por tantos annos affeitos

Na lealdade a soffrer;
 Portuguez, que vem das eras,
 D'aquellas crenças sinceras
D'antes quebrar que torcer.

Que o tomem; e nós, foldados,
 Ao vel-os tão confternados,
 Respeitemos-lhe a fua fé;
 Amigos, eia, de pé!
 Era o feu chefe, e bandeira,
 Diziam-n'a companheira
 De infortunio e proscripção;
 Comprehendemos, pois, feu grito,
 Nós, foldados do Proscrito,
 Vinte annos gemendo em vão!

A cada um fua crença e dôres,
 Cada qual estreme as côres
 Do pendão que traz por fi;
 Todo branco, é o noffo aqui.
 Mas, fe d'elle voz fagrada
 Nos manda, por gloria herdada,
 Ou morrer ou triumphar,
 Tambem no alto do Calvario
 Outro estandarte, um fudario,
 Manda os triftes consolar.

Porque é de arraial opposto,
 Não córa o tributo o rofto,
 A quem o toma ou quem dá;
 Soldados, luçto de cá!
 É tributo á monarchia,
 Por dois campos n'um fó dia,

Cada qual por sua lei ;
Um faz honras á Rainha,
Outro á Princeza, Sobrinha
D'aquelle que jurou Rei !

III

E eil-a que alli vem sem vida,
Que inda era ha pouco viçosa,
 Como a flôr ;
E, flôr do tufão pendida,
Agora da Mãe, da Esposa,
 Resta a dôr !

Aos filhos não, não lhes basta
Do mundo fallaz ventura
 N'este mal !
Mal em que a terra madraستا
Não basta á faudade pura
 Filial.

Á viuvez que importa o fausto,
Quando uma alma d'outra alma
 Enviuvou ?!
Se enviuvou n'um peito exaustto,
Toda a flôr d'essa êrma palma
 Desfolhou.

E eil-a que alli vem sem vida,
Que inda era ha pouco viçosa,
 Como a flôr ;
E, flôr do tufão pendida,
Agora da Mãe, da Esposa,
 Resta a dôr !

Oremos todos por Ella!
Que na morte renascesse
 Para Deus!
Que Deus, n'aquella hora ao vê-la,
Da dôr escada fizesse
 Para os céus !

Oremos todos; nós temos
D'Innocentes Desterrados
 Uma Mãe;
Mãe e Pae, de quem seremos
N'esta prece acompanhados
 Lá tambem.

E eil-a que alli vai sem vida,
Que inda era ha pouco viçosa
 Como a flôr ;
E, flôr do tufão pendida,
Agora da Mãe, da Esposa,
 Resta a dôr !

Silencio! Eis pára o sahimento ao arco,
D'esse mosteiro que um Affonso ergueu;
O vento agita, derredor dos coches,
Co'a chamma funebre, luçtuoso véu.

Que ponto incerto se defenha no alto,
Como vagando na amplidão do ar!?
E baixa, e baixa, semelhando uma ave,
Que já das azas se sentiu cansar.

Baixou mais perto; e, pairando, vê-se
Mimosa pomba, que dos ceus voou;
Eil-a veloz se precipita agora,
E fobre um carro funeral poifou!

É fobre o carro que levava a c'rôa!
De susto ifenta, como poifa assim?!
E quêda, quêda... mas de novo o carro
Segue o cortejo... levantou por fim.

Já no successo reflectindo o povo,
Decifra avifos, que lhe vem do céu...
E o sahimento se fumiu na Igreja,
D'esse mosteiro que um Affonso ergueu!

O povo, ás vezes, allumiado na alma,
Dizem que as letras do futuro vê;
Ou seja Deus que lhe confia o livro,
Ou seja o povo que por Deus só lê.

O povo é fóra, póde fer que esp'ranças
 Manfo ao ouvido traduzindo ali;
 Da pomba o caso correrá mil boccas;
 Crêem-fe ditosfos os que dizem — vi.

Lá dentro, em tanto, pela nave triste
 Mais triste o orgão na oração gemeu;
 E dos levitas lachrymoso canto
 Ecchoou na Egreja que um Affonso ergueu!

v

De joelhos, foldados, na ultima prece!
 Da loífa na quéda cá finto o fragor!
 E a mystica pomba qual lembra ou esquece
 Dos campos oppostos...? — Rogar ao Senhor!

A pomba da Arca, no ramo colhido,
 Co'as agoas descendo, fallava de paz;
 Findava o castigo, e um povo escolhido
 Á terra um Messias comfigo lhe traz.

Aquella hoje poífa, por nova Sybilla,
 No carro que leva dos Reis o signal;
 Se a c'roa é do reino, na pomba tranquilla
 Tranquillos agouros terá Portugal.

Os campos oppostos fãõ livres nos varios
 Oppostos juizos que podem fazer;
 Que ha outros mais altos, fechados sacraríos,
 A que homens não podem as portas romper.

Confieamos, pedindo; esp'remos que a pomba,
De paz menfageira, da patria por bem,
Não venha hoje ao lado da loífa que tomba
Trazer injustiças, por mal de ninguem.

De joelhos, foldados, na ultima prece !
Da loífa na quéda cá finto o fragor !
De joelhos, que a pomba fó lembra ao que esquece
Nest' hora solemne — Rogar ao Senhor ! »

*João de Lemos — Cancioneiro, tom. 2.º,
pag. 213 e seg.*

(Prim. ed.)

INDICE

	PAG.
Prefacio da terceira edição	5
Semana Litteraria (<i>juízo critico</i> , do Snr. Machado de Affis)	6
Cantos Matutinos (apreciação do Snr. Ribeiro Guimarães)	15
Prefacio da segunda edição	19
Carta do Snr. Antonio Feliciano de Castilho	22
Do Snr. Vegezzi Ruscalla	26
Prefacio da primeira edição	29
A J. Baptista de Almeida Garrett	49

LIVRO PRIMEIRO

I — O Desterrado	51
II — Quinze annos!	53
III — Gloria a Christo	57
IV — A Floresta virgem	62
V	68
VI — No Exilio	70

*

	PAG.
VII — A Madrugada	73
VIII — O Caçador e a Tapuya	75
IX — O Deferto	79
X — Sobre o rochedo	86
XI — O Amazonas	90
XII — A Nuvem e a Tormenta	104
XIII — Fantasia	108
XIV — Meu Pae	116
XV — Filho e Mãe	121
XVI — Só	126
XVII — Garibaldi	129
XVIII — Amor e Dever	140
XIX — A Oração.	142
XX — A Hungria.	147
XXI — A uma Mulher muito feia	157
XXII — A minha Sorte.	161
XXIII — O Jau	164
XXIV — A Onda menfageira.	168
XXV — Primavera	172
XXVI — No Livro de um Pintor	174
XXVII — Amanhã	177
XXVIII — A Vifão	180
XXIX — Á morte do conde das Antas	183
XXX — A Estrella do dia.	186
XXXI — A Liberdade	188
XXXII — Perdôas-me?.	192
XXXIII — O Mosteiro	194
XXXIV — Versos (Recitados no theatro de D. Maria II)	202
XXXV — Aos Campeões da Rofa branca	211
XXXVI — Á gentil Cantora da Rofa encarnada.	216
XXXVII — A Rofa encarnada	220

	PAG.
XXXVIII — Á Dama da Rofa encarnada	223
XXXIX — Ao Cantor da Rofa pallida	226

LIVRO SEGUNDO

I — A minha Mufa	231
II — O Corfario	236
III — Contemplação.	241
IV — Rofas abertas	243
V — A João de Lemos.	248
VI — Olhos negros	252
VII — Se eu a amei!	255
VIII — Anjo-Demonio	259
IX — Afro	263
X — A Mulher de Marmore	265
XI — Soneto (A um bebado).	271
XII — Tristeza	273
XIII — Coquette	276
XIV — O Pranto	282
XV — Não ames	284
XVI — Deves amar	287
XVII — A Portugal	292
XVIII — Perdidos!	294
XIX — Dever	296
XX — A J. J. Taffo	300
XXI — Maria	302
XXII — A Rofa	305
XXIII — Adeus ao Pará	307
XXIV — Quando eu te vi.	319
XXV — Meditação	323
XXVI — O Marinheiro.	326

	PAG.
XXVII — O Diabo	331
XXVIII — A Borboleta	335
XXIX — O Funeral e a Pomba	340
XXX — Os Amores do Poeta	350
XXXI — Medicina de Deus	352
XXXII — Porque choras?	354
XXXIII — A uma Menina	357
XXXIV — A Castella de Avelomar	359
Notas	385

PUBLICAÇÕES BRAZILEIRAS

ROBERTO SOUTHEY

Historia do Brazil, traduzida do inglez pelo dr. Luiz Joaquim de Oliveira e Castro, e annotada pelo conego dr. J. C. Fernandes Pinheiro. 6 vol. em 4.º . . . 10\$000

D. J. G. DE MAGALHÃES

Obras completas. 8 vol. em 4.º 7\$200

Tomo 1.º Tragedias: Antonio José, Olgiate, e Othelo.

» 2.º Poefias avulfas.

» 3.º Suspiros poeticos e faudades.

» 4.º Factos do espirito humano.

» 5.º A confederação dos tamoyos.

» 6.º Opusculos historicos e litterarios.

» 7.º Urania.

» 8.º Canticos funebres.

JOAQUIM CAETANO FERNANDES PINHEIRO

Refumo de historia litteraria. Edição de 1873. 2 volumes grossos em 4.º 4\$500

(Um volume comprehende unicamente a litteratura portugueza e brasileira.)

MANOEL ANTONIO ALVARES DE AZEVEDO

Obras poeticas, precedidas do juizo critico dos escriptores nacionaes e estrangeiros, e de uma noticia sobre o auctor e suas obras, por J. Norberto de S. S. 4.ª ed., inteiramente refundida e augmentada. 3 vol. em 8.º . . . 2\$000

DR. ANTONIO FERREIRA

Obras completas. 4.ª edição, annotada e precedida de um estudo sobre a vida e obras do poeta, pelo conego dr. J. C. Fernandes Pinheiro. 2 vol. em 8.º . . . 2\$000

CASIMIRO J. M. DE ABREU

Obras completas, colligidas e annotadas, precedidas de um juizo critico dos escriptores nacionaes e estrangeiros e de uma noticia fobre o auctor e feus escriptos, por J. Norberto de Soufa Silva. Nova edição, ornada com o feu retrato. 1 vol. 500

A. ESQUIROS

Historia dos martyres da liberdade. Traduzida por A. Gallo, e augmentada com epifodios, tirados da historia do Brazil e da de Portugal. 2 vol. em 4.º . . . 2\$500

VICTOR DURUY

Compendio da historia universal. Traduzido pelo conego Francisco Bernardino de Soufa. 3.ª edição, correcta e augmentada com um appendice de historia contemporanea, por ***. 1 volume em 4.º. 1\$000

LUIZ JOSÉ JUNQUEIRA FREIRE

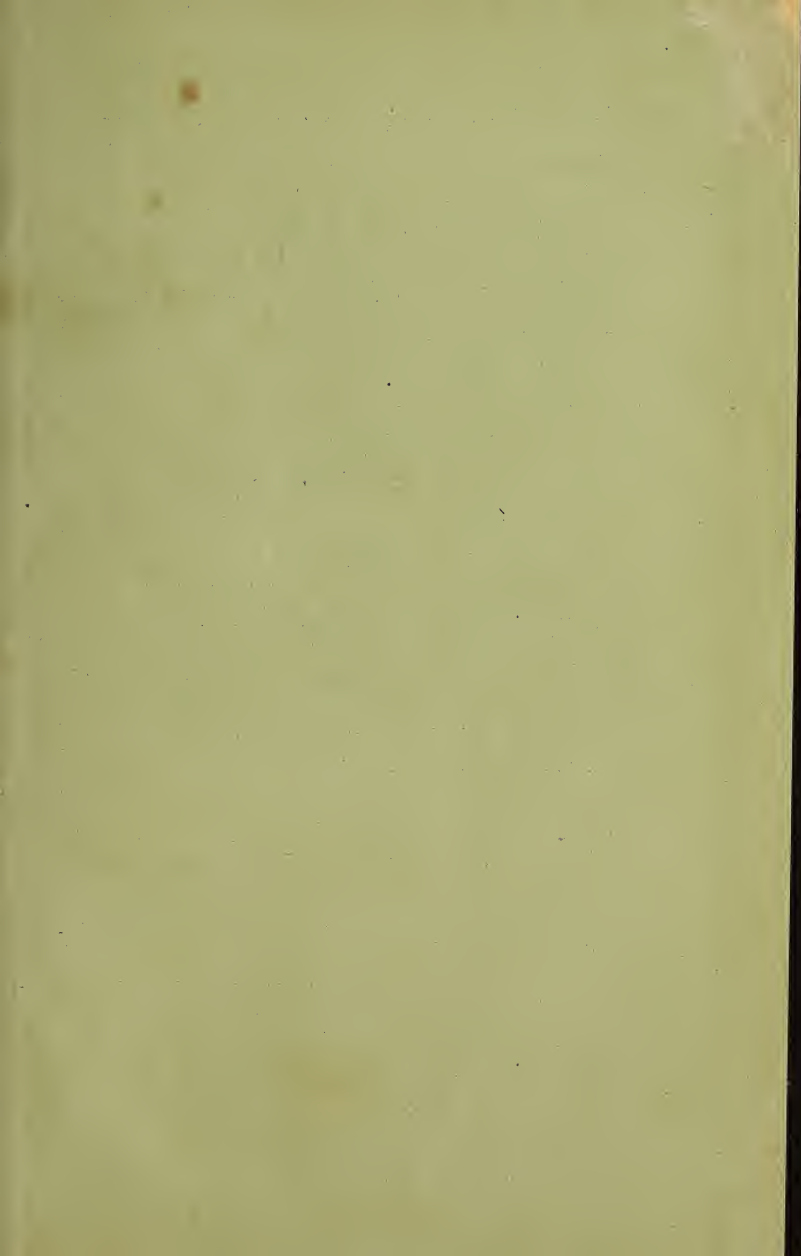
Obras poeticas. 3.ª edição, correcta e acrescentada com um juizo critico, por J. M. Pereira da Silva. 2 volumes em 8.º 1\$250

MANOEL IGNACIO DA SILVA ALVARENGA

Obras poeticas, colligidas, annotadas e precedidas do juizo critico dos escriptores nacionaes e estrangeiros e d'uma noticia fobre o auctor e suas obras, e acompanhadas de documentos historicos, por J. Norberto de Soufa. 2 vol. em 8.º 1\$500

IGNACIO JOSÉ DE ALVARENGA PEIXOTO

Obras poeticas, colligidas e annotadas, precedidas do juizo critico dos escriptores nacionaes e estrangeiros e de uma noticia fobre o auctor e suas obras. 1 volume em 8.º 600



À VENDA NA LIVRARIA CHARDRON

PORTO E BRAGA

VISCONDE DE CASTILHO

Sonho d'uma noite de S. João, drama em 5 actos e em verso (traducção). 1 vol. 600

Camões, estudo historico poetico. 2.^a edição, completamente accrescentada nas notas. 3 vol. 1\$500

Traducção dos Fastos de Ovidio, annotada por mais de 100 escriptores portuguezes contemporaneos. 6 volumes
4.^o 3\$600

F. GOMES DE AMORIM .

Ephemeros. 1 vol. in-12.^o. 800

THEOPHILO BRAGA

Estudos da idade média, contendo: Mythologia iberica. O cyclo de Sam-Graal — Virgilio na idade média — Os contos de fadas — Lenda do Judeu Errante — Lenda do doutor Fausto — Poesia da navegação portugueza — Poesia mystica amorosa — As cartas de uma religiosa portugueza — Os poetas menores — Luta da introducção do romantismo em Portugal. 1 vol. em 12.^o 500

Visão dos tempos, antiguidade homerica, harpa de Israel, ro-

fa-myffica. 2.^a ed., 1871, correcta e augmentada. 1 vol. em 12.^o 500

Cancioneiro e romanceiro geral portuguez, confecção e estudos: 1.^o vol. Historia da poesia popular portugueza. 2.^o vol. Cancioneiro popular. 3.^o vol. Romanceiro geral. 4.^o vol. Floresta de varios romances. 4 vol. em 12.^o. 2\$000

Torrentes, ultimos versos. 1 vol. 600

A. GONÇALVES DIAS

Poesias. 5.^a edição augmentada com muitas poesias, inclusivê os Tymbiras, e cuidadosamente revista pelo snr. dr. J. M., e precedida da biographia do auctor, pelo rev. conego dr. J. C. Fernandes Pinheiro. 2 vol. in-12.^o 2\$000

CUNHA VIANNA

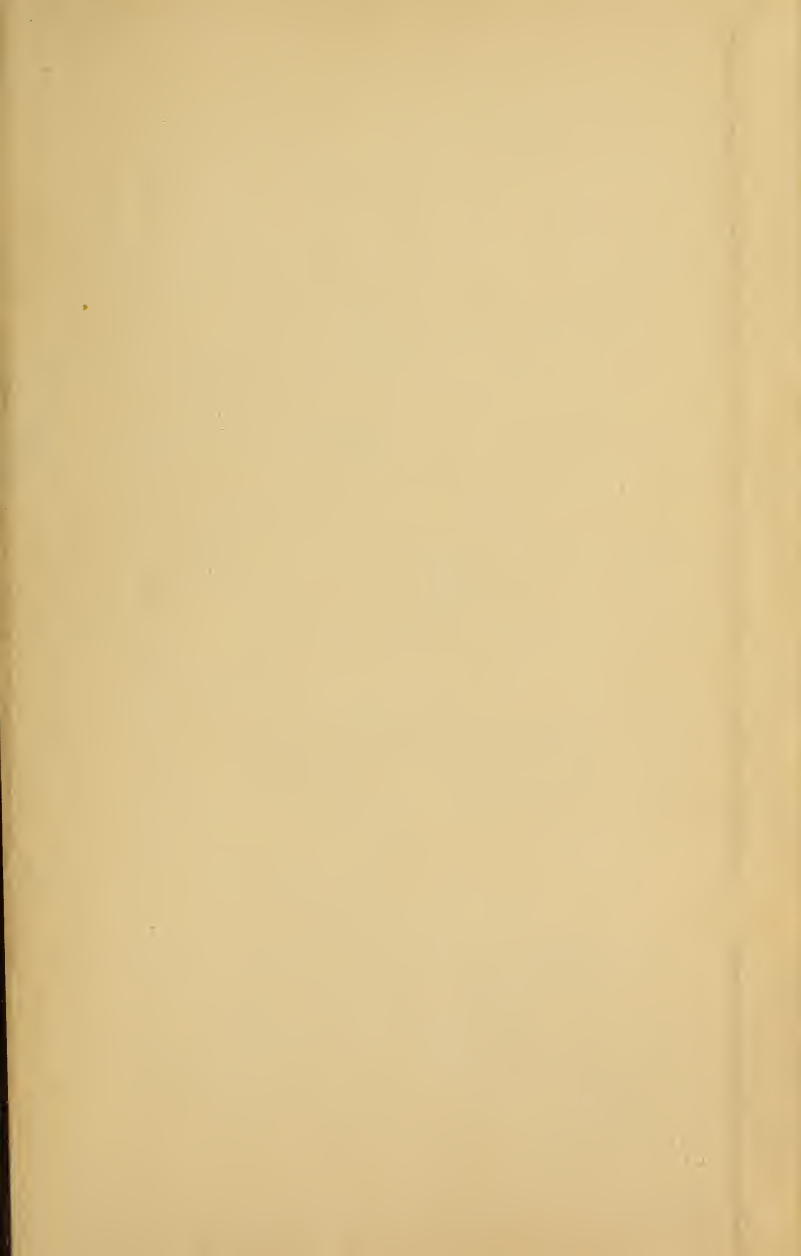
Relampagos, com um prologo por João Penha. 1 vol. 12.^o 400

JOÃO DE DEUS

Ramo de flôres, acompanhado de varias criticas das Flôres do Campo. 1 vol. in-12.^o. 300



AUG 5 1903



LIBRARY OF CONGRESS



0 027 250 905 0